

0 2 4 7 4
5 6 0 2 8 4 1 0 0 1 0 2 1

Integram esta edição semanal, além deste corpo principal, os seguintes cadernos:

ECONOMIA, REVISTA E
e ainda **GESTÃO DE FROTAS**



SUGESTÕES PARA VIVER MELHOR NESTES DIAS

HOJE SORTEIO CARRO ELÉTRICO RENAULT ZOE

Saiba como concorrer em expresso.pt/vidasustentavel



MUITAS IDEIAS PARA FAZER EM CASA



idealista

O portal imobiliário líder em Portugal

28 de março de 2020
2474 • €4

Diretor: João Vieira Pereira
Diretores-Adjuntos: David Dinis, Martim Silva, Miguel Cadete e Paula Santos
Diretor de Arte: Marco Grieco

Expresso

Fundador: Francisco Pinto Balsemão

www.expresso.pt



COVID-19

OS DIAS DE QUEM VIVE E MORRE NO CENTRO DA PANDEMIA

EXCLUSIVO Reportagem nas Unidades de Cuidados Intensivos dos dois maiores hospitais do país. O Expresso acompanhou o trabalho de médicos e enfermeiros e a luta dos doentes mais graves no São João, no Porto (na foto), e no Santa Maria, em Lisboa. A fase mais crítica começou a ser preparada há semanas: surgiram novas camas, foram deslocados recursos humanos e reorganizados os espaços. Há cada vez mais doentes a chegar e o risco de contágio aumenta. Aviso: algumas das imagens publicadas no interior do jornal podem ferir a suscetibilidade dos leitores. FOTORUI DUARTE SILVA P8a10

24h

Expressinho de volta

A partir de sábado, o Expresso volta a oferecer o Expressinho, um suplemento destacável da Revista E dedicado aos mais novos. Todas as semanas são oito páginas cheias de atividades para fazer em família.

Mudança da hora

Na madrugada de 29 de março (de sábado para domingo), a hora local muda para o regime de verão. Em Portugal Continental e na Madeira, à uma hora deve adiantar o relógio 60 minutos.



Governo vigia ruas para decidir se aperta estado de emergência

- ➔ Novas medidas podem adiar pico da pandemia ➔ Regresso à normalidade será lento e gradual
- ➔ Pode começar no interior e nas escolas pelos jardins de infância e ensino básico ➔ Rio recusa bloco central mesmo em cenário de emergência ➔ Carlos Costa diz que sem coronabonds zona euro pode quebrar ➔ Guia das medidas para famílias e empresas P6, P14, E8 e E10

Ordem dos Médicos pondera usar fármaco não testado para prevenção P12

mantovani
Cozinha e Banho

www.mantovani.pt

BARROSO ALERTA PARA RISCO EXISTENCIAL DA UE P16

POLÍCIAS JÁ CARREGAM COMPRAS DE IDOSOS P24

FALTA DUPLICAR VENTILADORES E FAZER TRÊS VEZES MAIS TESTES P18

O QUE MUDA NO MUNDO DEPOIS DA COVID-19 P20eR30

COMO A CHINA ESTÁ A USAR A PANDEMIA PARA CONTROLAR O MUNDO R22



PARA SUA SEGURANÇA, A CAIXA ESTÁ EM SUA CASA. UTILIZE OS CANAIS DIGITAIS.

CONFIANÇA FEITA DE CERTEZAS.

cgd.pt



João Vieira Pereira

COSTA ESTÁ (INFELIZMENTE) CERTO

Este é tempo de ação, não de inação. De decisões. O tempo do vírus galopa desalinado com o tempo da política. Os governos, seus políticos e burocratas, andam tontos. Nada é previsível, não há modelos que mostrem o que vai acontecer. As medidas apresentadas perdem o prazo de validade no momento em que são destapadas. Como travar e que respostas dar? Não há como.

Hoje admitimos, aceitamos e aplaudimos um primeiro-ministro que vai à televisão dizer que está de mãos atadas, que não tem soluções. António Costa admite a sua incapacidade, diz que vem aí um *tsunami* económico e que não há boia que nos salve. Resta-nos deixar ir e esperar o melhor. Não era a mensagem que se esperaria de um primeiro-ministro, mas, em vez de a oposição o atacar, de os analistas o criticarem, fez-se silêncio. Ficamos a olhar para ele com compaixão. Porque ele está certo. Terrível e assustadoramente certo.

Devia ter sido feito mais e há mais tempo. O dinheiro tem de chegar às empresas e destas às famílias. É preciso garantir que o Estado faça o que dele se espera. Que garanta, que aja, que proteja quando tudo se desmorona. Tentar garantir a normalidade é o caminho escolhido. Ainda estamos no tempo de salvar vidas, no tempo de contar os mortos e não no tempo de olhar para o futuro. Mas o tempo do vírus galopa e ameaça fazer o mundo recuar para o passado.

Finalmente, depois de muitas hesitações, chegaram as medidas que se pediam há semanas. Garantir que as empresas afetadas podem reduzir drasticamente os seus custos, que as pessoas que foram forçadas a deixar de trabalhar continuam a receber o seu ordenado, que existe a possibilidade de a banca congelar créditos, de não se pagar rendas. São boas medidas. Mas podem não chegar, muito provavelmente adiam o problema para daqui a dois ou três meses.

Para que as medidas funcionem é necessário a conjugação de várias coisas, algumas delas quase impossíveis. Mário Centeno tem de deixar de esperar pela Europa, abandonar o estado de inação em que parece ter entrado e garantir que o dinheiro chega já às empresas. Se forem estas que têm de adiantar o dinheiro e esperar que depois o Estado pague, então a opção dos empresários vai ser a de continuar

a despedir, tal como já fizeram até agora. É errado, mas compreensível. Isto leva-nos à outra prioridade, garantir que o Estado paga rapidamente as dívidas que tem em atraso. É preciso também garantir que a máquina burocrática do sector público funciona. Máquina que nunca foi muito eficiente, nem muito rápida, com a agravante de que hoje está a trabalhar a partir de casa. E mesmo que tudo isto funcione na perfeição — que Centeno perceba, que o Estado pague, tudo, e que o faça rapidamente —, o que vamos encontrar quando a normalidade voltar?

A sociedade e a economia serão necessariamente diferentes, mais tecnológicas, mais virtuais, menos dependentes das relações humanas, do comércio de proximidade e do internacional. Provavelmente assistiremos ao regresso de indústrias que fugiram para a China de forma a garantir cadeias de abastecimento. Aumentará a força do Esta-

Ainda estamos no tempo de salvar vidas, no tempo de contar os mortos e não no tempo de olhar para o futuro. Mas o tempo do vírus galopa e ameaça fazer o mundo recuar para o passado

do e a pressão das nacionalizações. Tal como o 11 de Setembro mudou como andamos de avião, também este vírus mudará como voamos e a frequência das viagens. E o turismo, aquele que foi a nossa boia de salvação durante o anterior *tsunami*, não será o mesmo. Ainda hoje o Norte de África não recuperou da primavera árabe. E a juntar a isto tudo a queda do imobiliário. O que vão fazer os estrangeiros, a maior parte deles já idosos, que se mudaram para este pequeno paraíso. Ficam ou regressam? Arriscam o nosso SNS ou o sistema deles? Alguma fuga, mesmo que irracional, será inevitável e com ela desaparecem os preços astronómicos. Mas há algo que fica, as dívidas de quem não teve outra hipótese senão pagar caro por uma casa.

Quando a normalidade chegar, as empresas estarão mais endividadas, as famílias mais endividadas e o Estado muito mais endiviado. Quando voltar a normalidade, o que ficou para trás terá de ser pago, juntamente com os custos de arrancar outra vez.

O *tsunami* destrói tudo e só deixa devastação. António Costa está certo, muito certo sobre o que está para vir. jvpereira@expresso.imprensa.pt

Duelo Dois economistas olham para uma das perguntas do momento. Saber quanto tempo e de que forma vamos sair desta crise

João Duque



Economista, professor do ISEG



Ricardo Paes Mamede

Economista, professor do ISCTE

A RECUPERAÇÃO VAI SER RÁPIDA?

SIM O muito ou pouco tempo para a recuperação da economia depende da situação em que se está, e por isso quase que podemos aplicar aqui as palavras de Einstein: um minuto com a mão num forno quente parece uma hora, mas uma hora passada com uma bonita rapariga parece apenas um minuto.

Para um empregador que vai gerindo o negócio apertado entre pagamento dos seus compromissos a fornecedores, rendas, empregados, segurança social, impostos e bancos, cada dia que passa na atual rutura de tesouraria e perda de encomendas parece um mês de amargura. Para um desempregado, a quem nem a emigração pode valer, cada dia que passa é um mês de angústia. Até a clausura forçada lhe tolhe a luta para reentrar no mercado de trabalho. Já para um funcionário público, mesmo que em quarentena, com o ordenado garantido, a angústia é grande mas a preocupação é exclusivamente sanitária.

Sendo esta crise promovida por um choque externo, creio que se vai recuperar de modo mais célere do que a anterior! Na crise anterior observámos quedas do PIB em quatro dos cinco anos, entre 2009 e 2013. Agora, acredito que a queda do PIB no 2º trimestre de 2020 será muito acentuada. Mas, admitindo que a quarentena tem sucesso e contando com algum avanço no campo médico, creio que a recuperação se comece a verificar no 3º e no 4º trimestres de 2020. Não creio, como afirma Mário Centeno, que no último trimestre de 2020 estaremos ao nível do trimestre homólogo do ano anterior. Ele acredita numa crise de formato em “V”. Eu acredito num “V” assimétrico, em que a pendente da descida é muito mais acentuada que a da subida.

Nesta crise, com a nossa economia mais aberta e dependente das exportações, estamos mais dependentes da intensidade e do *timing* da recuperação das economias que importam os nossos bens, nomeadamente a europeia, e em particular a espanhola. Aliás, o desfazamento da crise sanitária no planeta é uma das razões que inibirão uma recuperação mais rápida global. Mas há ainda um efeito a contar: a capacidade que temos para aprender a trabalhar num novo ambiente. Irão surgir as formas mais extraordinárias de atividade e resiliência que hoje não imaginamos. É essa capacidade prodigiosa do homem em ambiente de liberdade económica que surpreende os detratores da economia de mercado.

Arrisco um palpite para 2020: uma queda do PIB entre os 4,7% e os 7,3%, para regressarmos à normalidade de crescimentos anémicos em 2021.

Estará o Estado e o Governo à altura de saberem estimular os agentes económicos para essa recuperação?

NÃO Pedem-me para adivinhar o futuro. Não é fácil fazê-lo em tempos de incerteza extrema. Os empresários que o digam. São milhares os que hoje ponderam o que fazer aos negócios. Muitos eram rentáveis até há pouco. As receitas vão cair a pique. Durante semanas, ou meses. Entretanto, há despesas a que não escapam (salários, rendas, juros, energia, impostos, contribuições). Mesmo que as possam adiar ou pagar só em parte, elas estão lá.

A incerteza sobre as receitas e a certeza dos custos criam a dúvida: o problema é de liquidez ou de solvabilidade? Para muitos, a diferença é crítica. Num caso, trata-se de aguentar até virem melhores dias. No outro, de assumir dívidas que poderão não conseguir pagar.

O apoio público ajuda, pelo menos aos que a ele têm acesso. Mas não resolve. As linhas de crédito reduzem os custos de financiamento. Os *lay-offs* ajudam a pagar salários e aliviam as contribuições. O adiamento das obrigações fiscais e a eventual moratória dos créditos respondem à falta de liquidez. Mas as despesas — mesmo que diferidas, mesmo que um pouco menores — continuam lá. Quanto às receitas, ninguém sabe se e quando virão.

Alguns exigem mais apoio. Mas a situação do Estado não é muito melhor. Portugal não tem moeda própria. O Banco Central Europeu está proibido de financiar diretamente os Governos. A bazuca do BCE mantém os juros baixos, é certo. O mesmo farão as *euro-bonds*, se vierem a existir. Mas, de uma forma ou de outra, o Estado

tem de contrair dívida.

Isto não teria de ser um problema: ao contrário das empresas, os países podem falir, mas raramente desaparecem. Em tese, teriam uma eternidade para pagar aos credores. Mas na UE não funciona assim. Há regras sobre a dívida pública que impõem limites ao que os Estados podem fazer. Aumentar muito a dívida hoje condenaria o país a uma austeridade reforçada durante anos.

Perante tudo isto, muitos empresários optam mesmo por fechar as portas. Os trabalhadores perdem o emprego, os fornecedores perdem clientes. Há menos consumo e menos investimento. Os preços do imobiliário caem, os das ações também. Quem contraiu crédito para comprar a sua casa ou investir em negócios fica com dívidas para pagar e com ativos que valem pouco.

Tudo isto se agrava em países que dependem muito do turismo e onde a robustez financeira das empresas é menor. A paragem sanitária das nossas sociedades até pode vir a ser mais breve do que julgamos. Ainda assim, deixará marcas duradouras nas economias.

Acredito que a queda do PIB no 2º trimestre de 2020 será muito acentuada

A paragem até pode vir a ser mais breve do que julgamos. Ainda assim, deixará marcas

A Semana

Por MARTIM SILVA
mgsilva@expresso.imprensa.pt

WOODY ALLEN

Aos 84 anos, o norte-americano é dos mais conceituados cineastas do planeta. Mas as acusações de abusos sexuais sucederam-se nos últimos anos, empalidecendo a sua estrela. Agora, Woody Allen defende-se numa autobiografia, lançada esta semana. “Apropos of Nothing”.

RECESSÃO

O Banco de Portugal avançou dois cenários para a evolução da economia portuguesa este ano. Num, o PIB cai 3,7% e o desemprego dispara para 10,1%. Noutro, a recessão chega a 5,7% e a taxa de desemprego atinge 11,7%.

SOMÁLIA JÁ PODE REGRESSAR AOS MERCADOS

Fundo Monetário Internacional e Banco Mundial anunciaram que a Somália cumpriu todos os requisitos para começar a receber um perdão de dívida, permitindo-lhe de imediato normalizar a relação com os mercados financeiros.

MENOS LUZ

O consumo de eletricidade em Portugal cai 16% desde o início do mês. É certo que as pessoas estão em casa, mas ainda assim a queda justifica-se pela redução de atividade de diversas fábricas e clientes empresariais.

REVOLTA NO BARCELONA

O clube catalão pretende reduzir os ordenados dos seus atletas em 70% durante o isolamento, mas os jogadores não concordam.

ALERTA DA FAO

A organização para a alimentação e agricultura da ONU veio fazer o alerta: a

pandemia de coronavírus pode provocar fome. O risco de alguns Governos restringirem a exportação e importação de alimentos é real.

PAZ NO IÉMEN

A guerra no Iémen opõe há mais de cinco anos os rebeldes huthis, apoiados pelo Irão, às forças leais ao Governo reconhecido pela comunidade internacional. O cessar-fogo surge perante a ameaça de propagação do novo coronavírus.

RAPTO NO MALI

O líder da oposição no Mali, Soumaïla Cissé, desapareceu esta

quarta-feira, enquanto fazia campanha no centro do país, tendo sido raptado.

MORTE DE FUNDADOR DO PS

Morreu esta semana o antigo deputado constituinte e membro fundador do Partido Socialista João Gomes, aos 86 anos. Chegou a ser secretário de Estado da Comunicação Social num Governo liderado por Mário Soares, nos anos 70.

ISABEL DOS SANTOS

NOS substitui administradores ligados a Isabel dos Santos por administradores ligados a Isabel dos Santos...



LISBOA O nosso fotógrafo andou pela capital e captou imagens de vários locais, antes e depois da pandemia. O resultado impressiona (ver fotogaleria completa no nosso site). FOTOS ANTÓNIO PEDRO FERREIRA



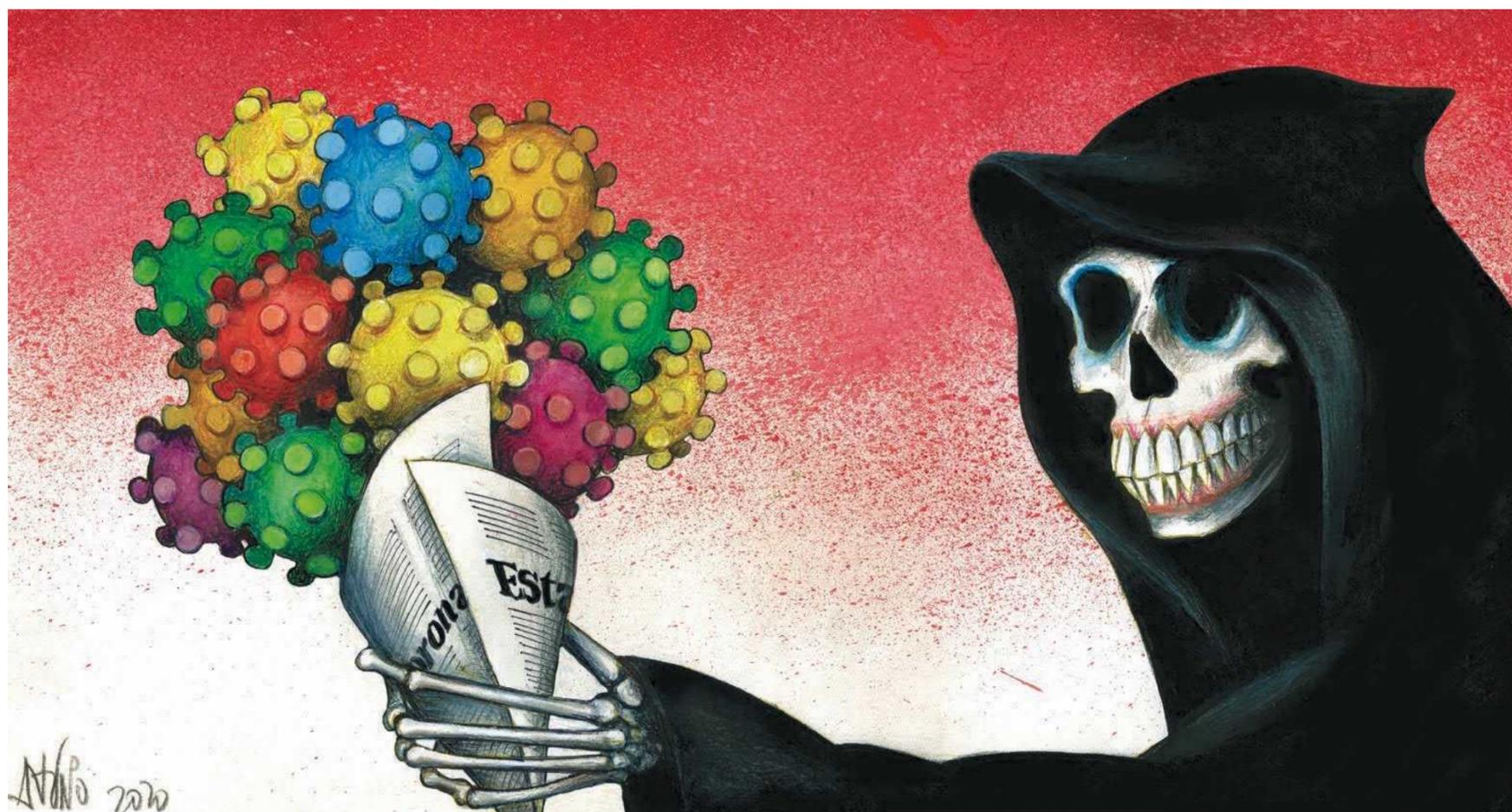
“A pior coisa que podia acontecer era suprimir a doença em países desenvolvidos e deixá-la espalhar-se como fogo no mundo em desenvolvimento, onde então milhões de transmissões teriam lugar”

ANTÓNIO GUTERRES, secretário-geral da Organização das Nações Unidas

1/3

O acelerar da pandemia do novo coronavírus faz com que, nesta altura, um terço dos habitantes do planeta se encontre sob medidas de isolamento e limitação das liberdades

O Cartoon de António O presente



Aluta contra a atual pandemia é o maior desafio enfrentado pela sociedade portuguesa nas últimas décadas. Iremos assistir a grande destruição humana e material. Poderemos ver profunda comoção social e política. O que está em causa é o nosso modo de vida como sociedade aberta, desenvolvida e democrática. Numa palavra, Portugal está em guerra.

Como em qualquer guerra, a principal questão que temos pela frente é estratégica. No entanto, nas redes sociais, nos *media*, e mesmo no discurso político, este facto central parece esquecido. Os aspetos técnicos da situação — os dados epidemiológicos, as alterações ao quotidiano — são de tal forma graves que monopolizam a nossa atenção.

Não deveria ser assim. Claro que qualquer estratégia terá de se adaptar à evolução da informação técnica disponível. É certo que não sabemos ainda tudo sobre o inimigo — quais as taxas reais de infeção e letalidade do vírus, qual o seu período de incubação, quais as taxas de imunidade natural, etc. Mas sabemos o suficiente para delinear uma estratégia. É essa a questão essencial dos nossos dias, que deveria tomar toda a energia dos nossos líderes.

A estratégia é a arte de organizar recursos limitados em prol de um objetivo: derrotar a covid-19. Uma estratégia eficaz obriga a reconhecer os traços fundamentais do conflito. A vitória sobre a covid-19 só chegará quando todos tivermos acesso a tratamentos ou vacinas eficazes. Não sabemos quando isto irá acontecer. Mas sabemos que demorará muitos meses; mais do que aquilo que é exequível mantendo as fronteiras fechadas e o país em isolamento social.

Assim, o distanciamento social que Portugal implementou na última semana — e que continuará a ser necessário por mais alguns meses — é apenas um elemento numa estratégia que terá de ser mais vasta. Por mais dramática que se torne a situação, estas medidas são apenas um compasso de espera e não levarão por si à vitória. Estamos a comprar tempo que temos de usar para preparar uma estratégia ofensiva.

Dada a magnitude da ameaça que Portugal enfrenta, uma estratégia capaz de derrotar a covid-19 terá de mobilizar a totalidade dos recursos humanos e materiais da sociedade portuguesa e de obter o apoio dos nossos aliados na UE. A definição desta estratégia e a mobilização destes recursos é a principal tarefa

Alma Grande
A crónica do convidado

Tratar, testar, apoiar: uma estratégia para Portugal

Nuno
Monteiro



Professor na Universidade de Yale aponta desafios estratégicos para enfrentar a crise, como o de dotar o sistema de saúde de todos os recursos necessários para não colapsar. Ou desenvolver um plano para o país voltar aos níveis de riqueza de fevereiro

que enfrenta a nossa liderança política. (Aqui estamos mais bem servidos do que países como o Brasil ou os EUA, que se deparam hoje com uma situação perfeita para demonstrar o enorme risco que é eleger charlatões como líderes.)

Quais são então os contornos de uma estratégia nacional para derrotar a covid-19? Para maximizar a probabilidade de vitória, uma estratégia deverá assentar em três pilares.

TEMOS DE AFETAR RECURSOS HUMANOS E MATERIAIS AO SISTEMA DE SAÚDE, SEM FAZER COLAPSAR A SUA CAPACIDADE DE RESPONDER A TODAS AS OUTRAS NECESSIDADES

Primeiro, aumentar a capacidade de combate na frente de batalha, que é o SNS. Este pilar é incontroverso. Temos de afetar recursos humanos e materiais ao sistema de saúde, e de reorganizar de modo a maximizar a sua capacidade de resposta à pandemia sem fazer colapsar a sua capacidade de responder a todas as outras necessidades de saúde dos portugueses. “Whatever it takes; no questions asked.”

Segundo, traçar um plano para minimizar a capacidade que o inimigo tem de nos causar destruição humana e material. Para tal, temos de tornar possível testar todos os residentes em Portugal regularmente em dois aspetos: infeção e imunidade. Imunidade, porque a única forma de manter a sociedade a funcionar durante os longos meses que aí vêm é perceber quem se pode expor sem risco. Será este contingente — crescente à medida que a grande maioria dos infetados recuperem e que a imunidade de grupo aumente — que irá manter serviços e atividades produtivas es-

se em funcionamento. Como em qualquer guerra, a profissão de cada um em período de paz poderá não ser a forma mais produtiva de se ocupar durante esta crise. Teremos de ser flexíveis e manter em mente o bem comum.

Terceiro, temos de desenvolver um plano para preservar uma sociedade com níveis de bem-estar semelhantes aos que tínhamos no passado mês de fevereiro, que ago-

TEMOS DE TORNAR POSSÍVEL TESTAR TODOS OS RESIDENTES EM PORTUGAL REGULARMENTE EM DOIS ASPETOS: INFEÇÃO E IMUNIDADE

ra nos parece infinitamente longe. A guerra contra a covid-19 custará a Portugal muitos milhares de milhões de euros em decréscimo produtivo. Isto representará um choque enorme nas receitas das empresas e no rendimento das famílias. Este é porventura o aspeto mais delicado da crise, por tocar em questões sobre as quais o sistema político dificilmente responderá consensualmente. A meu ver, é uma questão de perspetiva: todos os gastos que o Estado português faça para manter empresas e famílias a flutuar devem ser vistos não como despesa mas como um investimento na nossa sobrevivência como sociedade. É fundamentalmente para enfrentar situações como esta que o Estado se deve endividar em grande escala. (Claro que seria melhor se não nos tivéssemos endividado tanto em tempo de vacas gordas...) Portugal deverá garantir que cada cidadão saia da crise numa situação próxima da que tinha quando o vírus chegou. Aqui, o apoio da UE, mutualizando a dívida dos Estados membros pela emissão dos chamados *coronabonds*, será essencial. Se afundarmos a economia para combater a covid-19 teremos, como dizem os ingleses, atirado fora o bebé com a água do banho — a vitória terá sido pírrica.

Resta saber se o esforço de guerra nos obrigará a reorganizar temporariamente o Estado e a sociedade. Esta é a dimensão mais perigosa do problema. Teremos de equilibrar objetivos opostos, maximizando a eficácia da máquina de guerra mas garantindo o retorno das liberdades constitucionais depois da crise. Desde logo, devemos contemplar a necessidade de criação de um governo de salvação nacional que permita gerar consensos políticos amplos. Mais, devemos admitir a necessidade de mobilizar as forças armadas num papel ativo no combate à covid-19. A instituição militar é vocacionada para tarefas logísticas complexas e de elevado risco pessoal: montagem de hospitais de campanha, testagem em grande escala, reforço da segurança territorial. Por fim, não devemos excluir a possível nacionalização temporária de organizações essenciais (empresas, hospitais privados), nem podemos excluir a possibilidade de ter de mobilizar cidadãos que sejam imunes à covid-19 para realizar tarefas centrais ao esforço nacional.

Estes são tempos excecionais. Apenas uma visão estratégica clara e uma capacidade de sacrifício sem precedentes nos permitirão superar a crise.

ALTOS



António Guterres
Secretário-geral das Nações Unidas

Num momento em que faltam referências mundiais de peso a apelar ao bom senso e à entreaduda no combate a uma pandemia que não conhece fronteiras, destaca-se o secretário-geral da ONU. Guterres considera que o mundo está a perder a guerra contra o coronavírus e enviou uma carta aos líderes do G20 onde defende que seria grave que os países evoluídos eliminassem a doença, deixando que se espalhasse nos países em desenvolvimento.



Pedro Siza Vieira
Ministro da Economia

O novo pacote de medidas anunciado pelo Governo não merece aplausos óbvios por parte dos empresários portugueses, a quem falta liquidez e respostas rápidas para acudir aos problemas. Mas a disponibilidade concedida nas regras de acesso ao *lay-off* simplificado, com vários ajustamentos, pode ser um caminho no sentido de acabar com a burocracia que emperra os processos. Num cenário marcado por novas preocupações diárias, esperam-se acertos constantes.



Isabel Mota
Presidente da Fundação Gulbenkian

A Fundação criou um fundo de emergência de 5 milhões de euros para apoiar a sociedade portuguesa no combate à epidemia da covid-19. Saúde e Ciência são duas das áreas em que a Fundação quer investir. É um exemplo, entre vários da sociedade civil, fundamental nos dias que correm.

E BAIXOS



Charles Michel
Presidente do Conselho Europeu

A presidente da Comissão Europeia tinha anunciado a flexibilização das regras que obrigavam os países da UE a cumprir um défice máximo de 3% do PIB, como se fosse a solução para tudo. Limitou-se a confirmar o que era inevitável. O presidente do Conselho tem a tarefa de procurar uma solução comum entre os Governos comunitários para responder à crise. Voltar a ver alguns países europeus mais ricos a recusar um plano comum de apoio com argumentos de gestão económica local é inaceitável e é nestes casos que se medem as lideranças.

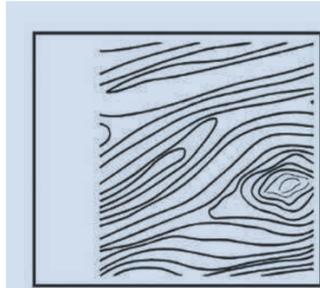


Jair Bolsonaro
Presidente do Brasil

O Presidente brasileiro quer a reabertura de escolas e do comércio e defende o fim do isolamento. Trata a pandemia como uma “gripezinha” e diz que o povo brasileiro tem “anticorpos”. Não se trata apenas de não seguir as orientações da OMS, Bolsonaro é um adversário assumido das medidas de segurança, num país onde já morreram mais de 70 pessoas e há cerca de três mil infetados.

PAULA SANTOS
paulasantos@expresso.imprensa.pt

EM DESTAQUE



VIDASUSTENTÁVEL

Nada muda se não mudarmos



Qual é o nosso impacto no planeta? E o nosso papel enquanto pais, leitores, cidadãos e consumidores? Qual é a responsabilidade do Estado? E das empresas? O que precisa de mudar? Durante 100 dias, o Expresso e a EDP trazem à terra o debate sobre o nosso futuro. Porque os problemas do planeta começam na nossa vida, nas nossas cidades e no país, vamos dar-lhe ideias de como podemos ser mais sustentáveis. Acompanhe no Expresso e em expresso.pt/vidasustentavel. Participe, discuta e influencie a forma como olhamos para estes desafios. Porque a única certeza é a que está na assinatura deste projeto — Nada muda se não mudarmos

NESTA EDIÇÃO

60% das plantas avaliadas estão em risco de extinção. 19 espécies de flora já desapareceram e 381 seguem o mesmo caminho **P28**

Jorge Miranda, constitucionalista e um dos pais da nossa Lei Fundamental, fala sobre a ligação entre o ambiente e as leis **P15**

A Minha Pegada: “De cabeça lavada” Enchemos a palma da mão com champô todos os dias, sem pensar. Esse gesto tem um preço. A boa notícia é que ele depende de cada um **P28**

Emergência A crise poderá ser mais longa e ainda mais restritiva. Costa quer responsabilidade partilhada, de Marcelo aos partidos. Peritos traçam cenários de saída lenta

Governo vigia ruas e estradas. Restrições podem subir

Texto LILIANA VALENTE, MIGUEL SANTOS CARRAPATOSO e VERA LÚCIA ARREIGOSO

Este fim de semana, o primeiro das férias da Páscoa, vai servir de prova dos nove. As forças de segurança terão olhar redobrado à circulação de pessoas e a monitorização dos comportamentos dos portugueses servirá de bitola para a decisão de acentuar medidas aquando da renovação do estado de emergência por mais 15 dias, que terá de ser tomada até quinta-feira. Tudo o que está para vir “depende essencialmente da adesão dos portugueses às medidas de contenção”, explicam ao Expresso peritos que têm acompanhado o processo. É alertam: Não se pense que foram exemplares. Temos várias evidências de que não o foram.

Face aos sinais preocupantes, os especialistas ouvidos pelo Expresso garantem que a situação de exceção “não se vai resolver em poucas semanas. Enquanto a curva epidémica não tombar significativamente, recomendamos e recomendaremos que as medidas são, no mínimo, para manter” A expressão “no mínimo para manter” dá corpo ao que já corre no Governo. Em cima da mesa, dependendo dos dados recolhidos nestes dias, poderão estar “ajustes” ou “acertos” ao decreto-lei, apertando a malha durante a segunda fase do período de emergência.

O que será feito depende dos dados recolhidos pelas forças de segurança

e pelos delegados de saúde, que coligem informação para a Estrutura de Monitorização do Estado de Emergência, coordenada pelo ministro da Administração Interna. Eduardo Cabrita deu ontem mais instruções às forças de segurança sobre como devem atuar neste fim de semana “relevante”, não só porque é o primeiro desde a declaração oficial do estado de emergência, como por marcar o início das férias escolares, onde vários pais ficarão com os filhos. Ontem, ficou já a ordem expressa: as viagens rodoviárias estão proibidas durante o fim de semana de Páscoa. É também um sinal. “É importante que as pessoas saibam que a Páscoa não será de reencontro familiar e celebrações”, diz a ministra da Presidência, Mariana Vieira da Silva, ao Expresso.

Para o Executivo, o decreto do estado de emergência, tal como está, impede a circulação e os encontros familiares alargados. Mas as clarificações podem tornar mais afirmativa a mensagem a passar à população, podendo haver limitações às distân-

DEPENDENDO DOS DADOS RECOLHIDOS, O GOVERNO PODE LIMITAR AS DISTÂNCIAS PERMITIDAS OU AGRAVAR SANÇÕES

Crise Centeno controla apoios, trauma de 2008 pesa

Centeno abre os cordões, mas quer manter o controlo (possível) das contas. A preferência é por medidas com enquadramento europeu

Com uma dívida pública altíssima, a flexibilização das metas orçamentais nem chega a ser um placebo para o que Portugal tem de fazer. Mário Centeno diz que os países devem fazer tudo o que é possível e não olhar para o orçamento, mas é o próprio líder do Eurogrupo que, dentro de portas, tem um apeto para resolver. O défice não é assunto, a dívida sim. É por isso que a gestão das medidas adotadas está a ser num equilíbrio entre as medidas de injeção direta de dinheiro do Estado e medidas que tenham o enquadramento europeu, como as linhas de crédito.

Centeno diz que “nunca o país esteve tão bem preparado”, com uma margem mais confortável, mas o pote tem fim. “A situação de que Portugal

parte para esta crise, tanto em matéria de dívida pública como em matéria de défice, permite ter maior margem, mas não infinita margem”, diz em entrevista ao Expresso a ministra de Estado e da Presidência, Mariana Vieira da Silva.

As limitações, também sentidas por países como Itália ou Espanha, obrigam a uma preocupação pelo controlo, de que o ministro das Finanças não abre mão. Como o lençol não estica, o Governo gere as prioridades: “A nossa preocupação com a sustentabilidade não se atenua. Sabendo nós que temos de acudir a várias dimensões deste problema, gerimos a dimensão de cada apoio e os apoios são muito significativos”, acrescenta a ministra. A prioridade, refere Mariana Vieira da Silva, é a de “segurar o emprego” mais “do que enquadrar lições”.

Mas as lições da crise de 2008 estão bem frescas. O próprio primeiro-ministro o tem referido nestas semanas sobretudo quando faz pressão alta por maior apoio europeu (ver texto pág. 17).

Estas medidas agora tomadas são, assim, só um “ventilador para as empresas”, explicou o ministro da Economia, Pedro Siza Vieira. Têm como base o segundo trimestre do ano, até ao final de junho, mas a margem depende da duração da crise e essa é imprevisível. “Definimos as medidas que consideramos serem as fundamentais neste qua-

drô de um trimestre de emergência. O seu custo final depende do tempo em que for necessário” mantê-los, acrescenta Mariana Vieira da Silva.

Se ainda valesse a regra dos 3% que foi entretanto suspensa, Portugal, tendo em conta o excedente de 0,2% registado em 2019, teria uma almotofada de mais de €6 mil milhões, folga que desaparece quase e só com duas medidas: o pagamento de parte dos salários de trabalhadores em *lay-off* (€1000 milhões por mês) e a medida de apoio aos pais que têm de ficar em casa (cerca de €300 milhões por mês). Em três meses consomem cerca de €4 mil milhões.

É neste horizonte temporal que o Governo trabalha e pode ser o horizonte que consome, de uma assentada, a margem de Centeno. Esta pode valer pouco se a retoma não estiver logo ao virar da esquina. Centeno acredita na retoma: os cenários em que está a trabalhar são no sentido de uma “recuperação da normalidade no resto do ano”. Há muitas variáveis a contar para este cenário, que parece mais um desejo. Com uma descida abrupta da atividade económica, os rácios da dívida pública aumentam exponencialmente, não só pela quantidade de dinheiro que se pede emprestado, mas porque o bolo do PIB é menor. É este o fantasma que assombra a gestão das contas públicas. L.V.

GLOSSÁRIO DO VÍRUS

SARS-CoV-2

■ **Sigla** O nome por extenso do vírus é Severe Acute Respiratory Syndrome-Coronavirus-2. Ou, em português, Síndrome Respiratória Aguda Grave-Coronavirus-2. O novo coronavírus, que já matou mais de 20 mil pessoas, surgiu em dezembro de 2019

Covid-19

■ **Doença** Provocada pelo SARS-CoV-2, nem sempre se manifesta em pessoas infetadas com este coronavírus

Pandemia

■ **Classificação** Declarada a 11 de março pela OMS, depois de atingir mais de 100 países, classifica a propagação de uma nova doença à escala global

Curva epidémica

■ **Propagação** Traduz o ritmo de transmissão; a dúvida está em saber se se consegue evitar um crescimento exponencial e, assim, achatar a curva

Quarentena

■ **Distanciamento 1** Medida preventiva de restrição de interação social por 14 dias (período potencial de incubação) de quem contactou com alguém infetado



Costa chamou Marcelo, Ferro e partidos para partilhar cenários da crise. Emergência vai ser prolongada com consenso
FOTO RODRIGO ANTUNES/LUSA

COMO COSTA GERIU A REUNIÃO

Sobram as dúvidas e há poucas respostas definitivas. Foi com essa sensação com que saíram muitos dos intervenientes da cimeira que juntou Marcelo, Costa, Ferro Rodrigues, líderes partidários, representantes sindicais e de empresários, técnicos da DGS e do Instituto Ricardo Jorge: não há um caminho claro para regressar à normalidade, nem tão pouco um calendário rigoroso. Os avisos desta semana da OMS (de olhos postos em Donald Trump e em Jair Bolsonaro, decididos a retirar as restrições já na Páscoa) foram claros: “A última coisa de que qualquer país precisa agora é de reabrir escolas e negócios e ser forçado a fechá-los novamente por causa de um ressurgimento do vírus.” Não há uma segunda oportunidade para fazer as coisas bem, e o Governo sabe-o.

“Não houve compromissos e eles assumiram que a margem de erro, neste momento, é ainda muito grande. Tudo será avaliado sempre que se colocar a necessidade de revalidar ou não o estado de emergência”, nota ao Expresso um dos participantes do encontro. O primeiro-ministro foi “hábil” na forma como conduziu a reunião, comenta outra fonte. Falou pouco e preferiu dar a palavra aos especialistas, despo-

litizando a discussão. “Tentou vincar que as medidas que está a tomar estão sempre dependentes da avaliação dos especialistas, o que retira algum espaço político para questionar, e ‘obrigou-nos’ a partilhar a decisão...”, nota o mesmo participante.

CRECHES E 1º CICLO PODEM ABRIR MAIS CEDO

Foi um dos temas abordados durante a reunião entre Governo, Presidente da República, peritos e partidos: até que ponto é possível manter encerrados todos os estabelecimentos de ensino? A possibilidade de reabrir creches e escolas do primeiro ciclo antes dos restantes ciclos e do Ensino Superior não está excluída, caso seja necessário fazer uma desalavancar lento das restrições. A opção justifica-se pela idade das crianças, que provocam uma enorme perturbação no mercado de trabalho e na economia, uma vez que obrigam mais pais a ficarem em casa. Mas tudo dependerá da avaliação que será feita a 9 de abril. Só aí será possível dizer se será sensato ir reabrindo alguns estabelecimentos de ensino ou creches, quais e em que circunstâncias. Mais uma vez: ninguém quer tomar uma medida precipitada que possa contribuir para a reincidência do vírus.

DO INTERIOR PARA O LITORAL?

Parte da estratégia para retomar a normalidade passa por ir levantando as medidas de contenção com base na densidade populacional e pela dinâmica de circulação de pessoas em cada região. É natural que uma cidade como o Porto ou Lisboa ofereça mais riscos de propagação do que outras, o que implica redobrados cuidados.

Em qualquer caso, será sempre tido em conta o número de contágios registado em cada momento: nuns casos pode justificar-se manter um cerco sanitário ou restrições à circulação mais apertadas, noutros não.

GRUPOS DE RISCO PROTEGIDOS POR MAIS TEMPO?

Não está também excluída a hipótese de, mesmo depois de recuperada alguma normalidade, prolongar a exigência de recolhimento aplicada aos grupos de riscos, em particular aos mais velhos. Atualmente, pessoas com mais de 70 anos e doentes crónicos só podem sair à rua em situações excecionais como ir ao banco, correios, centros de saúde, e essa política pode estender-se por mais meses. Até porque ninguém contesta dois pontos fundamentais, assumidos

na reunião de terça-feira: o risco de haver uma segunda crise durante o inverno é real e a vacina não chegará antes disso. Um surto de coronavírus coincidente com a época gripal seria um desastre para o SNS.

QUANDO E COMO SERÃO REABERTAS AS FRONTEIRAS?

É a pergunta de um milhão de dólares: quando e a que ritmo serão autorizadas entradas e saídas de pessoas, em lazer ou em trabalho, para destinos hoje vistos como problemáticos. E o que fazer perante países, como o Brasil, por exemplo, que não estão a assumir uma política de controlo sanitário como os demais. Foi uma das preocupações levantadas durante a reunião, e a resposta de António Costa terá sido a mais realista possível: é um problema. Ainda esta semana, precisamente, Rui Rio recorreu ao Twitter para pressionar o Governo a adotar medidas mais restritivas caso Jair Bolsonaro continuasse a não assumir as medidas de contenção exigidas. O primeiro-ministro tem insistido na importância de a UE tomar decisões concertadas no controlo das fronteiras. No futuro, não deverá ser diferente.

Com JOÃO VIEIRA PEREIRA e LILIANA COELHO
lvvalente@expresso.imprensa.pt

Gabinete de crise ‘Corona room’ em São Bento

O Governo acompanha o combate à invasão do novo coronavírus na sala onde Cavaco Silva seguiu a Guerra do Golfo nos anos 90

O tempo é de guerra, a sala do ‘gabinete de crise’ também. Já fez história quando por lá passaram os gabinetes de análise da situação de Cavaco Silva durante a Guerra do Golfo, no início dos anos 90. Não é um bunker sem janelas, é uma sala espaçosa e com vista para o exterior, perfeita para juntar os 11 membros do Governo, com as devidas distâncias de segurança, que estudam a evolução da epidemia causada pela covid-19.

É lá que os 10 ministros escolhidos por António Costa avaliam as informações sectoriais e decidem sobre questões pontuais relacionadas com as operações de combate à expansão do vírus. Presencialmente, reuniram-se na segunda-feira, mas o ‘gabinete de crise’ diluiu-se e estende-se para a forma digital nas mais variadas plataformas. Além dos grupos de WhatsApp, explodiram as chamadas por videoconferência, e não é raro um governante ter de sair de uma reunião para participar numa call. Passou a ser habitual a re-

ferência ao termo em inglês quando algum ministro tem de sair de uma reunião para participar numa videoconferência lateral.

O foco deste gabinete prende-se mais com o que se passa no terreno, seja do ponto de vista da situação da saúde, seja do cumprimento das medidas de restrição impostas pelo decreto do estado de emergência.

Eduardo Cabrita, ministro da Administração Interna, e Marta Temido, ministra da Saúde, são dois polos importantes de informações. Eduardo Cabrita tem a informação coligida das forças de segurança e proteção civil, que vai recebendo diariamente, a que acresce o trabalho da Estrutura de Monitorização do Estado de Emergência, que coordena. Esta estrutura, que conta com a presença de 12 secretários de Estado, tem-se reunido quase dia sim dia não, e é lá que se percebem os pontos mais negros do mapa do país, com as anotações de desrespeitos ao decreto de emergência, nomeadamente o número de detidos pelo crime de desobediência ou, como no fim de semana passado, os locais onde houve ajuntamentos de pessoas que era preciso travar.

Já Marta Temido tem toda a informação do lado dos hospitais, que o Ministério da Saúde recolhe localmente a partir dos delegados de saúde e da Direção-Geral da Saúde.

Um dia inteiro a comer bolachas

Esta cadeia de informações corre no entanto por vários canais. A par do ‘gabinete de crise’ continua a haver reuniões bilaterais, trilaterais, telefonemas e e-mails. Não há mais nenhum assunto em cima da mesa. O Governo está quase 100% do tempo dedicado aos efeitos da epidemia, mesmo que alguns governantes já o estejam a fazer a partir de casa. No Ministério do Ambiente, por exemplo, estão quase todos fora, e apenas o ministro, Matos Fernandes, vai ao edifício da Rua do Século. A ministra de Estado e da Presidência já tem a secretária de Estado Rosa Monteiro a trabalhar a partir de casa. O mesmo têm de fazer os outros ministros, que têm de ter, tal como o Expresso avançou na semana passada, um secretário de Estado fora, para o caso de, existindo um governante infetado, haver quem o substitua.

Na semana passada, três Conselhos de Ministros seguidos levaram

Mariana Vieira da Silva à exaustão, imagem que acabaria por passar nas televisões e que a própria explicaria no programa de Ricardo Araújo Pereira, na SIC. Houve horas de sono a menos e refeições que não se fizeram. Um governante conta ao Expresso que num desses dias só se alimentou a bolachas. Os dias colam-se uns aos outros.

A juntar a todo o problema já existente há uma dificuldade logística: a Presidência do Conselho de Ministros (PCM) teve de mudar armas e bagagens para o Palácio da Ajuda, onde decorrem agora os Conselhos de Ministros, para que sejam cumpridas todas as regras do distanciamento. Só que as cadeiras na Ajuda são de plástico e já fizeram moça nas costas de alguns governantes.

Na mesma sala há outra frente de batalha que continua aberta em permanência: a luta por uma resposta europeia. Foi nesse lugar — que António Guterres requalificou para fazer as reuniões ministeriais quando não podiam ser realizadas no edifício da PCM — que António Costa se sentou para participar em mais um Conselho Europeu por videoconferência: o terceiro em 16 dias. Outra guerra. L.V.

Mariana Vieira da Silva Ministra da Presidência

“Não temos um livro de instruções” para gerir a crise

Como está o Governo a preparar a Páscoa?

O período da Páscoa será muito diferente, tanto do ponto de vista económico como do turismo e da vida dos cidadãos, que estarão ainda limitados nos seus percursos. Continuaremos num período em que é importante garantir o distanciamento social.

Tendo em conta que é uma altura em que as famílias se juntam, o Governo está a pensar em acentuar as medidas de restrição?

O que fizemos quando apresentámos as medidas foi deixar claro que estaríamos a avaliar se são cumpridas ou se seria preciso alterá-las. Essa avaliação não está concluída. Estamos ainda a chegar ao fim da primeira semana, e essa avaliação será feita sempre na renovação do estado de emergência, que começa com uma decisão do Presidente da República.

Nem como medidas de prevenção?

As medidas que aplicámos estarão em vigor. Todas. Até lá temos de renovar ou não o estado de emergência e avaliar as condições — teremos sempre de tomar uma decisão antes do fim de semana da Páscoa. Em função da decisão do PR, tem de haver uma regulamentação de novo do estado de emergência. O decreto pode ser exatamente o mesmo ou mudar e a regulamentação também. As orientações de distanciamento social manter-se-ão sempre. É importante que as pessoas saibam que a Páscoa não será de reencontro familiar e celebrações.

Na reunião com os peritos falou-se da possibilidade de o pico durar até ao final de maio... Isso significa que a partir daí se pode começar a retirar algumas restrições?

A situação tem-se alterado bastante. Não estamos numa situação em que possamos trabalhar em planeamentos de longo prazo. O Governo toma decisões com base em informação que os peritos dão e que neste momento é de que, conseguindo nós achar a curva da evolução desta pandemia, ela será necessariamente mais prolongada. Isso implica tomar medidas de distanciamento social e, por outro lado, medidas económicas num ciclo de três meses. Que podem depois ser avaliadas.

Os cenários que têm de estratégia de saída passam por uma retirada repentina das medidas?

Estão ainda longe de estar definidos. Não vale a pena antecipar ou criar expectativas que possa ser no final de maio ou no final de junho que se tomam essas medidas. Ainda nenhum país europeu se aproxima sequer dessa fase. Muito provavelmente não sairão em simultâneo e poderão ser mais prolongadas para os públicos mais vulneráveis. É uma possibilidade.

O que vos dizem os peritos?

Que essas medidas são avaliadas à medida que temos mais ou menos sucesso no achatamento da curva e que a reprodução do vírus se verifica mais ou menos lentamente. Vivemos uma crise em que as decisões vão sendo tomadas à medida que a doença prossegue. Trata-se de um conjunto de decisões que nunca foi tomado, que não está estudado, que não tem um livro de instruções. Vamos corrigindo medidas, aprofundando outras, levantando em função da evolução da situação, que é bastante difícil de prever. L.V.

COVID-19 HOSPITAL DE SÃO JOÃO

Coronavírus A derradeira batalha de alguns dos doentes infetados com covid-19 trava-se na unidade de cuidados intensivos, no piso 6 do Hospital de São João. Um espaço adaptado à dimensão da pandemia que paralisou o mundo

As linhas que separam a vida da morte

Trabalhar na fronteira entre o dever e o medo

Texto **RICARDO MARQUES**
Fotos **RUI DUARTE SILVA**

Estão despidos, com os olhos fechados, e cercados por médicos e enfermeiros a quem só é possível ver os olhos. O espaço é aberto e os doentes estão dispostos em semicírculo com os ventiladores virados para uma pequena ilha, a base de operações. No Piso 6 do Centro Hospitalar de São João (CHSJ), no Porto, nesta sala de cuidados intensivos dez doentes infetados com o vírus Sars-Cov2 lutam pela vida à beira do precipício, seguros apenas pelas máquinas que respiram por eles. Oito homens, duas mulheres. Os mais velhos são septuagenários. A mais nova tem 47 anos. “Esta doença não é só de velhinhos”, diz o médico Sérgio Gaião.

Há cinco minutos que o médico está a tentar passar por cima das duas linhas pintadas no chão — a verde e a amarela — e agora prepara-se para o movimento final. Atravessar a porta da sala de internamento é um processo delicado em que, por segundos, terá um pé em cada lado. Quando o esquerdo pisar a zona segura, ainda que não de absoluta segurança, o direito ficará ainda mais um pouco no lado de maior risco. Onde estão os doentes. Não é uma fronteira entre a vida e a morte. É muito mais do que isso. A geografia de um vírus pode ser tão improvável como o mapa que a revela. “Temos de ter o máximo cuidado, saber exatamente o que estamos a fazer e como fazê-lo a cada momento”, explica a enfermeira-chefe, Patrícia Cardoso, uma das dezenas de profissionais que vivem todos os dias à beira das duas linhas. “Depois, há sempre pequenas coisas que vamos corrigindo...”

O perigo de contágio entre o pessoal médico é real e, mais do que isso, se for uma realidade pode ter consequências catastróficas na medicina intensiva, um serviço de alta exigência tecnológica. Um médico doente deixa de ser médico, e passa a ser doente. Mais um.

As duas linhas retas no chão à entrada da sala de cuidados intensivos do CHSJ são apenas a fronteira visível. Sujo de um lado, limpo do outro. Desenhar todas as restantes numa folha de papel era enchê-la de curvas de procedimentos técnicos de alto risco, de círculos familiares incompletos, de ângulos apertados de rotinas alteradas, de riscos erráticos de incerteza, pequenos pontos de receio e grandes pontos de cansaço, cornucópias de sentimentos à flor da pele. E também com um considerável espaço em branco capaz de representar a ansiedade. Nada a ver com as linhas direitas no enorme edifício no coração da cidade, uma das principais frentes na batalha em curso contra a covid-19 em Portugal.

Desde o início da pandemia e até quarta-feira à noite, véspera da entrada ‘oficial’ do país em fase de mitigação (o que significa que o vírus está a espalhar-se na comunidade e já não é possível ser contido), o CHSJ realizou 4066 testes,

com 699 casos confirmados, e foram também registados 176 testes positivos de amostras biológicas provenientes de outras instituições do SNS. Em ambulatório foram seguidos 436 doentes, 14 dos quais recuperaram (ou seja, obtiveram duas amostras negativas intervaladas mais de 24 horas). O número de internamentos chega aos 87, dos quais 28 estão em cuidados intensivos. Desses, 15 estão entubados, e dez encontram-se na sala de onde Sérgio Gaião acaba de sair, apressado, para assistir uma criança, não infetada, noutra zona do edifício.

Ritual complexo

Nessa manhã, no mundo lá fora, que por vezes até parece não existir, o país discute nos jornais e televisões a falta de meios para combater o coronavírus. No São João, onde nada parece faltar, a porta da sala onde estão os dez doentes funciona como prova de que todo o material pode não ser material suficiente. Ninguém circula no hospital sem máscara cirúrgica, mas para passar a porta e entrar é preciso retirá-la e colocar uma mais ‘sofisticada’, além de luvas, touca, proteção de sapatos e óculos, e uma bata. A sequência de procedimentos está na parede, mesmo ao lado da sequência de remoção do equipamento — o que explica os cinco minutos que Sérgio Gaião levou a sair. Depois, tudo vai para o lixo e, à saída, é precisa nova máscara cirúrgica. Três máscaras. Se voltar a entrar, o processo repete-se. Por pessoa. Sempre. E acrescido de gel desinfetante nas mãos. Muito. Constantemente.

“O ritual é complexo mas necessário. Não podemos garantir que não venha a faltar material, uma vez que não conseguimos prever a duração e a dimensão da crise. Para otimizar a utilização de material tentamos distribuir os profissionais pelas áreas onde os doentes estão concentrados, evitando assim o desperdício”, esclarece o médico Roberto Roncon.

A disposição dos doentes na sala permite, a quem está na pequena ilha, ver os dados em qualquer monitor. Aqui nascem duas novas fronteiras: uma temporal e outra espacial. A primeira revela-se quando, sem aviso, dispara o aviso sonoro de um ventilador. As enfermeiras que estavam junto ao doente hesitam por um instante, e Sérgio Gaião

O SERVIÇO DE CUIDADOS INTENSIVOS CRESCER — PASSOU DE 38 CAMAS DISPONÍVEIS PARA 87 — E EM APENAS DOIS DIAS OCUPOU TODA A ÁREA DA ENFERMARIA DE CIRURGIA

aproxima-se. O problema é resolvido em poucos segundos, mas esse pouco tempo pode ser demasiado. “Não temos falta de ventiladores”, explicara, minutos antes, Roberto Roncon, coordenador do Centro de Referência de ECMO — equipamento de oxigenação por membrana-extracorpórea, um aparelho capaz de bombear o sangue e substituir o coração e os pulmões, e que está a ser usado em dois dos dez pacientes. Há ainda mais dois, de outros hospitais do Porto, em avaliação.

“Não chega comprar cinco mil ventiladores, por muito que as pessoas se sintam mais sosegadas. Por cada ventilador são precisos médicos, enfermeiros e capacidade de trabalho e de organização. O ventilador não é a ‘bala mágica’”, resumira. A fronteira espacial começa aí. Nas últimas semanas, o CHSJ entrou em processo de transformação acelerada. O serviço de cuidados intensivos cresceu — passou de 38 camas disponíveis para 87 — e em apenas dois dias ocupou toda a área onde funcionava a enfermaria de cirurgia. Em comum, apenas as tais linhas verde e amarela no chão, colocadas de propósito para esta pandemia. Tudo o resto é diferente. Não há espaços abertos, há quartos. Com portas. E com doentes, que começaram a entrar imediatamente.

“Tivemos de recorrer a um sistema de videovigilância”, esclarece a enfermeira Patrícia Cardoso. O problema é que nenhuma empresa aceitou enviar técnicos para instalar as câmaras e foi preciso encontrar forma de as ter a funcionar. Foram dias seguidos de trabalho, em turnos consecutivos, conta. “Não vejo os meus filhos há cinco dias”, desabafa. E com essas palavras abre uma nova fronteira, a da família.

Na hora da morte

“Esta doença é injusta. Muito injusta. Para os doentes e para as famílias. As pessoas não podem estar juntas, não se podem tocar, ver”, explica. A solução encontrada pelos responsáveis dos cuidados intensivos é ligar duas vezes por dia para a família de cada doente. “Nem que seja para dizer como está a pessoa.” Depois há situações limite, em que as pessoas estão a morrer e, com todas as precauções e dentro das possibilidades, a família é autorizada a estar presente no hospital. “É o mais humano a fazer”, lamenta a enfermeira. Nesse instante, alguém a avisa de que está a chegar uma doente ao novo espaço dos cuidados intensivos. Patrícia encosta-se para deixar o corredor livre. A mulher vem deitada na maca, encolhida, como se dormisse com frio.

Há um elevador específico para o transporte de doentes com covid-19 e essa tarefa é realizada por três enfermeiros, em vez de dois como habitualmente. Uma das enfermeiras fica para trás enquanto as outras duas se dirigem para o quarto. É mais uma redundância nos procedimentos de segurança. “Esta doença obrigou-nos a pensar a forma de funcionamento. Veja o caso de um doente suspeito. Enquanto não há confirmação de infeção, onde

fica? Se estiver infetado e ficar junto de doentes que não estão é perigoso para eles. Se for o contrário, e não estiver, pode ficar se o colocarmos junto a doentes infetados... Estamos a aprender à medida que vamos fazendo.”

O método não é uma opção, resulta apenas do muito pouco que se sabe sobre o vírus que paralisou o planeta. Por outro lado, também só é possível porque a preparação para a chegada da covid-19 já estava em curso. “Lembro-me que em 2009, quando se deu a pandemia do H1N1, tivemos seis meses para nos prepararmos”, recorda José Artur Paiva, diretor da Unidade Autónoma de Gestão de Urgência e Medicina Intensiva do CHSJ. Nesse ano, Roberto Roncon estava na Alemanha e regressou a tempo de introduzir o ECMO. “Agora, tivemos dois meses para preparar o embate e o bicho é diferente, mais transmissível, mais letal. Tem uma taxa de letalidade superior à gripe e ao H1N1”, concretiza. “Além disso, este vírus tem o potencial de nos delapidar recursos. Na verdade, trata-se de um vírus com várias coisas más.”

O momento da chegada também não foi o melhor. “A pandemia apanhou Portugal numa posição difícil. Os efeitos da crise financeira ainda se sentem, há perdas de recursos humanos que não foram repostas. E a taxa de camas de cuidados intensivos é de 6,4 por 100 mil habitantes. Em Itália, por exemplo,

a região da Lombardia apresenta um valor de 12,6. Na Alemanha é 29,5”, esclarece José Artur Paiva. A solução no Porto, além de criar mais camas, foi partilhar recursos com outros serviços do hospital, apostar na formação e planejar — o São João está no nível três de um planeamento com sete níveis. O último implica novos espaços e outros hospitais. “Este monstro exige resposta sistémicas, com um objetivo comum.”

Dizer que o diretor da medicina intensiva não gosta do vírus é pecar por defeito. “Odeio o bicho. A minha mãe, que não vejo há três semanas, faz hoje 100 anos. Tínhamos preparado uma festa linda, que já não vai acontecer”, conta. Essa é a certeza. Do outro lado da linha está a dúvida quanto ao que poderá ser feito se suceder algo parecido com o que aconteceu em Itália. “Não estou otimista nem pessimista. Estou orgulhoso, com a vontade demonstrada por todos no serviço de medicina intensiva. Se formos capazes de diluir no tempo a entrada de doentes, e se formos capazes de criar mais camas, mais equipamentos e ter mais pessoas, creio que vamos conseguir dar resposta”, vaticina José Artur Paiva. Há, também, uma certa dose de realismo nas palavras. “Claro que se isto se arrastar durante três semanas, na curva máxima, esgota tudo. Vai rebentar, como rebentaria qualquer sistema em qualquer país. Se for como em Itália vamos ter dificuldades”, admite o diretor de medicina intensiva.

Esta é a última fronteira. Na quarta-feira, ao início da tarde, Roberto Roncon senta-se, por instantes, num gabinete à saída dos cuidados intensivos. “É impossível dar tudo a todos. Isso é o mesmo que não dar nada a ninguém. A justiça é dar mais a quem mais precisa. O que estamos a fazer constantemente é essa avaliação”, explica o médico que no mesmo dia em que deu alta a cinco doentes viu chegar sete novos casos. Este desequilíbrio é a maior ameaça ao sistema. “Não estamos aqui para nos queixarmos. Estamos focados, concentrados e preparados. Mas sabemos que ninguém vai ser autossuficiente. Nem os ventiladores.”

Nessa quarta-feira, o CHSJ fez 459 testes: 354 foram negativos, 105 acusaram positivo. Nas mesmas 24 horas, na maternidade do hospital, nasceram cinco bebés para um mundo em quarentena. Um dos partos, de cesariana, foi o de um menino de uma mãe infetada com covid-19. A ameaça desconhecida dos dias que podem chegar anda sempre por perto. Está nas imagens que chegam de Itália, de Espanha. Está nas duas linhas pintadas no chão no piso 6, nos rituais de entrar e sair das salas, nos doentes imóveis e até no movimento dos ventiladores que os seguram. Está nas horas a mais de trabalho e a menos de descanso. Está na ausência da família e no medo que um passo em falso deite tudo a perder. Está por todo o lado sem estar em lado algum. “A ansiedade”, diz o médico sentado, “é o medo sem objeto”.

rmarques@expresso.imprensa.pt

NÚMEROS

2443

infeções confirmadas no Norte do país, a zona mais atingida. Em Gaia foram registados 99 casos em apenas 24 horas. O Porto é o concelho mais afetado, com 317 casos

76

peças morreram devido à pandemia de coronavírus em Portugal. À hora de fecho desta edição, a DGS tinha contabilizado 16 mortes em 24 horas

4268

casos de infeção confirmados pela DGS em todo o país. O número de doentes internados era de 354 e havia ainda 71 pessoas em cuidados intensivos



PERIGO Para muitos doentes, é no serviço de medicina intensiva do Hospital de São João que se trava a derradeira batalha contra o coronavírus. Os pacientes ficam de barriga para baixo durante a maior parte do tempo, de modo a facilitar a respiração (ventilação em decúbito ventral). Há dez pessoas internadas: os dois mais velhos têm 71 anos. A mais nova apenas 47. Entrar e sair do espaço obriga médicos e enfermeiros a um rigoroso procedimento técnico para colocar e despir o equipamento de proteção, de modo a reduzir o risco de contágio. A sequência está afixada na parede, junto à zona de fronteira entre as linhas verde e amarela que foram pintadas por toda a zona de doentes covid-19, no piso 6. Separam a zona segura da zona de risco, que marca o espaço onde estão os infetados



COVID-19 HOSPITAL DE SANTA MARIA

Transformação Outrora congestionado, o maior hospital de Lisboa parece agora quieto. A maioria dos doentes já não sai de casa e ali quase tudo se vai transformando para abrir alas sucessivas para outros: os infetados com covid-19

O vazio à espera do caos

Texto **VERA LÚCIA ARREIGOSO**
Fotos **TIAGO MIRANDA**

A cada turno leva para casa uma ferida, mesmo por baixo do olhar. Começou por ser um leve vinco encarnado na pele, igual à linha que todos os dias pisa antes de entrar na zona de perigo, mas o tempo vai passando e a marca na pele torna-se mais profunda, uma escara no limite da máscara que o protege da infeção de que sofrem os doentes que tem tratado. Tony Duarte é um jovem enfermeiro de 25 anos obrigado a crescer, a ser gigante, a cada hora que passa nas enfermarias de covid-19 do Hospital de Santa Maria, em Lisboa.

Está na equipa da tarde, com mais quatro enfermeiros igualmente jovens, e assegura um dos três sectores com 21 camas cada um para internamento de infetados pelo novo coronavírus criados literalmente em fila até à unidade de cuidados intensivos. O objetivo é encurtar o caminho para quem mergulha no estado crítico, incapaz de respirar sem auxílio de um ventilador. Há ainda um quarto sector, também com 21 vagas, para quem ainda só está sob suspeita.

Entre a manhã e a noite, são 15 os enfermeiros por ala, onde por estes dias chegam outros colegas para aprender os circuitos que a qualquer momento terão de saber executar. “Temos rituais complicados e cansativos mas que temos mesmo de interiorizar: os circuitos a manter, a zona limpa, a disciplina de vestir e despir o equipamento completo — que demora cinco a sete minutos e sempre a pares —, a dificuldade e o cansaço de trabalhar várias horas com a proteção total”, explica a enfermeira responsável pelas quatro enfermarias, Conceição Barroso.

O circuito a cumprir está marcado no chão, a encarnado. É apenas uma linha, mas separa o seguro do inseguro e quem a atravessa, nunca por mais de duas horas seguidas, não pode cometer erros. Do lado de lá estão os doentes, quatro por quarto, e portas sempre fechadas.

É hora do lanche e tudo deixou de ser tão simples como preparar a comida na copa e levar o tabuleiro à cama do doente. Agora são precisos três elementos e três proteções diferentes. Na zona limpa, com máscara cirúrgica, uma auxiliar barra doce numa fatia de pão e junta um chá. Com mãos firmes, passa o tabuleiro a uma enfermeira na zona amarela, vestida com todo o equipamento de proteção, que o entrega ao enfermeiro que está com os doentes e duplamente protegido com equipamento impermeável.

Dados dos doentes afixados nas portas para leitura à distância

Noutro quarto, outro enfermeiro cola uma folha no vidro do lado de dentro da porta. São os dados vitais dos doentes que a colega na área amarela, já sem o tabuleiro nas mãos, lê e transmite a outra enfermeira na zona limpa, para que faça o registo informático no processo clínico. Tudo o que entra, tudo o que sai, obedece a este circuito. E não há imprevistos. Uma médica aproxima-se e pede para mudar uma medicação, mas vai ter de esperar. Os enfermeiros acabaram de regressar do lado de lá da linha encarnada e para voltarem terão de despir a proteção e vestir outra.

“Já sensibilizámos os doentes que não podem chamar por qualquer coi-



Nos cuidados intensivos (em cima) e nas enfermarias, o primeiro inimigo é o desgaste provocado pelas proteções



sa. Seja médico, enfermeiro, auxiliar ou limpeza tem de equipar-se totalmente para lá ir”, diz a enfermeira responsável. E o pior é que as camas estão quase sempre todas ocupadas. Até este fim de semana, o Santa Maria abriu 63 camas para infetados e 61 para suspeitos e praticamente duplicou os 17 médicos que abriram a unidade e que até meio da semana garantiam os cuidados. À exceção

DIRETOR DOS CUIDADOS INTENSIVOS AVISA QUE A UNIDADE VAI PRECISAR, NO TOTAL, DE 100 MÉDICOS. E TERÁ DE HAVER UM ENFERMEIRO POR DOENTE

dos dois coordenadores, são todos internos no fim da especialização em pneumologia, infecciologia ou medicina interna, por exemplo.

“Os doentes só saem daqui para os cuidados intensivos ou com alta quando já estão assintomáticos”, explica Sandra Braz, especialista e coordenadora das enfermarias (há dois). Os colegas mais experientes estão agora dedicados a tratar todos os doentes não covid-19 que não podem ser esquecidos. “Tenho uma lista com 700 doentes seropositivos que estão com outros colegas ou que vou atendendo por teleconsulta”, explica Fábio Cota Medeiros, o outro coordenador.

Ao fundo há um corredor, o acesso a um lugar para onde ninguém quer ir. São os cuidados intensivos, o fim de linha, esta de cor negra. João Ribeiro é o diretor e já raramente almoça. Move-se a café e chocolate ou a comida entregue por privados porque toda a cafetaria hospitalar fechou e nem água podem comprar. “O nosso país não vai ter uma realidade diferente da de outros países. Vamos ter de contar

com a inevitabilidade de isso acontecer.” E pode não demorar: “Nas últimas 12 horas foram ventilados quatro doentes e não temos exclusivamente pessoas com mais de 70 anos. O mais novo tem 56.”

A sua equipa está a preparar-se para o pior. “Temos 14 intensivistas a fazer 24 horas de quatro em quatro dias, e vamos ter de reduzir este ciclo para 72 horas. Estamos já a preparar uma área alargada para criar uma estrutura para os médicos pernoitarem no hospital.” Estes e as muitas dezenas que vão ser necessários.

78 camas para críticos nos próximos 15 dias

“Num cenário realista contamos ter um total de 78 camas críticas dentro de 15 dias e precisaremos de 100 médicos, no total, e de um enfermeiro por doente que teremos de resgatar noutras áreas do hospital e formar”, afirma o intensivista. Na enfermaria, a equipa tem 30 elementos. “Estamos a trabalhar 12 horas por dia, estamos cá para isso, mas as pessoas têm mesmo de mudar os comportamentos”, apela a enfermeira-chefe, Céu Rocha.

E longe das alas covid-19, o gigante Santa Maria está adormecido. Na outrora agitada Urgência, os cerca

“TIVEMOS DE REINVENTAR O CENTRO HOSPITALAR E SE FOR NECESSÁRIO TEREMOS CAPACIDADE PARA CRIAR ESPAÇOS ADICIONAIS”

de 500 doentes não vão além de 200 por dia e metade entra no circuito da infeção. A receção do hospital é agora um estaleiro. Funcionários fazem os acabamentos finais, criam paredes provisórias para um espaço que poderá ter de permanecer por muito tempo. Na próxima semana, abrirão ali 16 postos para atendimento de alta rotação a casos covid. Vão juntar-se ao contentor com mais dez postos a funcionar desde o início da semana para doentes mais instáveis até que seja decidida a necessidade ou não de internamento.

Para a nova urgência epidémica haverá também um novo acesso: um túnel feito com as tendas agora instaladas numa zona do estacionamento. “Contamos com dez a 12 médicos, 20 enfermeiros e 17 assistentes, houve necessidade de ir buscar elementos a outros sectores”, diz a enfermeira diretora da Urgência, Ana Paula Fernandes. E o diretor clínico do hospital, Luís Pinheiro, deixa uma garantia: “Todos os suspeitos vão ser testados. Temos uma capacidade diária de 150 testes, 200 no pico, alargados para o dobro com o Instituto de Medicina Molecular também a fazer análises.”

Vai ser suficiente? Ninguém sabe. “Tivemos de reinventar o centro hospitalar e se for necessário teremos capacidade para criar espaços adicionais”, garante a diretora da Urgência, Anabela Oliveira. O objetivo é triar o máximo possível à entrada — nas boxes haverá raios-X e um contentor com TAC — para que suspeitos e doentes circulem o menos possível. Tenta-se travar o que se sabe ser muito veloz.

Com roupa hospitalar e máscara e visivelmente cansada, Anabela Oliveira baixa o olhar e cruza os braços: “Já começámos a notar que os doentes são mais graves.” Não os poderá conter do lado de fora. Terão de entrar na enfermaria ou nos intensivos. Enquanto houver lugar.

varreigoso@expresso.impresa.pt



SETE DIAS DE COVIL: 20-26 DE MARÇO

20 de Março. Tornou-se mais do que um ritual, mais do que uma dependência. Uma demência: todos os dias, entre o meio-dia e o meio-dia e meia, paro tudo para assistir à conferência de imprensa com a divulgação dos números que dão conta dos danos causados pela passagem do Monstro na véspera. Novos infectados, novos mortos, novos internados, novos internados em UCI, novos, e tão desesperadamente poucos, recuperados. E, imediatamente, faço de cabeça a percentagem que desenhará a célebre curva da morte que fará de cada dia um dia de angústia ou um dia de fugaz alívio. Angústia na segunda, alívio na terça, angústia renovada na quarta, novo alívio na quinta: a curva brinca connosco, o Monstro diverte-se a esconder o seu jogo. E ontem ainda, havia outra vida!

Os alemães são o quinto país com mais casos no mundo, mas os alemães não morrem do vírus. Os alemães têm mais camas de UCI por habitante do que qualquer outro país e fabricam ventiladores. Os alemães não querem ajudar a Itália e nem assim se convencem que para resistir ao terramoto económico que já aí está os países do sul da Europa têm o direito de pagar as mesmas taxas de juro pelos empréstimos a que todos irão recorrer que eles próprios — como é mais do que expectável que suceda numa união monetária e para enfrentar uma crise nunca antes vista e da qual nenhum é responsável. Sim, a Alemanha sozinha aguentará, mas não é certo que a União Europeia sobreviva. Glória aos alemães, coitados dos alemães: vão acabar a comer os seus lindos carros.

A despropósito: se nunca percebi por que razão as pessoas açambarcaram montanhas de papel higiénico para combater o vírus a partir de casa, também não consigo entender a razão pela qual o autarca de Ovar, Salvador Malheiro, resolveu munir-se de uma máscara abaixo do queixo (entretanto abandonada) e de um colete da Proteção Civil para dirigir o estado de calamidade pública no seu concelho. Será para futuro cartaz eleitoral?

21 de Março. O que queria Francisco Assis dizer no seu texto do “Público” com a “ditadura das forças da natureza” em que viveremos e o lamento de que “o homem subsiste, em grande parte, prisioneiro do mundo natural”? Fui eu que o percebi mal ou foi ele que não percebeu nada do que está a acontecer?

Mais simples de entender é a solução “global” para o ataque pla-

netário de covid-19 e tudo o resto, apresentada pela “historiadora” Raquel Varela, no mesmo jornal: “Só a classe trabalhadora europeia organizada, que é de operários e de médicos, de *call-centers* e de enfermeiros, ou de professores e motoristas (de pesados), pode oferecer uma saída para a pandemia planetária e para a crise global.” É reconfortante ver que não se esqueceu dos professores, como ela, mas talvez estranho não a ver incluir na solução algumas categorias da “classe trabalhadora europeia”, que, assim de repente, me parecem de considerar: cientistas, investigadores, matemáticos, técnicos de saúde pública, psicólogos, forças de segurança, militares, e, sim, os horríveis decisores políticos. Mas ela deve ter exemplos históricos do que diz. Tanto que, dois dias depois, voltaria à carga com novo texto, ocupando nova página no “Público”. E quatro dias adiante, mais outro, onde desta vez acrescentava os estivadores do porto de Lisboa ao rol dos membros da “classe trabalhadora europeia” de onde só pode vir a solução contra o vírus. Estes, e o seu peculiar sistema sindical tipo familiar (digamos assim...), eu conheci-os brevemente, quando fiz parte de um movimento que há uns anos contestou o projecto de expansão demencial do Terminal de Contentores de Alcântara, roubando quilómetros de Tejo aos lisboetas. Na altura, os estivadores estavam irmanados com a entidade patronal, a Mota-Engil, na defesa de um contrato acabado de assinar com o porto de Lisboa que era das coisas mais infames que alguma vez vi serem feitas em nome do suposto interesse público. São detalhes “históricos”, que, todavia, não apagam o essencial da tese defendida por Raquel Varela no último da sua trilogia de textos da semana que passou, no “Público”: defende ela que o decreto que instituiu o estado de emergência, há dias, faz lembrar os que instituíram o Estado Novo de Salazar ou o Terceiro Reich, de Adolf Hitler. Está-se sempre a aprender com os historiadores.

22 de Março. Sem dúvida que temos de ser solidários para com os que foram apanhados desprevenidos, em trânsito pelo mundo ou fora dos seus países e querem voltar ou, ao menos, desembarcar em algum lado. Mas, um mês depois de verem o que aconteceu com os passageiros dos paquetes apanhados pelas medidas de isolamento quando o coronavírus chegou à China, 15 dias depois de o caos já estar instalado em Itália e vários dias depois de toda a Europa e Portugal incluído ter começado a fechar fronteiras, é completamente irresponsável — dos passageiros

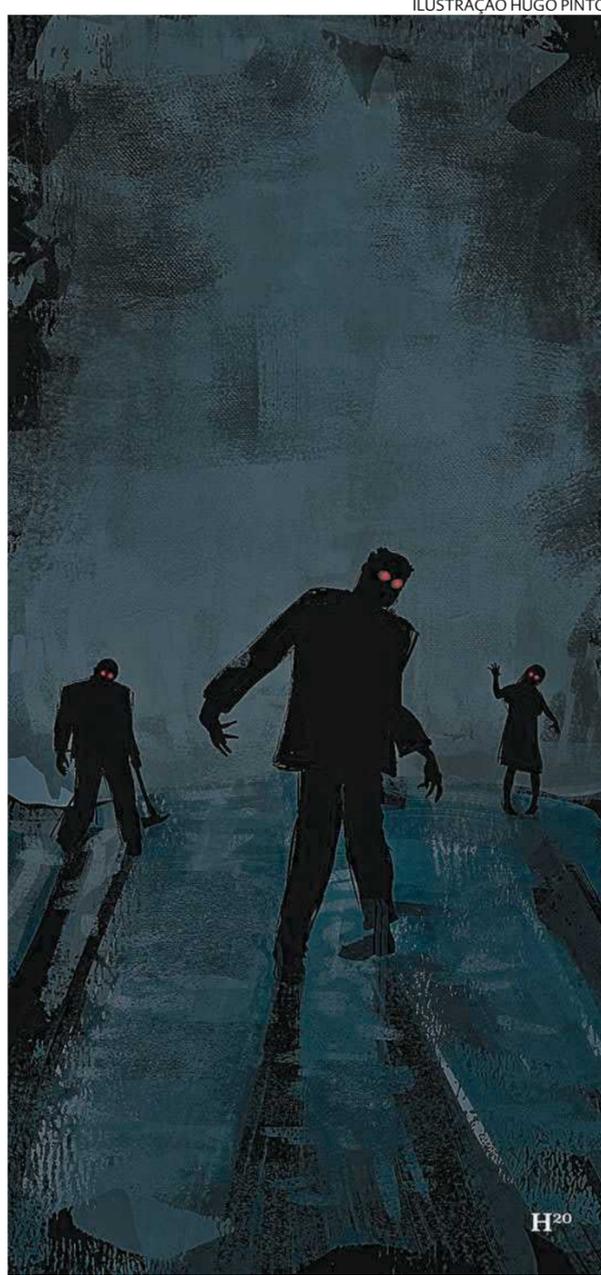


ILUSTRAÇÃO HUGO PINTO

Por enquanto, o Monstro apenas infecta humanos, não animais. Mas em breve terá o dom de transformar os humanos nos piores dos animais. Um tipo chamado Donald J. Trump já deu o mote

e das agências — iniciar cruzeiros turísticos no Brasil com destino à Europa e depois ficar a suplicar que alguém os deixasse desembarcar. Assim como é quase criminoso que tenha havido portugueses a partir para férias — em Espanha, em Itália (!), no Peru ou em Bali — quando todo o mundo já estava em estado de excepção e depois ficar a mandar vídeos para cá com apelos lancinantes e acusações de que o Estado português os tinha abandonado nas suas férias lá longe. É

incrível saber que a linha telefónica de emergência montada pelo MNE para assistir no repatriamento dos mais de 4 mil portugueses no estrangeiro a quererem voltar estava a ser ocupada a 75% por chamadas de portugueses a perguntarem se poderiam ir passar as férias da Páscoa no estrangeiro! Estes turistas acidentais deviam pagar bem caro o custo do seu repatriamento.

23 de Março. No “Público” de hoje, o professor de Epidemiologia, Ma-

nuel Carmo Gomes, assina um texto profundamente pessimista sobre a evolução do Monstro. A sua conclusão é arrepiante: a segunda vaga da ofensiva é quase inevitável e a única defesa eficaz é mantermos os velhos fechados em casa durante um ano ou ano e meio, até haver uma vacina. Entrevisto-o para o “Jornal das 8” de segunda-feira, da TVI, e pergunto-lhe se isso não é uma forma de eutanásia social, que consiste em afastar os velhos dos filhos, dos netos, da vida em comunidade, das ruas, do ar livre, numa espécie de prisão domiciliária, durante um longo tempo do pouco tempo de vida que já lhes resta. “Não há outra forma de parar a doença”, responde-me. Com o todo o respeito para quem olha para este susto com o olhar do epidemiologista e não do sociólogo ou do psiquiatra, esta não é uma resposta para a doença: é outra doença. Acabaremos a ver os velhos a serem enxotados dos jardins, das praias, das ruas, quando se atreverem a pôr a cabeça de fora. No sul de Espanha, dois dias depois, uma coluna de ambulâncias que evacuava velhos de um lar, foi apedrejada e atacada com explosivos ao chegar a uma cidadezinha onde iriam ser realojados. Por enquanto, o Monstro apenas infecta humanos, não animais. Mas em breve terá o dom de transformar os humanos nos piores dos animais. Um tipo chamado Donald J. Trump já deu o mote.

No mesmo espaço da TVI, entrevisto António Costa. Logo de entrada, pergunto-lhe o que falta: testes, camas, ventiladores, material de protecção para o pessoal clínico? Responde-me que, até à data, não faltou nada nem prevê que venha a faltar. Pergunto-lhe, de seguida, qual é o ponto de saturação do SNS, quando e com quantos doentes o atingiremos. Responde que confia em que nunca o atingiremos, que nunca perderemos o controlo da situação. Nos dias que se vão seguir, o primeiro-ministro irá ser massacrado por estas duas respostas. “Está a mentir!”, gritam as redes sociais e vários médicos e enfermeiros, reportando da tão falada “linha da frente” e alimentando as redes sociais. “É falso”, proclamam a Ordem dos Médicos e a dos Enfermeiros: falta tudo. Fico a pensar nisto: temos 140 doentes internados, 60 em cuidados intensivos — camas não faltam com certeza e muitas mais estão a ser disponibilizadas, ao mesmo tempo que os outros doentes evitam ir aos hospitais e às urgências. Os testes e os ventiladores são neste momento objecto de um mercado planetário ocupado por piratas, onde nenhum contrato de fornecimento é respeitado. Se o pessoal médico está ou não desprotegido, não sei, porque

não estou lá para ver. Mas, dois dias depois, o director clínico do Serviço de Infeciologia do Hospital Curry Cabral (o hospital de referência nesta crise), Fernando Maltez, declara tranquilamente: “Até ao momento, não nos temos faltado nada nem prevemos que nos venha a faltar nos tempos mais próximos.” Percebo perfeitamente que quem está nos hospitais a receber os doentes esteja assustado — no lugar deles, eu também estaria, e muito. Mas para enfrentar um combate que se antevê duro, a tranquilidade é melhor conselheira do que a histeria. Não temos tudo o que precisaríamos para uma crise desta dimensão? E qual é o país que tem? Qual é o serviço público de saúde que pode estar preparado, e a que custo, para uma crise desta natureza ou para as consequências da queda de um meteorito no planeta Terra? Sinceramente, não percebo: ficariam todos mais satisfeitos se António Costa tivesse dito: “Olhe, falta tudo e não estamos preparados para nada; vamos entrar em ruptura e vai ser um caos, salve-se quem puder?”

25 de Março. Para o que não estávamos preparados, e julgo que devíamos estar, foi para ter uma estratégia planeada para a bomba-relógio representada pelos lares de terceira idade, onde estão acantonados 100 mil velhinhos que são simultaneamente as principais vítimas e os principais difusores do vírus. Esqueceram-se de pensar nisso e neles, e agora actuamos à deriva.

26 de Março. No “Corriere della Sera”, o escritor e jornalista italiano, Antonio Scurati, escreveu isto sobre a sua geração, a que nasceu nos anos 70 do século passado: “Fomos a geração mais afortunada da história da Humanidade... Ter nascido em Itália no princípio dos anos 70 deu à nossa geração, por pura casualidade, a fracção da humanidade mais próspera, mais saudável, mais segura, mais protegida, com maior esperança de vida, mais bem vestida, alimentada e cuidada que alguma vez pisou a face da Terra. Agora, uma vez alcançado o ponto mais alto da nossa existência, vemo-nos postos à prova. Estaremos à altura?” Eu não tenho dúvida que sim. Na Roma Antiga — fundadora da mais extraordinária civilização que o mundo alguma vez conheceu, a civilização mediterrânica — os bárbaros ficavam a Norte e o mundo que valia a pena ser vivido ficava a Sul. A Itália sobreviverá. E nós com ela.

Miguel Sousa Tavares escreve de acordo com a antiga ortografia

BRITISH SCHOOL LISBON
World Leading Schools

www.britishschool.pt New Central Lisbon Campus +351 211 511 942

COVID-19 MEDICAMENTOS

Ordem estuda fármaco para conter vírus

Portugal poderá ser o segundo país do mundo a usar hidroxiquina como forma de prevenção

CHRISTIANA MARTINS

Esta semana, no maior segredo, um grupo de peritos foi consultado pela Ordem dos Médicos (OM) sobre a possibilidade da utilização preventiva de hidroxiquina para conter a expansão da pandemia de covid-19 em Portugal. As reuniões ainda não terminaram e o assunto já chegou à Presidência da República, mas a decisão não está tomada devido à falta de ensaios clínicos e evidência científica.

A hidroxiquina é usada há quase seis décadas em doentes com artrite reumatoide e outras patologias autoimunes, mas pode ser determinante para conter a pandemia ao proteger pessoas com alto risco de infeção. Diminuindo o tempo de permanência do vírus no organismo, o fármaco retarda a propagação da doença e, desta forma, poderia funcionar como um substituto para uma vacina que ainda vai demorar mais de um ano a chegar ao terreno.

A decisão é polémica e é de resultar da vontade política do Governo, mas só avançará se a Ordem dos Médicos recomendar esta opção. Por enquanto, as principais autoridades de saúde estão divididas. O Expresso sabe que especialistas em infecciosologia, pneumologia e medicina interna são favoráveis, mas o pioneirismo da proposta está a ser um obstáculo noutros quadrantes. Para já, o Infarmed decidiu, segunda-feira, impedir as exportações desta substância, a não ser que haja concordância prévia da Autoridade Nacional para o Medicamento.

O assunto começou a ser estudado no início do mês, mas o primeiro sinal público de que a hidroxiquina poderia ser relevante para complementar as medidas de contenção em vigor foi a divulgação no último domingo de um artigo de opinião do ex-presidente do Conselho de Administração do Hospital de São João, no Porto. No texto, publicado no "Jornal de Notícias", António Ferreira alertava para a "catástrofe que se avizinha, quer do ponto de vista da saúde quer do ponto de vista social e económico" e para a "mais que previsível falência do sistema de saúde", propondo o uso deste fármaco como forma de prevenção. Ao Expresso, sublinha que "o risco-benefício é francamente favorável" (ver entrevista).



Enfermeira da unidade de cuidados intensivos fotografada esta quarta-feira no Hospital de São João FOTO RUI DUARTE SILVA

A sugestão do médico é que todos os doentes que não apresentem contra-indicações para tratamento com hidroxiquina e que tenham diagnóstico clínico de infeção, confirmado ou não por teste laboratorial, recebam o tratamento precoce com esta substância, quer estejam internados ou em casa. Assim como todos os seus contactos e as pessoas com risco elevado de mau prognóstico

Uso preventivo desta substância visa evitar a falência do sistema de saúde. Até agora, só a Índia avançou com a medida

para a covid-19, nomeadamente os idosos, e também os profissionais de saúde que tratam de doentes infetados e os efetivos das forças de segurança.

A avançar, o mais provável é que esta medida de prevenção surja sob a forma de um ensaio clínico de fase quatro, ou seja, com critérios menos rígidos, envolvendo, de forma voluntária, médicos e enfermeiros com idades mais avançadas e, por isso, duplamente fragilizados

perante a epidemia. Ao Expresso, Miguel Guimarães, bastonário da OM, reconhece que "a medida é revolucionária" e que todos os cuidados têm de ser tomados antes de decidir pela utilização profilática da hidroxiquina, para que não se provoque uma corrida às farmácias. Sobretudo, porque esta substância já está a ser utilizada, por indicação da Direção-Geral da Saúde, nos doentes internados com covid-19 para abrandar a evolução da infeção, evitando o ingresso em cuidados intensivos e a necessidade de ventilação (ver texto em baixo).

O problema é que a eventual eficácia da medida depende da precocidade com que a decisão é tomada e, neste momento, tudo está a ser avaliado, como a capacidade de armazenagem e produção da substância em Portugal e até o recurso ao Laboratório Militar.

Polémica mundial

O Governo francês publicou na quinta-feira um decreto assinado pelo ministro da Saúde determinando que a prescrição de hidroxiquina é possível se os médicos considerarem útil, sem ter de se esperar pelos

resultados dos ensaios clínicos. Também as autoridades de saúde indianas autorizaram a utilização desta substância para prevenir o crescimento da infeção entre a população de alto risco, nomeadamente médicos. A decisão foi tomada no mesmo dia em que o número de casos positivos naquele país chegou a 415 e foi confirmada a sétima morte provocada pela covid-19. Além da profilaxia química, o

Ao proteger pessoas de alto risco, a hidroxiquina poderia funcionar como substituta da vacina

Governo indiano determinou o confinamento da população em 75 distritos, incluindo as principais cidades, onde, até 31 de março, só podem funcionar os serviços essenciais.

A esperança à volta da hidroxiquina começou com a divulgação dos resultados de um estudo francês, no qual doentes infetados com o novo coronavírus tiveram a carga viral reduzida após o recurso à medicação. Situação semelhan-

te terá acontecido na China, com um teste envolvendo 100 doentes. Mas a polémica subiu de tom quando o Presidente dos Estados Unidos se mostrou muito otimista e classificou a substância como um potencial "game changer", ou seja, capaz de alterar o rumo da pandemia. A consequência foi uma corrida às farmácias e, por isso, especialistas norte-americanos, entre os quais um consultor da Casa Branca, sublinharam a necessidade de serem feitos mais estudos antes de se aconselhar a sua utilização generalizada. Mas, à cautela, a autoridade do medicamento norte-americana (FDA) autorizou quinta-feira que a hidroxiquina fosse produzida pelas farmácias.

Alguns hospitais brasileiros também receberam autorização do Governo federal para iniciar os testes com esta substância para o tratamento da covid-19. Por seu lado, embora autorize a utilização terapêutica, a Agência Espanhola de Medicamentos desaconselha o uso profilático fora de ensaios clínicos. O aviso foi feito depois de médicos terem recorrido à substância de forma preventiva num país onde 9500 profissionais de saúde estão infetados.

camartins@expresso.imprensa.pt

TRÊS PERGUNTAS A

António Ferreira

Médico e professor da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto

Quais os potenciais benefícios do uso preventivo da hidroxiquina?

■ Não existe evidência científica que sustente o uso na profilaxia da infeção pelo novo coronavírus. A evidência existe para o tratamento de infetados. No entanto, a Índia já aprovou a hidroxiquina para a prevenção da infeção em profissionais de saúde e em contactos próximos de doentes. Bélgica, Coreia do Sul e China aprovaram-na para o tratamento. O medicamento pode diminuir, nos doentes, o tempo de infecciosidade e evitar a infeção de contactos e doentes de alto risco, assim como de profissionais de saúde e outros essenciais ao funcionamento do Estado. Pode ajudar a reduzir a contagiosidade, retardar o pico do surto e diminuir a pressão sobre o sistema de saúde, que entrará em falência se nada mais for feito.

Quem deveria tomar esta medicação?

■ Em função da disponibilidade e da capacidade de fabricação nacional, deve ser usada para o tratamento dos doentes e a profilaxia dos contactos, dos profissionais de saúde, dos de elevado risco e dos essenciais ao Estado.

Quais os riscos potenciais?

■ Este é um fármaco muito bem tolerado, usado por longos períodos em doentes com patologia reumatológica. Talvez os mais preocupantes sejam os efeitos oculares ou cardíacos. Em todo o caso, face aos potenciais benefícios, creio que o risco-benefício é francamente favorável. É fundamental referir que, mesmo que a proposta seja aprovada, não deve diminuir a intensidade e a obrigatoriedade de respeitar todas as medidas em vigor nem transmitir uma falsa sensação de segurança. É importante que os portugueses não compreem ou tomem hidroxiquina sem conselho médico e nunca antes de as autoridades de saúde o recomendarem. C.M.

Medicamentos para malária, ébola e VIH já estão a ser usados

DGS autorizou hospitais a tratar doentes com quatro fármacos usados noutras doenças. EUA estudam sangue dos recuperados

Os medicamentos contra a malária, o ébola e o VIH já estão a ser usados nos hospitais portugueses para o tratamento de doentes internados com covid. Numa norma da Direção-Geral da Saúde (DGS), que entrou em vigor na quinta-feira, são dadas indicações para que quatro fármacos, conhecidos e testados para o

tratamento de outras doenças, possam ser usados pelos médicos para ajudar os casos mais graves.

Em causa estão quatro medicamentos: um usado para o ébola (remdesivir), um antiretroviral para o VIH (lopinavir/ritonavir) e dois utilizados na malária e artrite reumatoide (cloroquina e hidroxiquina). Segundo os critérios de abordagem terapêutica definidos pela DGS, os doentes internados em enfermarias que tenham insuficiência respiratória ou evidências de pneumonia

podem ser tratados com hidroxiquina ou cloroquina e o fármaco do VIH. Já os doentes em unidades de cuidados intensivos têm indicação para poder usar o fármaco contra o ébola.

"Os nossos doentes estão a utilizar todo o nosso arsenal terapêutico disponível", garantiu esta semana Graça Freitas, diretora-geral da Saúde. O Infarmed também confirmou que a hidroxiquina e o fármaco usado no VIH estão a ser abastecidos aos hospitais.

Um dos primeiros medicamentos testados na China para o tratamento de doentes com covid foi a cloroquina, que passou por ensaios clínicos em mais de dez hospitais chineses. "Segundo o diretor do Centro Nacional de Desenvolvimento em Biotecnologia da China, Sun Yanrong, nos doentes que receberam este medicamento a febre baixou, o estado dos pul-

mões melhorou e o tempo necessário para recuperação foi mais reduzido", aponta Markus Maeurer, clínico imunologista da Fundação Champalimaud.

Neste momento, decorre um grande ensaio clínico europeu, chamado Discovery, que visa estudar o efeito destes quatro fármacos no tratamento de covid, contando com 3200 pacientes em França, Bélgica, Países Baixos, Luxemburgo, Reino Unido, Alemanha e Espanha. Há ainda um outro teste a decorrer, o Solidarity, criado pela Organiza-

O Discovery, um grande ensaio clínico europeu, está a testar estes fármacos em 3200 doentes de vários países

ção Mundial da Saúde (OMS). "Quanto mais países se juntarem a este ensaio e a outros estudos alargados, mais rapidamente conseguiremos ter resultados sobre quais os medicamentos que funcionam melhor", afirmou esta semana o diretor da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus.

Sangue dos recuperados

Por todo o mundo, há pelo menos 12 tratamentos diferentes a serem testados com um mesmo objetivo: travar os efeitos mais graves do vírus nos doentes. Além dos ensaios a estas terapêuticas, nos Estados Unidos uma equipa de investigadores está a testar o sangue de pessoas recuperadas para saber se poderá ser usado como antídoto. Também na China têm sido feitos testes ao plasma das pessoas que ultrapassaram a doença nos últimos meses.

"É necessário acautelar riscos, como a presença de vírus no plasma destes doentes recuperados. Ainda assim, poderá ser uma proteção temporária ou uma forma de imunoterapia passiva, sobretudo para ajudar os doentes mais debilitados a passarem a fase mais crítica da doença", explica José Eduardo Guimarães, antigo presidente da Sociedade Portuguesa de Hematologia. "Contudo, surgem relatos de doentes com um excesso de resposta imunológica, isto é, o sistema ataca o próprio hospedeiro e ocorre uma reação potencialmente fatal. Quer isto dizer que em alguns casos a administração de mais anticorpos pode agravar muito a doença. É preciso fazer experimentação e ir observando os resultados", conclui.

RAQUEL ALBUQUERQUE com C.M. e VERA LÚCIA ARREIGOSO

ralbuquerque@expresso.imprensa.pt

POLÍTICA GOVERNAÇÃO

Pós-crise Uma vez controlada a urgência sanitária, António Costa terá uma emergência económica para enfrentar. Não será fácil: Rio dificilmente aceitará uma aliança sem contrapartidas pesadas e a esquerda recusa todo e qualquer tipo de austeridade. Uma crise política a juntar às outras crises?

Rio (e Marcelo) descarta bloco central mesmo em emergência

ÂNGELA SILVA
e MIGUEL SANTOS
CARRAPATOSO

Superada a crise de saúde pública, António Costa estará por sua conta e risco. Mesmo num cenário de grande recessão económica, Rui Rio não quer sequer ouvir falar em bloco central. E a ideia de dar a mão ao Governo para fazer aprovar no Parlamento orçamentos de emergência não colhe simpatia do núcleo duro do líder. Tudo será avaliado a seu devido tempo, claro, mas a linha vermelha definida desde o início está ainda mais viva: a viabilização de qualquer Orçamento dependerá sempre de reformas estruturais profundas, algo que, acredita-se no PSD, Costa nunca aceitará.

Os dois — Costa e Rio — sempre disseram que um bloco central só existiria em circunstâncias muito excecionais. Mas, da teoria à prática, vai uma enorme distância. O socialista, sabe o Expresso, nem sequer quer pensar nisso neste momento. E o social-democrata só aceitaria pensar no tema mediante contrapartidas firmes, virando do avesso as prioridades económicas do Governo.

Portanto, e apesar das pressões dos últimos dias — José Miguel Júdice, António Pires de Lima e Diogo Feio, por exemplo, defenderam-no abertamente —, Rui Rio não está disposto a mudar um milímetro: para já é tempo de união; no futuro, as peças de xadrez regressarão às posições iniciais. “A nossa estratégia mantém-se e não há razões para a mudar”, diz ao Expresso fonte próxima do líder. O plano do PSD passa por esperar pelas presidenciais (janeiro de 2021), pela conclusão da presidência portuguesa da UE (30 de junho de 2021) e depois ir com tudo às autárquicas (outubro). O Orçamento para 2022, negociado

depois das autárquicas, será a prova de algodão deste Governo.

Sem o apoio teórico da esquerda (ver texto em baixo), a sobrevivência política de Costa é atirada para o plano do altamente improvável. E se antes não havia pressa de chegar ao poder, para entrar num Governo com o PS ainda menos: “Para quê? Para ficarmos com o ónus de governar em tempos de crise económica? À primeira dificuldade do PS põe-se sempre a andar. Agora terá de enfrentar.”

Rui Rio tem o discurso afinado. Apesar dos contornos inesperados da pandemia, a economia estava pendurada por arames, assente em receitas de sectores muito voláteis (turismo, imobiliário), emprego precário, carga fiscal recordista e despesa fixa muito elevada. “Fartámo-nos de

avisar e não vamos branquear a política económica deste Governo”, assegura um dirigente.

Marcelo ao lado de Rio

Claro que há um dilema evidente: se o Governo cair antes do tempo sem arrumar a casa e o PSD vencer eleições, os social-democratas terão (mais uma vez) de governar em tempos de crise. Seria a repetição do filme de 2011 (Sócrates-Passos). Salvar os orçamentos seria uma forma de garantir a continuidade e o desgaste do PS. Mas implicaria que Costa repetisse o legado de Mário Soares, que, quando voltou ao poder, em 83, fê-lo com o empenho de fazer reformas indispensáveis. A confiança é (quase) nula. “Lá teremos nós de fazer de faxineiros do regime...”, desabafa-se no PSD.

Marcelo Rebelo de Sousa sempre foi contra governos de bloco central. O Presidente, sabe o Expresso, nem vê com bons olhos nem está à espera que o PSD canalize as suas energias para uma solução desse tipo. Pelo contrário: o que fará sentido aos olhos de Marcelo é o maior partido da oposição estar disponível para “segurar” o Governo de Costa, em nome do interesse nacional, e aprovar medidas de emergência. Mas sem hipotecar diferenças e um projeto económico alternativo.

A tomada de posição assumida na quinta-feira por Joaquim Miranda Sarmento, ‘ministro sombra das Finanças’ de Rio, foi bem vista em Belém: por propor medidas de apoio à economia mais exigentes em termos de

resposta imediata, sem beliscar o Governo. É esse o caminho, entende o Presidente.

Em Belém, comenta-se que Rui Rio não teria interesse algum em ir para o Governo tão cedo porque encontrará um país “escavacado”. O que fará mais sentido é Rui Rio esperar que o poder lhe caia nos braços, um cenário que a ressaca económica da atual crise e os seus efeitos de desgaste junto de quem governa, tornará, na opinião de Marcelo, bastante inevitável.

Num momento em que o discurso bélico tomou conta da política, a ideia vai ganhando raízes: António Costa arrisca-se a encarnar Winston Churchill, ganhar a guerra (a pandemia passa e o SNS aguenta) e perder as eleições. Será assim?

asilva@expresso.imprensa.pt



Rio ajudará o Governo a ultrapassar a crise e, eventualmente, a aprovar medidas excecionais. Mais não FOTO TIAGO MIRANDA

Esquerda avisa: com austeridade no pós-crise não há acordos

Ninguém duvida de que vem aí uma crise brutal. À esquerda, os partidos desconfiam da resposta europeia. Se a solução for austeridade, ficam de fora

É “terreno novo”, “uma grande incógnita”, mas sobretudo o regresso à “estaca zero”. A crise sanitária provocada pelo surto de covid-19 veio mudar as regras do xadrez político graças à crise económica que previsivelmente trará consigo. À esquerda, são muitas as desconfianças sobre os moldes que a resposta a uma nova recessão poderá assumir. E se os antigos parceiros do PS esperam que as lições da crise de 2008 não sejam agora varridas para debaixo do tapete, é certo que têm uma linha vermelha:

se a solução voltar a passar por impor medidas austeritárias, BE e PCP colocar-se-ão fora da fotografia.

Se até há coisa de semanas a discussão à esquerda passava pelas já habituais trocas de acusações sobre o prolongamento — ou o enterro definitivo — da ‘geringonça’, a pandemia veio deixar a discussão em *stand-by*. Agora, os partidos da esquerda passam a ter no horizonte um fator com que não contavam: a crise económica que se avizinha, cinco anos depois de se terem envolvido numa solução de Governo inédita precisamente para imporem soluções que devolvessem rendimentos às pessoas e apagassem as marcas da austeridade. E podem esquecer medidas que estavam previstas

para os próximos orçamentos, como descidas significativas no IRS ou mais aumentos nas pensões: a política do Governo para o aumento dos rendimentos está comprometida.

O que fará então a esquerda se se vir confrontada com um quadro em que essa austeridade regressa? A primeira dúvida passa pela resposta europeia: PCP e BE questionam agora a capacidade de a UE trazer soluções sem repetir os moldes de há dez anos.

“O perigo de uma crise económica desenha-se como incontrolável: as perspetivas de resolução deste problema não são muito tranquilizadoras e os especialistas falam até de mais de um ano”, assume ao Expresso João Oliveira, líder par-

lamentar do PCP. E é por isso que os comunistas pedem que as respostas sejam pensadas a “longo prazo” e tendo em conta “as lições que se retiraram da última crise”. Com uma conclusão clara: “As medidas tomadas em 2008 procuraram que os povos pagassem a fatura de lucros especulativos e capital financeiro. Se a perspetiva for essa, e não estranharia que o poder económico e financeiro a quisessem impor, a resposta terá de ser a recusa”, esclarece.

No BE, a perceção é semelhante. O partido tem estado focado em mostrar-se muito “propositivo” e “cooperante” com o Governo, deslocando o debate para áreas em que está mais confortável, como a saúde ou os direitos dos trabalhadores, explicam várias fontes bloquistas. Mas se estiver em causa uma crise económica com uma resposta austeritária, o cenário mudará. “Estamos a passar por uma nova crise mas com as lições da crise de 2008. Se for acatada a reprodução da estratégia, em que a fatura veio depois, e o Governo se deixar conduzir pelas ordens de

Governos mais fortes na União Europeia, então o parceiro não é o BE”, explica um alto dirigente. As hipóteses de o BE alinhar em medidas de austeridade, concorda outra fonte, são “nulas”.

Essencial será, por isso, perceber “o critério com que se vai enfrentar a crise” para clarificar “qual é o arco que o PS”, que até aqui dava sinais de continuar a preferir a esquerda enquanto parceira, “quer construir”. Para já, repetem bloquistas e comunistas, a gestão do dossiê covid-19 é feita minuto a minuto, uma vez que ninguém tem a noção do seu alcance. Mas a dificuldade da UE em chegar a acordo, por exemplo para a emissão de dívida conjunta, é um sinal de alerta. “Uma UE que volte a falhar na resposta a uma crise prova que não é, na verdade, uma união”, nota fonte oficial do BE. A partir da resposta do Executivo poderão definir-se os contornos do novo cenário político. Uma conclusão já é certa: depois da covid-19, dificilmente algo será como dantes.

MARIANA LIMA CUNHA
mlcunha@expresso.imprensa.pt

CDS

“Chicão” quer ajuste do IRS e cheque emergência

Francisco Rodrigues dos Santos pressiona António Costa a ir mais longe e quer mais apoios para famílias e empresas

São 15 medidas “excecionais” para enfrentar um momento “excecional”. Para o CDS, é urgente, a par da resposta à crise sanitária, “achatar” a curva da recessão que vamos enfrentar. “É necessário ir mais além, fazer mais e apoiar melhor”, diz ao Expresso Francisco Rodrigues dos Santos.

À cabeça, os democratas-cristãos defendem que as “tabelas de retenção na fonte de IRS têm de ser ajustadas já a partir de abril, fazendo coincidir o imposto final com o que é pago antecipadamente”, sem nunca esquecer que “as famílias financiaram gratuitamente o Estado, durante 2019, em mais de 3 mil milhões de euros, que, por não serem devidos, serão objeto de reembolso”. Exige-se ao Estado, portanto, que faça agora a sua parte, com particular atenção a outro aspeto: o Governo deve “fixar em 10 dias úteis o prazo efetivo do reembolso”. “É uma medida que aumenta o rendimento disponível, não diminui a receita fiscal e é de elementar justiça tributária.”

Ainda a pensar nas famílias, Rodrigues dos Santos alerta para a importância de proibir o “corte de fornecimento de serviços essenciais a consumidores domésticos” durante o estado de emergência.

Para proteger o emprego, trabalhadores e empresas, o CDS sublinha que deve ser garantido “aos trabalhadores em *lay-off* o acesso imediato à sua compensação, que deve ser paga diretamente pela Segurança Social” e “estender o regime a empresas com quebras de faturação superiores a 20%” — o Governo só admite para quebras superiores a 40%.

Além de defender o pagamento antecipado de todas as dívidas a fornecedores para injetar liquidez na economia, o CDS acredita que o Estado devia “atribuir às pequenas e médias empresas (PME) encerradas ou com a atividade suspensa um ‘cheque emergência’ no valor máximo de €15.000”. Mais: as contribuições para a Segurança Social devidas pelas PME a partir de março e enquanto durar o estado de emergência devem ser suspensas, sempre “mediante a condição de todos os postos de trabalho serem mantidos”, a “entrega do IVA ao Estado, o pagamento de IMI e de IRS pelos contribuintes individuais e o IRC retido pelas empresas tem de ser deferido por um prazo mínimo de três meses” e o “pagamento por conta, o pagamento especial por conta e o pagamento adicional por conta de IRC e IRS no ano de 2020 devem ser eliminados”. Ao mesmo tempo, “todos os processos de execução fiscal cujas dívidas não resultem da prática de crimes tributários devem ser suspensos, de forma a permitir o acesso de mais empresas aos apoios do Estado”. “É urgente atuar de imediato”, remata o líder do CDS. M.S.C.

PRESIDENTE



O PR em conversa com o bastonário da Ordem dos Médicos, que se tem queixado de falta de meios FOTO NUNO FOX/LUSA

Em duo com Costa, até às presidenciais

Emergência reforça coabitação, mas Marcelo prepara-se para 2º mandato a gerir uma crise

ÂNGELA SILVA

Marcelo Rebelo de Sousa fez tudo para adiar o tema das presidenciais e a situação de emergência que o país vive acaba por lhe dar uma ajuda. Focados no gravíssimo problema de saúde pública e no impacto económico de uma crise que o ministro das Finanças já antecipou levar-nos para uma recessão, partidos e opinião pública tenderão — antecipa-se em Belém — a encerrar as presidenciais como “um não assunto, quase até ao fim”. Sobretudo se continuarem a ver o Presidente da República e o primeiro-ministro em dupla a gerirem a crise.

Após o momento de tensão que viveram há 15 dias em torno da declaração ou não do estado de emergência, Presidente e chefe do Governo acertaram o passo e na terça-feira, após a reunião de alto nível que promoveu com especialistas, dirigentes partidários e parceiros sociais para um ponto da situação, foi António Costa quem pediu a Marcelo para falar aos jornalistas. A liderança bicéfala do processo estava assumida.

“Nos incêndios deu para separar mas aqui não dá”, reconhece fonte próxima do Presidente da República. A convicção em Belém, como em São Bento, é que no espírito das pessoas isto está nas mãos de um ‘duo’, em que o Governo precisa da cobertura do Presidente e o Presidente precisa de mostrar que está atento mas solidário com o Governo. Para vincar a complementaridade, Marcelo Rebelo de Sousa tem escolhido a dedo as personalidades que vai chamando a Belém desde que saiu da quarentena e que são vozes de sectores mais desvalidos nesta crise “as Misericórdias, as instituições de solidariedade social, a Ordem dos Médicos, a Confederação dos Agricultores, as Ordens dos Enfermeiros e dos Farmacêuticos ou a Liga dos Bombeiros. Mas, simultaneamente, o Presidente vai ajudando Costa a serenar os ânimos, seja quando diz que está “menos preocupado”, seja quando não alimenta a polémica em torno da frase do primeiro-ministro segundo a qual “até agora não faltou nada” no SNS e que mo-

tivou uma carta aberta dos profissionais da Saúde. “É inevitável que a gestão seja em dupla”, concluem na Presidência. Pelo menos até que o problema de saúde pública esteja controlado.

A partir de maio/junho, à medida que o surto epidémico der descanso e começar o desgaste das sequelas económicas e sociais nas empresas e nas famílias, o Presidente sabe que o país político entrará numa nova fase e que “o espírito de união nacional” acaba. Mas Marcelo confia em Rui Rio para manter o PSD colaborante q.b. nas questões de interesse nacional — viabilização do próximo Orçamento do Estado e Orçamentos Retificativos, pelo menos — e com a presidência portuguesa da União Europeia já em preparação num momento

Regressado a Belém, o Presidente tem recebido os sectores que mais denunciam falta de meios no ataque ao surto

único para a Europa, o próprio PR tenderá a manter-se ao lado do Executivo. Manter um papel central na fotografia é, aliás, um fator que Belém acredita correr a favor do Presidente recandidato.

Segundo mandato a exigir músculo

À esquerda, onde sectores socialistas têm defendido que o PS deve apresentar um candidato presidencial próprio e Ana Gomes surge como o nome mais provável, a discussão fica, para já, em *stand by*. A diplomata continua sem abrir o jogo e Marcelo Rebelo de Sousa confia que, neste novo contexto, o primeiro-ministro e líder do PS tenderá a não querer afrontar o atual Chefe de Estado. “Se já não tinha dúvidas, António Costa agora ainda terá menos”, comentava esta semana um dos conselheiros do Presidente. Que vê vantagens neste “manto de secundarização” que a epidemia tende a espalhar sobre as presidenciais, independentemente de André Ventura poder cavalgar poli-

ticamente as sequelas desta crise. A campanha eleitoral tende, no entanto, a ficar muito circunscrita ao período oficial.

Se anunciar a recandidatura em novembro, como está previsto, Marcelo ainda terá que fazer o discurso de ano novo e os dois temas políticos inevitáveis serão a presidência portuguesa da UE que estará a começar e a crise económica que inevitavelmente tenderá a penalizar sobretudo o Governo. “O Presidente irá monitorizando o que o país sente e irá ajustando o seu discurso e ação”, afirma outro conselheiro, mas no essencial “não é nesta altura que ele se pode demarcar”. Em 2021, se a crise for pesada e socialmente o Governo se for desgastando, Marcelo prepara-se para um segundo mandato mais musculado. Com Rui Rio aparentemente indisponível para um Bloco Central (texto ao lado), e a esquerda indisponível para alinhar com Costa em medidas austeritárias, 2022 volta ser um potencial cenário de crise. Com o Presidente no epicentro da decisão política.

avsilva@expresso.imprensa.pt

CRISE

CGTP denuncia 40 empresas

Da Vista Alegre ao chefe Kiko, passando pela Lacoste ou pela Zeiss, em todo o país há abusos nos despedimentos e apelos à lei. Sindicatos apresentaram lista

Situações de “abuso e aproveitamento”. É assim que Isabel Camarinha, líder da CGTP, classifica a dispensa de “milhares de trabalhadores” por parte das empresas que “em todo o país e em todos os sectores de atividade” fecharam as portas para fazer face a pandemia da covid-19. O balanço de uma semana de estado de emergência “é muito

negro”, e à central sindical — que abriu uma linha de denúncia *online* de situações de abuso laboral — chegaram “centenas de casos de empresas que despediram os seus trabalhadores logo após a declaração do estado de emergência”. Contas feitas, “são milhares de pessoas atingidas”, garante a líder da CGTP, para quem “são sobretudo os trabalhadores com vínculos precários, em período experimental ou que prestam serviço a empresas de trabalho temporário os mais afetados” por esta vaga que “varre o país de norte a sul e está a alastrar-se por praticamente todos os sec-

tores de atividade económica”. A juntar-se a estes despedimentos, a CGTP registou ainda várias queixas de empresas que “obrigam ilegalmente os trabalhadores a mudar as férias”, assim como situações de “abuso no horário de trabalho que vão até casos de praticamente ‘regime de internato’ em que se cumprem horários permanentes e contínuos durante mais de uma semana”, diz Isabel Camarinha.

A lista de casos que a CGTP considera violarem o código de trabalho foi já enviada à ministra da tutela, assim como à Autoridade para as Condições

do Trabalho. O Expresso teve acesso à lista, que inclui empresas como a Carl Zeiss (50 trabalhadores despedidos), a Plasfill Navigator (130), a Continental Mabor (200) ou a Coindu (300). A Lacoste despediu todos os trabalhadores em período experimental e informou os contratados a prazo que não veriam os seus contratos renovados. E a lista prossegue com o caso do Mercado de Algés, onde foram despedidos 15 trabalhadores com contrato em termo incerto e apenas sete funcionários estão ao serviço, com uma jornada de trabalho contínuo entre as 10h e as 23h, alguns sem direito a pausa para alimentação. Há ainda a situação dos restaurantes do chefe Kiko, que obrigaram 100 trabalhadores a rescindir contratos e

a assinarem um recibo de quitação de contas.

Já a Vista Alegre, a Essilor, a Leica, a Benetton, a Sport Zone ou a Cervejaria Portugal são acusadas de forçar os trabalhadores a alterar os seus dias de férias e a gozá-las durante o período de confinamento social obrigatório.

Isabel Camarinha considera esta uma “situação absolutamente dramática” e exige mais medidas por parte do Governo. Na opinião da CGTP, o pacote legislativo para fazer face a esta pandemia “é muito pouquinho”, porque “significa uma quebra brutal nos rendimentos das famílias, colocando os trabalhadores na pobreza e levando ao colapso da economia”.

ROSA PEDROSO LIMA
rlima@expresso.imprensa.pt

Jorge Miranda

Constitucionalista



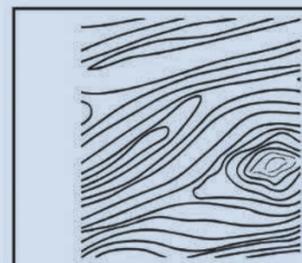
■ Como avalia o sistema jurídico do país na área do ambiente?

■ Começando pela Constituição, pode dizer-se que ela dedica ao meio ambiente um tratamento sem paralelo em nenhuma outra Constituição europeia [arts. 9º, alínea d), 52º, nº 3, alínea a), 66º e 86º, alíneas m) e n)]. De salientar, além da afirmação do direito ao ambiente e do dever de o defender [art. 66º, nº 1], a efetivação dos direitos ambientais como uma das tarefas ambientais do Estado [art. 9º, alínea d)], o apelo à participação dos cidadãos [art. 66º, nº 1] e o princípio da solidariedade entre gerações [art. 66º, nº 2, alínea e)]. Deve entender-se que a intimação para a proteção de direitos, liberdades e garantias [art. 20º, nº 5 da Constituição e arts. 109º e segs. do Código de Processo nos Tribunais Administrativos e Fiscais] pode aplicar-se, em certas circunstâncias, a direitos ambientais. O Código Penal prevê os crimes contra o ambiente [arts. 272º a 274º e 278º a 281º]. Em contrapartida, a lei da responsabilidade civil do Estado [Lei nº 67/2007, de 31 de dezembro] iguala a responsabilidade por danos ao ambiente. Só indiretamente ela resulta dos seus arts. 7º, 11º e 15º. Não parece satisfatória a legislação sobre proteção das florestas, dos rios e das áreas costeiras. Muito menos grande parte dos regulamentos municipais.

■ De que modo o ordenamento jurídico português, os juristas e o sistema judicial se estão a preparar para a emergência climática?

■ Antes de mais, haveria de ser corrigida e aprofundada a legislação existente. Depois, deveria estabelecer-se um rigoroso cumprimento das regras sobre hidrocarbonetos e as regras urbanísticas, impedir a construção em zonas históricas e na orla costeira e limitar drasticamente a circulação de automóveis particulares nos centros urbanos. Ao mesmo tempo, poderia dar-se ao Conselho Nacional do Ambiente e do Desenvolvimento Sustentável um novo estatuto, aproximando-o do estatuto do Conselho Económico e Social. Um novo estatuto com autonomia, um órgão consultivo da Assembleia da República e do Governo no seu conjunto e como órgão de sensibilização da sociedade para a emergência climática. E poderia então introduzir-se um Conselho Nacional do Ambiente e do Clima. Quanto aos juristas, lembre-se que a Faculdade de Direito tem estado atenta ao estudo do Direito do Ambiente como disciplina de licenciatura e de mestrado, com a organização de colóquios e conferências e com a publicação de livros e artigos. Tudo isto pressupondo, naturalmente, a cooperação internacional.

LUÍSA SCHMIDT



VIDAS SUSTENTÁVEL
Nada muda se não mudarmos



Expresso

ENTREVISTA

Durão Barroso na sua casa em Londres, fotografado esta quinta-feira à noite a partir de uma videochamada, enquanto decorria o Conselho Europeu



José Manuel Durão Barroso Ex-presidente da Comissão Europeia

“Uma situação de guerra exige uma economia de guerra”

Texto **VÍTOR MATOS**
Foto **TIAGO MIRANDA**

Fechado na sua casa de Londres, em isolamento voluntário desde 13 de março, José Manuel Durão Barroso conversou com o Expresso por telefone e videochamada. O antigo primeiro-ministro português — agora *chairman* no Goldman Sachs —, avalia a crise a partir da sua experiência de 10 anos como presidente da Comissão Europeia: é a favor dos *eurobonds*, acha que tem de haver uma resposta coordenada da União Europeia à crise, mas considera que neste momento o que importa não é a dívida: é conter o vírus e responder à emergência humanitária.

Estava na primeira linha da crise financeira de 2008 como presidente da Comissão Europeia. Os líderes europeus aprenderam ou devemos preparar-nos para uma crise pior?

Na minha opinião, esta crise do ponto de vista económico vai ser ainda pior do que a que começou em 2008. Mas há uma diferença fundamental: esta não é uma crise financeira como a de 2008, que depois se transmitiu à economia real...

É ao contrário...

Exato. É uma crise que começa com uma pandemia, que gera uma crise na economia real, com uma súbita e violenta destruição de valor e que depois assume aspetos financeiros. Este ponto é relevante, porque na crise financeira e das dívidas soberanas, a solução encontrada tinha de ser económica e financeira. Agora, a solução está fora do âmbito económico e financeiro: está na vitória sobre a pandemia, seja na sua contenção, seja pela descoberta de terapêuticas e vacinas eficazes.

Mas até lá a economia está parada...

Sim. As medidas económicas, sejam de natureza monetária ou orçamental, são absolutamente necessárias para mitigar os efeitos económicos e sociais que serão bastante grandes. No entanto, não é a política monetária ou orçamental que vai matar o vírus. Mas uma vez que se torne evidente que se consegue ultrapassar ou resolver a

crise da dívida pública, a recuperação económica depois desta crise pode ser mais rápida do que a que tivemos — com grandes custos sociais — na última grande crise financeira global. Comparando esta situação com 2008 temos pontos positivos e negativos.

O que vê nisto de positivo?

A situação dos bancos e do sector financeiro é relativamente muito melhor, em parte por causa das medidas tomadas como reação à anterior crise, o que leva o sector financeiro a estar melhor à partida, em termos de capitalização e liquidez — o que de qualquer modo não exclui alguma tensão. Em segundo lugar, houve maior rapidez e determinação na resposta dos bancos centrais, nomeadamente da Reserva Federal americana, do BCE e do Banco de Inglaterra. Houve também menos timidez na reação orçamental, onde os EUA bateram todos os recordes com o pacote anunciado pelo Senado. Na Europa, devemos reconhecer que as medidas orçamentais anunciadas a nível nacional são sem precedentes, mas, infelizmente, essas medidas não têm tido um contraponto equivalente na coordenação entre os países da UE.

A resposta europeia é o aspeto mais negativo?

É um dos aspetos negativos. Mas as medidas orçamentais já anunciadas pelos países são bastante importantes — até porque a Comissão Europeia tomou a iniciativa correta de praticamente suspender o Pacto de Estabilidade, o que permite flexibilidade orçamental. Devia haver coordenação no estímulo orçamental, além do que está a ser feito nos países. Esta crise é

mais global, mais generalizada e mais rápida que a de 2008. E tem um elemento essencial que é o medo: o medo da morte, e que leva à modificação do nosso modo de vida. É uma crise mais existencial ainda que a anterior.

Um dos aspetos comuns a 2008 é os governos estarem a despejar dinheiro na economia. Mas depois, no refluxo, não vai haver o aumento das dívidas e das taxas de juro?

Isso é praticamente inevitável. Há aumentos na dívida pública, independentemente da existência dos mecanismos europeus coordenados — que será o desejável. Mas não podemos colocar como prioridade o controlo da dívida pública. Estamos numa situação de guerra. Uma situação de guerra quase que por definição exige uma economia de guerra. Subscribo o que tem dito Mario Draghi: neste momento, a questão da dívida não é aquela que deve predominar: estamos perante uma emergência humanitária. A dívida pública seria mais eficazmente gerida em termos de mutualização, mas o seu crescimento é inevitável. E vai atingir em todo o mundo níveis sem precedentes.

Portanto, defende a mutualização da dívida europeia, os *coronabonds*... como nove líderes europeus defenderam contra os quatro “frugais”.

A questão dos *coronabonds* — como a meu ver de modo infeliz se lhe chama —, é a velha questão dos *eurobonds*, da emissão conjunta de dívida da zona euro. Durante a crise financeira de 2008, eu próprio e a Comissão propusemos aos Estados-membros essa solução, mas foi recusada pela Alemanha, Holanda e de forma mais discreta por outros países. Essa discussão tem muito sabor de *déjà vu*. Agora há uma situação excepcional. Têm razão os países — entre os quais Portugal —, de um grupo liderado pela França, Itália e Espanha, que reclamam passos ambiciosos neste domínio. Compreendo a frustração relativamente aos resultados ou não resultados da cimeira europeia extraordinária de quinta-feira...

Ou seja, a verdadeira iniciativa ficou toda do lado do BCE.

A mutualização da dívida é inevitá-

vel, se quisermos manter uma moeda comum. Na prática, já está a acontecer por via do BCE. Quando o BCE compra dívida maciçamente e agora sem limites, dá um passo fundamental. Seja dívida pública ou dívida corporativa, das próprias empresas, está a dar uma ajuda sobretudo aos países e economias mais vulneráveis. Até pode ser que se chegue aos *eurobonds*. Provavelmente não se vai chegar lá no curto prazo. Alguns dos países que se opõem aos *eurobonds* veem a sua posição reforçada pelas medidas já anunciadas pelo BCE: não apenas pela bazuca monetária sem precedentes, mas por fim dos limites aos mecanismos de compra da dívida terem reduzido a pressão sobre as dívidas soberanas, as taxas de juro e os *spreads*. Isso leva a que, pelo menos no imediato, não haja um problema. Preocupa-me que haja pelo menos um ou dois países com uma posição dogmática, moral e fundamentalista...

Como a Holanda...

Sim, contra a ideia de *eurobonds*, porque recusam à partida esse instrumento de solidariedade.

António Costa chegou a classificar o discurso de um ministro holandês como “repugnante”. A violência retórica está a fazer regressar a divisão Norte-Sul. A Europa sobrevive a isto?

Continuo a acreditar que sobrevive, porque sou influenciado pela minha experiência: recorde-me que a generalidade dos analistas previam que a Grécia saía do euro e prémios Nobel da Economia diziam que o euro ia chegar ao fim. Continuo a acreditar na resiliência da UE e da zona euro. Mas estou muito preocupado com este tipo de discurso, porque em política as palavras têm efeitos políticos imediatos, na economia, e até podem representar um desafio existencial quanto ao futuro da UE. A crise da solidariedade e a própria ideia de coordenação é, sem dúvida, um risco existencial para a UE.

Acredita num plano de investimento sem precedentes? E de onde vem o dinheiro? Os países não querem usar o Mecanismo Europeu de Estabilidade (MEE), porque quem pedir dinheiro dá a entender que está a ser resgatado...

Exatamente. Tem razão de alguma forma a Itália quando diz que o MEE não foi desenhado para este tipo de crise, foi desenhado para uma crise financeira. Se não houver um mecanismo generalizado e houver o recurso apenas de um ou outro país com uma posição mais vulnerável, pode criar um estigma que vai gerar ainda maior desconfiança nos mercados e agravar o problema. Mas há que compreender que nessas matérias é preciso consenso. Parte da resposta estará nas perspetivas financeiras para o próximo ciclo.

Mas o Norte também tem sido muito restrito no orçamento europeu... não quer gastar mais.

Vai ter de se ultrapassar a resistência de alguns desses países. Posso estar enganado, mas como a Alemanha vai ter a presidência do Conselho da UE durante o segundo semestre deste ano, a senhora Merkel vai querer deixar em termos de herança europeia uma posição mais forte do que aquela que se lhe reconhece. Acho que a Alemanha vai ter um papel importante para ultrapassar as reticências dos países mais duros.

Há uma frase de António Costa impressionante: “Há uma mesquinhez que está a ameaçar a UE.” Acho que se dirigia à Holanda. Concorda que há uma mesquinhez destes países?

Não diria dos países, mas dos Governos. Sim, acho que sim. Acho que é uma expressão correta. Mas atenção: os outros países também são democráticos. E os Governos também têm de aparecer como defendendo o seu interesse nacional. Claro que me revolta também, mas em termos políticos temos de ter como adquirido que há diferentes perceções nos diferentes países e que as decisões da UE são tomadas por consenso.

Tem havido sensibilidade humana na gestão da crise?

Começamos a ter vozes que sustentam que não se pode dar uma prioridade à questão humanitária porque depois a questão económica traz problemas muito maiores a médio prazo. Quase que se dirá que, nessa perspetiva, temos de aceitar que vai haver um número muito maior de mortes porque senão a economia não vai recuperar. É a posição de alguns, incluindo líderes empresariais. É revoltante. Já ouvi a própria palavra “senicídio”, ou seja, como são velhos podem morrer. Isto é absolutamente inaceitável. A primeira prioridade de uma sociedade e de qualquer sistema organizado de vida humana tem de ser esse valor acima de qualquer outro e não pode ser o de conforto económico das sociedades.

Como tem acompanhado a situação portuguesa?

Há que realçar o que me parece ser a convergência dos órgãos de soberania: Presidente, Assembleia e Governo. Há alguns problemas estruturais, como o subfinanciamento do SNS e as conhecidas dificuldades administrativas. Mas não sei que impacto isso está a ter na resposta. Portugal teve a sorte de esta pandemia ter chegado mais tarde do que a outros países e por as autoridades poderem, felizmente, tomar medidas mais precoces.

Portugal tem margem para atacar os efeitos económicos da crise?

Estamos mais preparados do ponto de vista financeiro do que estávamos em 2008/2009, também pela resposta do BCE. Penso que os riscos de *default* são à partida menores. Mas temos de evitar qualquer complacência.

O Banco de Portugal falava numa queda de 5% do PIB... isso não é conservador?

Acredito mais nas previsões que falam numa queda na zona euro de 9%. Por exemplo, a Alemanha estará perto dos 9%; a Itália estará superior a 11% e a Espanha 10%. Nesse contexto, Portugal vai estar claramente acima dos 4% ou 5% de que tenho ouvido falar. Até porque a nossa economia tem uma vulnerabilidade maior, que é a sua dependência do sector do turismo, ao contrário dos países mais industrializados.

vmatos@expresso.imprensa.pt

“
A CRISE DA
SOLIDARIEDADE É UM
RISCO EXISTENCIAL
PARA A UE
”

EUROPA

Nova batalha Norte-Sul e o Eurogrupo que resolva

Os líderes europeus empurram a discussão sobre a resposta à crise

SUSANA FREXES
Correspondente em Bruxelas

Os ministros das Finanças da zona euro têm agora duas semanas para fazer o que os líderes não conseguiram e desenhar uma resposta europeia forte para a crise. No papel final da reunião dos 27 chefes de Estado e de Governo ficou uma promessa assinada por todos: “Faremos tudo o que for necessário para proteger os nossos cidadãos e superar a crise.” Mas a diferença de velocidade e de ambição na execução do compromisso alimenta críticas à incapacidade de apontarem já o caminho.

O primeiro-ministro holandês recusa ir mais rápido do que “passo a passo”. Argumenta que a crise pode demorar vários meses e que, por isso, “não é sensato” gastar já todas as armas.

Numa videoconferência em Bruxelas, Mark Rutte deixa claro que a primeira atuação deve ser nacional — Haia anunciou já €65 mil milhões “para assegurar os próximos três meses” —, depois há que explorar todas as possibilidades dentro do orçamento europeu — “ainda há opções disponíveis, por exemplo na área dos fundos de coesão” —, e só no fim, e como último recurso, é que admite que os países recorram ao Mecanismo Europeu de Estabilidade (MEE), o fundo de resgate da zona euro.

O pragmatismo holandês choca de frente com o que defendem Itália e Espanha, apoiadas por Portugal, França e outros

Emissão de dívida conjunta? *Coronabonds*? Nem pensar, não é arma que pretenda incluir no arsenal europeu. “Não consigo prever nenhuma circunstância em que os Países Baixos concordassem com *eurobonds*”, responde, quando questionado (duas vezes) sobre o que o podia fazer mudar de ideias e face ao aviso do ex-presidente do Banco Central Europeu, Mario Draghi, sobre o “custo da hesitação”.

O pragmatismo holandês choca de frente com o que defendem Itália e Espanha, apoiadas por Portugal, França e outros países europeus que entendem que volta a ser tempo de trazer para cima da mesa a difícil discussão sobre a mutualização da dívida e a partilha de risco.

Para o primeiro-ministro italiano, Giuseppe Conte, são necessários instrumentos financeiros inovadores e não os do passado, porque a crise também é diferente da anterior. António Costa concorda que se deve “recorrer a todos os instrumentos”, sem descartar a criação de nenhum. O primeiro-ministro segue a

lógica dos que defendem que quanto mais cedo se agir e passar um sinal aos mercados, melhor para todos.

Ameaça ao projeto?

Só que por trás da discussão técnica e económica, está uma discussão política mais antiga e profunda que ameaça transformar-se num novo confronto Norte-Sul — mesmo que ao lado dos países mediterrânicos estejam também a Irlanda ou a Bélgica — focado na troca de acusações sobre a dimensão da dívida de uns e outros.

Numa questão que requer unanimidade, a Holanda leva vantagem. Consegue bloquear qualquer avanço dos *coronabonds* e conta com o apoio da Alemanha, Áustria e Finlândia para fazê-lo. No entanto, os que defendem outro caminho, prometem não deitar já a toalha ao chão.

Na videoconferência desta semana, o Presidente francês “defendeu a necessidade de solidariedade orçamental europeia durante e depois da crise”, diz fonte diplomática. Para Emmanuel Macron, “todas as pistas devem estar abertas, desde a capacidade de endividamento comum ao aumento do orçamento europeu”. Em desacordo com a resistência da chanceler alemã, o francês terá usado outro argumento durante a reunião: “Sem solidariedade nesta crise, o projeto europeu está em perigo”, adianta a mesma fonte.

O Eurogrupo que resolva

Os líderes pedem ao Eurogrupo para que elabore propostas e as apresente dentro de duas semanas, mas a margem dos ministros das Finanças é curta. De acordo com fontes europeias, a discussão não será fácil, pelo contrário, e deverá continuar centrada na mobilização MEE. Não há qualquer mandato para se explorar a mutualização da dívida e o risco é para que os ministros fiquem ainda mais acantonados nas posições dos respetivos chefes de Governo, aprofundando o fosso entre uns e outros, o que não facilita o consenso.

Quanto à forma de mobilização do fundo de regate da zona euro é outro problema a resolver. Os 19 da moeda única terão de chegar a um entendimento sobre as condições de acesso às linhas de crédito cautelares do MEE. Se os italianos defendem que não deve haver condicionalidade, os holandeses insistem que isso é impensável. O receio de Roma é que as condições façam lembrar os programas de ajustamento, alimentando ainda mais o estigma associado à utilização do Mecanismo. Para já, a proposta que Mário Centeno pôs em cima da mesa aponta para a criação de várias linhas, disponíveis para todos, e apenas para financiar investimentos de resposta direta à pandemia.

politica@expresso.imprensa.pt

Gente



O país das estantes I Marques Mendes e Francisco Louçã têm estantes cor de madeira. A de José Miguel Júdice tem a pompa de uma biblioteca clássica. A de Ana Gomes tem muitos CD. E a de Joaquim Sarmiento é branca, com um cheirinho a IKEA. Eis o país das estantes. Com comentadores, políticos e jornalistas a entrarem na TV via Skype, há um fenómeno que a covid-19 revelou: o cenário predileto de quem opina são estantes. Nada de paredes brancas, pouca arte, ninguém arrisca cozinhas, nada de marquises, sofás nem vê-los. Para aparecer na televisão, *opinion maker* que se preze exhibe livros.

O país das estantes II Mas eis que, num ato de rebeldia sem precedentes, Jorge Coelho decidiu aparecer no

Skype, veja-se bem, com uma simples parede branca como cenário. O rasgo com o *statu quo* do comentariado nacional foi evidente. Ou isso ou não quis medir a sua com a de Pacheco Pereira.

O país das estantes III E alguém já viu a de Nuno Rogeiro? Que portento. De longe a maior deste país.

As varandas de Marcelo Durante a quarentena, foi a polémica varanda da sua casa de Cascais, onde o Presidente da República se fechou 15 dias. E agora, que já voltou a Belém, Marcelo tem falado diariamente aos jornalistas a partir da varanda do palácio. Já não o faz via Skype, como acontecia quando estava em Cascais e fez correr rios de tinta pela imagem distorcida com que se mostrava ao país. Mas ficamos a saber se o Presidente, ao contrário dos políticos e comentadores que não resistem a estantes, adora varandas. Sempre está mais perto da rua...

Pânico higiénico Numa curta e perigosíssima incursão pelo mundo exterior, um repórter desta casa sentiu na pele o que é ser um pária:

assim que se aproximava de alguém (por razões profissionais, atente-se bem), os interlocutores desatavam a recuar apressadamente. Não se admite. E mais: Gente está em condições de garantir com elevado grau de certeza que o dito repórter tinha tomado banho há dois dias, máximo três. Gente também é gente, gente!

Churchill às voltas São tantas as referências bélicas e homenagens ao antigo primeiro-ministro britânico que Gente teme que, num qualquer estado febril, os políticos da nossa praça desatem a parafrasear Churchill. “We shall fight on the couch, we shall fight on the bed, we shall fight on the carpet and on the table, we shall fight in the bathroom; we shall never surrender!” Deus nos acuda.

Testosterona de Ferro Imbuído neste espírito bélico anda Eduardo Ferro Rodrigues, que continua a obrigar os deputados a deslocarem-se à AR. “O Parlamento não se esconde!”, vai gritando. No Reino Unido, essa nação habituada a esconder-se em tempos de guerra, o Parlamento fechou. Vá-se lá perceber esses fracos.

bankinter.
Nunca deixe de procurar

BANKINTER
BANCA DE EMPRESAS

Na linha
da frente
do apoio
às Empresas.



3 mil milhões de euros para as Empresas portuguesas.

O Bankinter está na linha da frente do apoio às Empresas portuguesas através das novas Linhas de Financiamento direcionadas a diferentes setores:

- Indústria: 1.300 milhões de euros;
- Restauração: 600 milhões de euros;
- Turismo: 200 milhões de euros;
- Empreendimentos Turísticos: 900 milhões de euros.

Em articulação com as Autoridades responsáveis, o Bankinter disponibiliza às Empresas portuguesas as novas Linhas de Financiamento para fazer face aos desafios decorrentes do COVID-19. Para tudo o que precisar, não hesite em contactar-nos. O Bankinter está cá para o apoiar. Em toda a linha.

Saiba mais em bankinter.pt, fale com o seu Gestor ou ligue 707 50 50 50.

TESTES DEVIAM TRIPLICAR

Cientistas e médicos especialistas alertam para a necessidade de aumentar número de testes para 10 a 15 mil por dia. E lembram que, em breve, será preciso começar a estudar o grau de imunidade da população através de testes de anticorpos

O número de casos confirmados depende do número de testes que se realizam. Quanto mais testes forem feitos, maior a probabilidade de identificar pessoas infetadas. Quanto menos testes houver, maior o risco de se ver apenas parte da realidade. Até agora, Portugal testou cerca de 22 mil pessoas, metade das quais só nesta semana. Vários cientistas e médicos especialistas alertam para a necessidade de se fazerem muitos mais, numa altura em que, a par das medidas de contenção e distanciamento social, testar é a única forma de isolar os infetados, quebrar a transmissão e conhecer o panorama real de contágio no país.

“A realização de testes deve ser o mais abrangente possível nesta fase. E temos espaço para fazer, pelo menos, três vezes mais testes do que os realizados atualmente, o que representaria cerca de 10 a 15 mil testes diários”, defende Fausto Pinto, presidente do Conselho de Escolas Médicas Portuguesas, que faz várias recomendações, como testes de rotina a profissionais de saúde e a sua realização em massa muitos casos assintomáticos”, acrescenta o diretor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.

Triplicar o número de testes evitaria 900 internamentos nos dez dias seguintes, concluiu um estudo da Universidade do Porto. “Portugal deveria, sem dúvida, estar a fazer testes em maior quantidade. Países que adotaram precocemente e mantiveram essa estratégia, como a Coreia do Sul ou Noruega, têm lidado com a infeção de forma relativamente bem sucedida”, afirma Bernardo Sousa Pinto, um dos autores do estudo.

A discussão sobre o número de testes tem decorrido por toda a Europa. Espanha irá fazer entre 15 e 20 mil por dia, em França serão 29 mil, no Reino Unido 25 mil, enquanto a Bélgica fará 10 mil. Em Portugal, segundo os números apontados esta semana pelo secretário de Estado da Saúde, António Sales, a capacidade é de 8600 por dia, muito acima da média das últimas duas semanas. O problema é que o número de testes realizados não é sequer discriminado nos boletins diários da Direção-Geral da Saúde. Segundo os especialistas contactados pelo Expresso, a única forma de chegar a este valor é somar o número diário de novos casos confirmados, não confirmados e de testes a aguardar resultado. Seguindo esse critério, vê-se

que o número tem oscilado muito (ver gráfico), resultando em percentagens díspares de casos positivos no total de testes. Para os próximos dias, estima-se um aumento dos números, uma vez que todas as pessoas com tosse persistente, febre acima de 38°C ou dificuldade respiratória serão testadas.

Para o epidemiologista Manuel Carmo Gomes, a generalização de testes não tem sentido. “Há muitos falsos negativos e o negativo dá uma falsa sensação de segurança.” Já o virologista Pedro Simas, investigador do Instituto de Medicina Molecular (IMM), lembra que ter testes alargados na China foi “cinco vezes mais eficaz do que qualquer outra medida”.

Testes a anticorpos

Ter um número insuficiente de testes impede um controlo eficaz do contágio. E subestimar os casos positivos pode afetar indicadores estatísticos, como a taxa de letalidade, e refletir um cenário errado. Um estudo da Universidade de Oxford tentou mostrar que é possível estar à vista apenas uma parte da realidade — a pior. “E se uma percentagem da população já tiver estado exposta ao vírus, sem o saber, porque não teve sintomas ou foram ligeiros? Neste caso, o contágio seria maior e o risco mais baixo, uma vez que a taxa de letalidade [número de mortos no total de infetados] seria menor”, diz José Lourenço, um dos autores e especialista em epidemiologia computacional.

É por isso que os cientistas alertam para a necessidade de começar a perceber o grau de imunidade de cada país. “Para já, os testes que estão a ser usados são de diagnóstico e são cruciais porque permitem saber se a pessoa está ou não infetada. Mas depois há outros testes, os serológicos, que servem para perceber se a pessoa já foi infetada e tem imunidade. Ou seja, os atuais permitem identificar casos e isolar, os serológicos servem para identificar e libertar”, aponta o virologista do IMM.

Vários laboratórios, incluindo em Portugal, estão a desenvolver estes testes, mas precisam ainda de ser afinados. Foram estes os testes que Espanha devolveu à China por serem pouco fiáveis. “Em breve, vamos precisar de avançar para quarentenas seletivas, ou seja, libertarmos as pessoas que estão imunes e resguardar as que não estão”, explica Pedro Simas. “O problema é que até lá estamos completamente às escuras.”

RAQUEL ALBUQUERQUE
com CHRISTIANA MARTINS
ralbuquerque@expresso.imprensa.pt

SAÚDE



Materiais chegam aos poucos e a ordem é para racionar. Equipas vão improvisando
FOTO RUI DUARTE SILVA

VERA LÚCIA ARREIGOSO

Manter protegido quem trata é a primeira regra para garantir que os profissionais de saúde conseguem dar resposta aos portugueses durante a pandemia. Mas em muitas unidades médicas continua a não existir todo o material necessário e as equipas de centros de saúde e hospitais mais periféricos são as mais atingidas. O Governo desdobra-se em encomendas que tardam a chegar quando ninguém pode esperar. Está a racionar-se o que vai havendo e a improvisar-se quando não há. Indústria e universidades têm sido uma mais-valia, fornecendo equipamentos adaptados ou produzidos para colmatar algumas faltas. Mas o maior medo é outro: ter profissionais para trabalhar. Os intensivistas alertam para a necessidade de começar já a treinar anestesistas e cardiologistas para a utilização de ventiladores.

MÉDICOS E ENFERMEIROS

A carência de profissionais no SNS já existia antes e vai agora agravar-se a um ponto que obriga a adaptar as suas competências à nova realidade. A Ordem dos Médicos já reuniu quatro mil voluntários, incluindo reformados e clínicos dos privados, mas não chegam. Os responsáveis explicam que em cada hospital é preciso ir buscar elementos a outros serviços para as áreas covid-19. E a prioridade são as camas críticas. Não existem intensivistas suficientes e “anestesistas e cardiologistas devem começar já a receber treino para o tratamento com ventilação invasiva”, apela João Gouveia.

VENTILADORES

Equipamento salva-vidas, o ventilador é a última linha de tratamento para os casos de gravidade extrema e um elemento decisivo para travar a mortalidade. Todos os países estão a fazer o impossível para comprar ventiladores e Portugal fica para trás pela pequena dimensão. Os responsáveis pela medicina de emergência adiantaram ao Expresso que o país precisa de duplicar a capacidade atual, garantindo 3000 ventiladores, dos quais pelo menos 2600 para ventilação invasiva. A dificuldade é que mesmo com dinheiro para pagar, não há muito para vender. “Os habituais 15 mil a 20 mil euros por equipamento aumentaram para 40 mil a 80 mil eu-

Tudo o que falta a quem está na linha da frente

Portugal precisa de duplicar os ventiladores nos hospitais. SNS tem de ter 3000 equipamentos

ros. Deito-me com ventiladores comprados e acordo com esses ventiladores suspensos porque entrou uma encomenda maior”, explica o responsável por esta rubrica das necessidades do Serviço Nacional de Saúde (SNS), João Gouveia. Até ontem, Portugal tinha mil ventiladores em processo de aquisição para entrega faseada até final de abril, prazo que pode ser demasiado tardio. No plano B, estão as reutilizações, as ofertas e os sectores privado e social. Há vários ventiladores que estão a ser reparados, 54 até agora, e 167 ofertas. Fora da rede pública, o país pode contar com 250 máquinas que, preferencialmente, vão ser guardadas para receber doentes dos hospitais públicos não infetados pela covid-19.

MÁSCARAS CIRÚRGICAS, COM FILTRO E VISEIRA

Estão indicadas para utilização alargada em diferentes níveis de exposição ao vírus. A versão cirúrgica, mais simples, é também a mais recomendada para forças de segurança, bombeiros, profissionais de saúde em zonas limpas ou utentes e doentes nas unidades covid-19, por exemplo. O Governo encomendou mais de 17 milhões de unidades desta versão. Mais difícil é o abastecimento de máscaras com filtro (FFP2 e FFP3) e de modelos com viseira. Sem elas não é possível prestar cuidados aos infetados ou mesmo tratamentos mais invasivos a doentes socorridos pelo INEM. Há registo de mais de nove milhões de encomendas. A par, os embaixadores portugueses em países da OCDE receberam uma lista

de perneiras são materiais muito deficitários quer nos centros de saúde ou nos hospitais mais pequenos. Nas encomendas do país constam quase 800 mil unidades para isolar os sapatos, mas o número é reduzido e não contempla proteções para as pernas. Na falta, muitos enfermeiros improvisam com sacos de plástico, por exemplo. Outras das proteções reportadas em falta são para óculos, que sendo igualmente escassos e difíceis de adquirir precisam de proteção para assim poderem ser poupados.

LUVAS

Com indicação para uso generalizado em contexto clínico, são o item do equipamento de proteção individual talvez mais fácil de reforçar, embora com recurso a fornecedores de improviso. Às embaixadas de Portugal chegou um pedido de aquisição, comprando ou garantindo donativos, de 44 milhões de pares. E o Governo fez também uma encomenda de quase sete milhões de luvas esterilizadas e perto de 11 milhões de pares não esterilizados. A Urgência do Hospital das Forças Armadas do Porto está entre os carenciados.

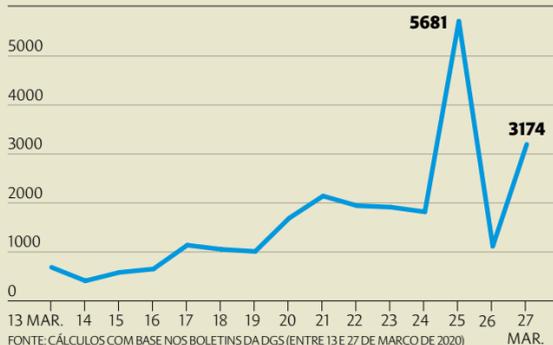
TESTES: ZARAGATOAS E REAGENTES

Sem análises para despistar a infeção não há combate eficaz ao vírus e a falta de qualquer material necessário para fazer o teste invalida a estratégia. Absolutamente indispensáveis, os testes estão aquém do necessário para esta primeira onda da epidemia. Portugal encomendou 280 mil testes, 80 mil para entrega progressiva mais breve, mas até agora a capacidade pública e privada ronda os 30 mil kits, cinco mil dos quais já disponíveis. Há hospitais, como é o caso do Santa Maria, em Lisboa, que contam com uma ajuda extra. O Instituto de Medicina Molecular vai produzir testes para fornecer às equipas hospitalares, assegurando ao hospital a possibilidade de duplicar a capacidade para fazer até 400 testes por dia na Urgência. Noutros casos, há tudo menos a zaragatoa para fazer a colheita da amostra a testar. No São João, no Porto, ou em Penafiel, por exemplo, utilizam-se zaragatoas de segunda linha para garantir que ninguém fica sem teste. Já em Viseu, as análises não avançam por falta de reagentes.

varreigos@expresso.imprensa.pt

EVOLUÇÃO DIÁRIA DO NÚMERO DE TESTES

Novos casos confirmados, não confirmados e a aguardar resultado laboratorial



LARES

Há 19 focos de coronavírus em lares de idosos

Mais de 20% das vítimas mortais viviam em instituições. Distrito de Braga com mais casos

Textos **RAQUEL MOLEIRO**

Alexandra descansa, por fim. Está em casa. Respira sem peso, aliviada. Por eles. Por ela. Por ele. Eles são os utentes do lar que dirige, a Residência Pratinha em Vila Nova de Famalicão. Os 33 idosos foram esta semana transferidos para o Hospital Militar

do Porto, depois de oito funcionárias terem testado positivo à covid-19 e entrarem em quarentena obrigatória em casa. Numa instituição pequena e já no limite mínimo de pessoal, restaram três cuidadoras: ela, a proprietária e uma enfermeira. Aguentaram três dias sem ajuda, até que o cansaço dos turnos contínuos lhes subiu às goelas. Foi Alexan-

dra quem se pôs em frente de uma câmara a gritar ajuda. Mas havia mais do que desespero na voz. Havia medo. Não por ela, mas por ele, o primeiro filho que lhe cresce na barriga.

“Não foi determinada a origem do contágio mas depois dos oito casos, mesmo com o acompanhamento da autoridade de saúde também ninguém foi tes-

tado. Estivemos lá de quinta a domingo sem saber quem era ou não era positivo, a alimentá-los, a fazer-lhes a higiene, a trocar fraldas, a vesti-los, a apoiá-los no andar. Nem sabíamos quem podia estar a contaminar quem. Nós a eles, eles a nós. Não sei dizer quantas vezes por dia lhes mediamos a temperatura. E a cada vez, quase que me faltava o

ar, de pavor pela ânsia do resultado”, conta.

Numa operação concertada pelas autoridades de Saúde, Proteção Civil e autarquia, todos os utentes foram entretanto testados e transferidos. Os resultados saíram quinta-feira: 65% dos idosos deram positivo (mas estão estáveis). O trio resistente também fez o despiste

(dois negativos, um positivo) e regressou a casa. Alexandra não foi apanhada pelo vírus.

Depois da Residência Pratinha, só esta semana, mais duas instituições foram esvaziadas pela covid, em Vila Real e na Maia, por contaminação generalizada. Mas os lares de idosos já atingidos pelo novo coronavírus são muito mais, e com consequências devastadoras: estão identificadas, pelo menos, 19 instituições de terceira idade com focos de contágio no seu interior, localizadas em todo o país, com destaque para os distritos de Braga, Porto e Aveiro (ver lista). Só nestes lares há, até ao momento e entre casos divulgados, o registo de 13 mortes, o que significa que pelo menos 22% de todas as vítimas da covid-19 em Portugal (números de quinta-feira) eram utentes de unidades geriátricas. Mas por cá ainda não se veem as tragédias registadas em Espanha ou Itália, com 20 mortos por lar e o abandono de vivos entre mortos.

Com o avolumar de casos, esta semana os lares entraram no discurso político e novas medidas e ajudas entraram nos lares, a começar pelo fim anunciado pela Direção-Geral da Saúde do racionamento da testagem generalizada dos residentes destas instituições quando são detetados casos ou sintomatologia suspeita. Desde quinta-feira, estes idosos são considerados prioritários, podendo fazer a análise no local mais próximo da instituição, seja público ou privado. Foi ainda criada uma equipa multidisciplinar de acompanhamento permanente dos lares que pode ser chamada em emergências.

A nível autárquico, a Câmara do Porto propõe-se testar mais de 1500 idosos de lares do concelho em duas unidades com 300 camas na Pousada da Juventude e no Pavilhão Rosa Mota. O Hospital de São João garante a análise e resultados em 24 horas. Também Braga vai disponibilizar testes a todos os utentes e colaboradores de lares do concelho, onde já houve três mortes.

rmoleiro@expresso.imprensa.pt



Retirada dos primeiros idosos do lar de Vila Real
FOTO PEDRO SARMENTO COSTA/LUSA

INSTITUIÇÕES COM CASOS

ALBERGARIA-A-VELHA

No lar de idosos GeriaBranca morreu na segunda-feira uma mulher de 89 anos. Tinha várias patologias e o novo coronavírus. No quarto triplo onde dormia o contágio foi total — as colegas de quarto estão ainda internadas no Hospital de Aveiro, e na instituição mais três idosos e 13 funcionários deram positivo. No interior, fechados, encontram-se 25 utentes, cinco funcionárias e a diretora que acredita num contágio mais alargado. Ainda não têm os resultados dos últimos testes, suportados pela autarquia no privado. A delegação de saúde só facultou seis.

AVEIRO

No complexo social da Moita da Santa Casa da Misericórdia de Aveiro há cinco utentes infetados, todos hospitalizados e com idades a rondar os 90 anos. O lar, com valência de cuidados continuados e paliativos, tem 118 residentes, que deverão ser testados em breve. O atraso já gerou críticas da autarquia.

BRAGA I

Na residência para a terceira idade ResiSénior Gold, em São Vicente, uma mulher de 97 anos foi, no passado domingo, a primeira vítima de uma cadeia de contágio que colocou 20 funcionários de quarentena e 70 utentes em isolamento. Há pelo menos mais um caso de infeção.

BRAGA II

No Lar Asilo de São José vivem-se dias difíceis. O foco de contágio está a aumentar e fez a primeira vítima na quarta-feira: Hannelore Fischer Cruz, 78 anos, professora de música de origem austríaca. A família apresentou queixa no MP, uma vez que a residente já teria febre e tosse seca há vários dias mas o lar, apesar de alertado, nada fez. Há mais quatro utentes infetados, entre os 106 residentes do lar. Foram realizados mais cerca de 60 testes, ainda sem resultado.

COIMBRA

Na quarta-feira, Maria Júlia Patrício morreu aos 93 anos depois de ter contraído covid-19 no lar do Centro Paroquial de Bem Estar Social de Almaguês. Há pelo menos mais quatro utentes e uma funcionária infetadas. A idosa foi duas vezes às urgências com febre e dificuldade em respirar, mas não foi testada nem internada. O lar esperou quatro dias para que as autoridades de saúde fossem à instituição testar os restantes 30 utentes e outros tantos funcionários.

FAMALICÃO I

A Residência Pratinha, em Cavalões, Vila Nova de Famalicão, foi evacuada no passado domingo, e os residentes levados para o Hospital Militar do Porto, depois de uma cadeia de contágio ter

colocado a quase totalidade dos funcionários de quarentena. Os testes revelaram que há 32 infetados, 22 dos quais utentes. O lar foi fechado.

FAMALICÃO II

Uma utente do Centro Social de Bairro deu positivo para a infeção por coronavírus e, segundo a autarquia, haverá mais casos na instituição. Estão a ser testados os restantes 50 utentes e funcionários.

FOZ CÔA

A infeção de um idoso do Lar de Nossa Senhora da Veiga, em Vila Nova de Foz Côa é o primeiro caso numa unidade de terceira idade no distrito da Guarda. O homem, de 92 anos, está internado no Hospital da Guarda. Está a ser preparada a realização de testes aos 30 funcionários e 60 utentes.

GUIMARÃES

Um homem de 90 anos, residente do Lar da Venerável Ordem Terceira de São Francisco, está internado no Hospital da Senhora da Oliveira com covid-19. Todos os utentes do lar, pouco mais de uma centena, estão de quarentena. A direção aguarda informações das autoridades de saúde para a realização de testes.

MAIA I

Já morreram dois residentes da instituição O Amanhã da Criança, em Pedrouços,

concelho da Maia, com covid-19. Primeiro, no domingo, foi um homem, com cerca de 90 anos, que sofria de diabetes e insuficiência cardíaca aguda. Esta quarta-feira faleceu uma mulher, da mesma idade. A Instituição tem dez utentes e dez funcionários infetados e cerca de 50 idosos em isolamento. Foi entretanto decretado o fecho do lar e a retirada dos idosos para unidades do Grande Porto. A origem do contágio poderá ser uma estagiária contaminada por um condutor de Uber.

MAIA II

O Lar de Santo António, na Maia, tem dois casos recentes de infeção, de uma utente e de uma funcionária. Fonte próxima da instituição contou ao Expresso que, apesar dos dois positivos, mais ninguém foi testado.

MATOSINHOS

Dois utentes do Centro Social de Leça do Balio foram hospitalizadas esta semana depois de análises positivas. A instituição está a tratar dos testes para os 22 funcionários.

RESENDE

No lar da Misericórdia de Resende há 31 infetados entre utentes e profissionais, 32 funcionários de quarentena e a covid-19 já matou uma mulher de 94 anos. Foram feitos mais de 150 testes, dos quais ainda se

esperam alguns resultados. Dentro da unidade, os três enfermeiros que restam fazem turnos de 24 horas. Foi decidida a evacuação do lar, mas até sexta-feira ainda não tinha sido encontrada uma solução.

SANTO TIROSO

O lar Dra. Leonor Beleza, uma estrutura da Santa Casa da Misericórdia de Santo Tirso que acolhe pessoas com elevado grau de dependência, tem quatro casos positivos. Sara Almeida e Sousa, porta-voz da instituição, tem esperança que o plano de contingência rigoroso, com total isolamento do piso da unidade dos homens onde foram registadas as infeções, permita estancar o surto.

SÃO JOÃO DA MADEIRA

O concelho só tinha três infetados e um morreu no passado domingo neste lar residencial da CERCI. Era um homem de 62 anos, saúde frágil, natural de Sever do Vouga, que tinha sido internado no hospital de Santa Maria da Feira com diagnóstico de pneumonia. Oito utentes e duas funcionárias estão de quarentena.

SETÚBAL

Um utente com 96 anos do lar de acolhimento Casa dos Professores, em Setúbal, diagnosticado com covid-19, colocou o lar, com 62 utentes, em isolamento, assim como nove cinco funcionárias. O idoso

está internado no Hospital de São Bernardo.

SINTRA

Primeiro veio o anúncio de que 11 pessoas da Casa da Saúde da Idanha, em Sintra, gerida pela Congregação das Irmãs Hospitalares do Sagrado Coração de Jesus, tinham covid-19. Dias depois, a RTP noticiava a morte de duas utentes. “Estão em causa cerca de mil pessoas”, alerta o autarca Basílio Horta. A unidade foi desinfetada e foram feitas análises a todos os utentes e trabalhadores.

VALONGO

Três utentes, uma das quais internada em estado grave, e duas funcionárias do Centro de Dia de São Pedro Fins foram diagnosticados com o novo coronavírus. O espaço está encerrado desde o dia 16 de março e todos os utentes estão a ser monitorizados. Suspeita-se que o contágio tenha ocorrido durante saídas para consultas.

VILA REAL

No Lar de Nossa Senhora das Dores há 88 infetados, 68 dos quais idosos. A dimensão do surto obrigou à evacuação da unidade, com a transferência de onze utentes para o Hospital Militar do Porto e a retirada na sexta-feira dos restantes casos positivos, ficando aos cuidados do Centro Hospitalar de Trás-os-Montes e Alto Douro.

COVID-19 15 PERGUNTAS

1. Vamos continuar a socializar à distância?

Qualquer compressão social e individual estendida no tempo cria no ser humano um inevitável desejo de liberdade e de libertação. Na opinião do psicólogo e terapeuta familiar Manuel Lemos Peixoto, depois da pandemia e das ordens de distanciamento social, surgirá na maior parte das pessoas a vontade de proximidade dos outros. Ultrapassado o receio da doença e da morte, irá pulsar o desejo da vida, do prazer e de alguns excessos. O terapeuta recorda o que a História ensina, tal como aconteceu na I e II Guerra Mundial, e aposta que depois de superado este problema, as populações vão encontrar-se mais, brindar mais, abraçar-se mais, beijar-se mais e praticar mais sexo. Os cumprimentos sociais com os cotovelos e pés não vieram para ficar, apesar de passar a haver mais consciência da higiene e receio de novos contágios. Por outro lado, Manuel Lemos Peixoto considera que depois desta intensa experiência digital de socialização à distância com os outros, surgirá um aumento das patologias nas relações sociais. Já que irá acentuar e extremar nalgumas pessoas mais obsessivas, fóbicas, solitárias, viciadas nas aplicações, uma maior tendência para o isolamento, para socializarem apenas e só através das redes e saírem menos à rua, do que faziam antes. B.M.

2. Daremos mais atenção à nossa saúde?

Vamos aprender “às nossas custas”, mas seremos “pessoas diferentes”. Esta é a convicção de José Gomes Pereira, diretor de medicina desportiva do Comité Olímpico de Portugal, que acredita que há pelo menos uma mensagem que todos já retiveram com esta pandemia: “A medicina é exercida por médicos, a enfermagem por enfermeiros e a saúde é de todos nós.” Por isso, “todos têm de ser agentes da sua promoção e conhecer os procedimentos que devem adotar para melhorar a sua qualidade de vida”. O também professor na Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa lembra que o aumento da longevidade teve que ver com a evolução da medicina, “mas sobretudo com a educação para a saúde” e que é provável que o novo coronavírus “possa vir a ser um gatilho para as pessoas perceberem o quão vulneráveis são”. E essa vulnerabilidade será reduzida se diminuirmos os comportamentos de risco. “Esta pandemia veio criar uma consciencialização sobre a nossa fragilidade. Quando ultrapassarmos esta fase vamos encarar a saúde e este fenómeno que é mantermos-nos vivos e saudáveis de forma diferente”, diz o clínico, lembrando a importância “da alimentação, da qualidade do sono, exercício físico e de não fumar” como vetores para uma maior resistência à doença. L.P.G.

5. Voltaremos a trabalhar da mesma forma?

Há um pré e um pós-covid no que diz respeito à forma como trabalhamos. A pandemia colocou Portugal em teletrabalho à força. No país, que foi dos primeiros da Europa a introduzir (em 2003) o regime de trabalho remoto na sua legislação laboral, a percentagem de trabalhadores por conta de outrem em regime de teletrabalho permanecia residual (0,02%). Os especialistas admitem que pode ser o princípio de uma nova era, mas dividem-se em relação aos seus impactos futuros. Miguel Pina e Cunha, docente e especialista em Liderança da Nova School of Business and Economics (Nova SBE) admite que “esta é uma oportunidade de ouro para repensar a forma como trabalhamos”. Mas quando a pergunta é “vamos todos querer ser trabalhadores remotos no futuro?”, tem dúvidas. “Aquilo em que acredito é que isto nos vai ajudar a perceber que poderemos sê-lo, quando e se necessário”. E isso, garante, já é um “passo de gigante” na cultura empresarial nacional. Mas o regime de teletrabalho forçado que nos foi imposto tem um revés. Gonçalo Hall, consultor e fundador do Remote Work Movement (movimento para o trabalho remoto), admite que pode levar os trabalhadores e as empresas a não querer repetir a experiência no futuro. C.M.

E depois, o que vai mudar no mundo?

Pandemia O nosso dia a dia mudou muito. E poderá nunca mais ser igual. Do emprego à forma como socializamos, passando pela nossa relação com a Natureza. Especialistas apontam pistas para o que aí vem

Textos ANA FRANÇA, BERNARDO MENDONÇA, CARLA TOMÁS, CÁTIA MATEUS, ISABEL LEIRIA, JOANA ASCENSÃO, JOÃO MIGUEL SALVADOR, LÍDIA PARALTA GOMES, MARIA JOÃO BOURBON, MICAEL PEREIRA, MIGUEL SANTOS CARRAPATOSO, RAQUEL ALBUQUERQUE, RAQUEL MOLEIRO
Ilustração PAULO BUCHINHO

8. A nossa relação com a natureza e a nossa consciência ecológica vão mudar?

A crise de saúde pública, social e económica criada pela pandemia da covid-19 deveria “abrir-nos a janela de tarefas tão urgentes como titânicas, que não podem passar pelo retomar da ‘normalidade’, fazendo o mesmo que antes e da mesma maneira”, avisa Viriato Soromenho Marques. O filósofo e ambientalista lembra que “estamos entre a crise e o colapso”, já que, pela frente, temos “o maior desafio existencial que a Humanidade criou para si própria” — as alterações climáticas e as suas consequências. Por isso, alerta para a necessidade de a Humanidade “sair da distopia da dominação” e “reassumir com humildade o seu lugar na Natureza”, numa espécie de ‘conversão ecológica’. 2020 é o ano chave para se acelerar o combate à crise climática, que pode provocar milhões de refugiados ambientais e agravar o risco de guerras pela água e pelo solo arável. As organizações ambientalistas esperam que o Pacto Ecológico Europeu não seja posto de lado, nem as regulamentações ambientais, e que os planos de resgate económico desta crise sejam “verdes” e apostem numa transição justa que permita reduzir as emissões de gases de efeito de estufa. C.T.

9. Vamos dar novos usos aos recursos digitais?

“Muitas pessoas ultrapassaram rapidamente a resistência que tinham aos meios digitais e estão a aderir muito bem às várias formas de comunicar à distância”, começa por analisar Dora Santos Silva, professora na Universidade Nova de Lisboa, com doutoramento em Digital Media. “Além disso, fomos também obrigados a fazer mais operações *online*.” Os portugueses estão a perceber que tratar de assuntos no banco ou pedir uma receita médica *online* é mais fácil do que julgavam e essa experiência positiva pode levar a uma mudança da perceção em relação a outros serviços, em áreas tão diferentes como o consumo, a informação ou a cultura. E isso pode ser uma oportunidade. Se agora todos veem concertos, visitam museus, fazem ginástica e assistem a *workshops* à distância, “quem trabalha nestas áreas terá a possibilidade de se reinventar” — embora alguns estejam entre os mais atingidos pela crise, por dependerem de um público. Num futuro próximo, a docente espera que as pessoas olhem para a cultura e percebam que “o digital acrescenta valor à experiência estética física”. As duas serão complementares. J.M.S.

12. As instituições políticas sairão reforçadas?

Dos escombros desta crise de saúde pública, como ficará a confiança política no Presidente da República, Governo e Assembleia da República? Pedro Magalhães, investigador e politólogo, lembra que há dois momentos a considerar: este em que vivemos, imbuídos num espírito de missão, “unidos em torno da bandeira”, conceito estudado e aplicado a momentos de crise como guerras, onde “costuma haver na opinião pública um reforço do apoio e da confiança nas autoridades”; e um segundo momento, mais distante e prolongado, quando começam a surgir “divisões”, dúvidas e as primeiras “baixas”, tal como acontece em qualquer conflito armado. Ao mesmo tempo, existem investigadores que defendem que os eleitores tendem a ser “miópes” na sua reação a fenómenos deste tipo, culpando “as autoridades mesmo por eventos que não são da sua responsabilidade”, delapidando o capital de confiança nas instituições. “Se isso vai suceder ou não neste caso, e durante quanto tempo, é neste momento completamente incerto”, salvaguarda Pedro Magalhães. A forma como o país conseguir sair desta crise, o nível de baixas a registar e o impacto da consequente recessão económica serão determinantes para responder à questão. M.S.C.

13. A telemedicina vai ganhar espaço?

Os hospitais esvaziaram com a covid-19. As pessoas têm medo de contágio e foram instruídas a ligar para a linha SNS 24 por situações que antes as conduziriam diretamente às urgências. Mas também o trabalho administrativo dessas estruturas passou a ser feito em casa. “A relação do cidadão com o SNS, no que toca ao acesso, vai sair beneficiado por esta experiência ‘à bruta’”, analisa António Vaz Carneiro, médico e professor na Universidade de Lisboa. Para o investigador, a pandemia “vai forçar-nos a descobrir que há muitos trabalhos, nomeadamente intelectuais, que podem ser feitos fora das estruturas da saúde”. O acesso às urgências por situações não urgentes, “um fenómeno nosso e escasso no resto da Europa”, poderá diminuir se as pessoas sentirem ter “um canal fantástico que resolve 80% dos casos”, como uma otimização da linha SNS 24. Mas também no internamento e nas consultas: “Cada vez mais, a prática clínica pode ser feita longe do hospital.” Com a telemedicina, um doente com um problema de pele em Bragança pode fazer uma consulta com um hospital de Lisboa. “Ambos têm computador. O médico olha, vê a lesão e faz o diagnóstico”. J.A.

3. O ensino vai ser muito mais digital?

Depois de semanas, talvez meses, a estudar em casa em frente a um computador, a um *tablet* ou telemóvel, os alunos voltarão a sentar-se na sala de aula de manual, caderno e caneta à frente, ouvindo o professor a dar a matéria? E os docentes que experimentaram novas ferramentas de partilha, atribuição de trabalhos, muitos deles diferentes do tipo de exercícios que estavam habituados a pedir, ficarão rendidos às possibilidades oferecidas pelas novas tecnologias? “Quem se habitua a trabalhar com determinadas ferramentas, dificilmente volta atrás”, assegura Vítor Bastos, um professor de Geografia que, após o fecho das escolas, decidiu criar no Facebook uma plataforma de apoio em *e-learning*. Estava à espera de 100 ou 200 registos, em poucos dias juntaram-se 20 mil professores. “Esta crise vai alterar o paradigma do ensino. Logo à partida, vai recuar aquela corrente que estava a ganhar adeptos no sentido de afastar os telemóveis da escola. As pessoas percebem que têm nesse e noutros dispositivos uma ferramenta que pode auxiliar a aprendizagem e ser até um fator de motivação para alguns alunos”. Em tempo algum o ensino à distância substituirá a ida à escola. Mas as suas estratégias e tecnologias vão entrar cada vez mais na sala de aula. I.L.

4. Haverá uma maior valorização da ciência?

Mais do que nunca, esta pandemia tornou evidente a importância de ouvir os peritos, havendo um “retomar da confiança” nos especialistas e na evidência científica. “Os movimentos antivacinas ou em prol de terapias alternativas saem muito prejudicados disto. Em tempos de crise, as pessoas voltam-se para os especialistas, para a ciência, que oferece mais garantias que outros sistemas de conhecimento”, afirma Ana Delicado, socióloga do Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade de Lisboa. “Se calhar, há três meses, poucas pessoas saberiam o que é um epidemiologista ou virologista”, diz. Agora, estes especialistas tornaram-se figuras centrais. A imagem das profissões ligadas à ciência e à saúde até é bastante positiva em Portugal, mas deverá sair “reforçada” desta crise. Contudo, defende a socióloga, não deverá haver um aumento da procura de formação nestas áreas, como aconteceu com as ciências forenses devido ao sucesso de séries televisivas de investigação criminal. “Bastantes alunos formados em medicina já enveredam por carreiras de investigação. E se há área científica que tem instituições de topo em Portugal é a das ciências da vida e da saúde.” R.A.

6. Surgirão novos tipos de proteção social?

A crise atual e a que resultou da recessão económica de 2008 têm componentes distintas e impõem respostas diferenciadas. Mas podem equiparar-se no desemprego, que deverá ultrapassar os 10% rapidamente, admite o economista João Cerejeira. “A crise atual atinge a oferta e a procura, que contrairam de forma repentina”, explica, reforçando que, apesar disso, o país não perdeu a sua estrutura produtiva. A evolução do desemprego dependerá da capacidade de assegurar que “empresas e trabalhadores resistem para voltarem a produzir assim que a pandemia se dissipe”. Ou seja, depende das medidas de preservação do emprego e da subsistência das famílias. Medidas que podem ir além das habitualmente adotadas pelos Estados e implicar a criação de um Rendimento Básico Incondicional de crise. Um rendimento temporário pago pelo Estado aos trabalhadores afetados pela pandemia, sem contrapartidas. O modelo tem sido apontado por economistas e políticos de todo o mundo como uma “resposta desburocratizada” à proteção social que hoje se impõe. Mas tem riscos e o seu impacto na descida do desemprego é questionável, já que pode desincentivar a procura de trabalho. C.M.

7. Vamos ser menos individualistas e mais solidários?

Num período em que se pede às pessoas que se isolem, os portugueses mostram que mesmo com os movimentos limitados podem ainda assim ajudar, do vizinho de cima ao hospital. De todos os lados, surgem máscaras e ventiladores, camas, alimentos e empregos. Mas será que este ímpeto solidário vai perdurar? Isabel Jonet, presidente da Federação dos Bancos Alimentares, acredita que sim. “Obrigadas a parar, muitas pessoas mudaram o olhar. Confrontadas com uma doença que, de forma brutal e inesperada, as obrigou a viver de forma diferente, com casos reais que podem ser o seu ou de familiares, espectadores do esforço de pessoas que não desistem de cuidar para salvar, olham para os outros reencontrando uma humanidade que, por vezes, haviam perdido. O próprio isolamento em casa obriga-nos a ter um olhar diferente sobre o nosso prédio, o nosso bairro, a nossa comunidade. Noutro plano, várias respostas sociais passaram a partilhar recursos, otimizando canais de apoio e tornando-se redes reais, assentes numa partilha que aproxima e integra pessoas que não sabiam onde se dirigir para intervir. Esta situação permitirá reencontrar o verdadeiro sentido da palavra cidadania”. R.M.

10. O consumo de informação vai aumentar?

É certo que há um aumento de confiança nos *media*, com maiores audiências e mais assinaturas. Mas esta vem de uma necessidade num contexto vital e em que os rumores abundam, diz o investigador do ISCTE Gustavo Cardoso. “Com pontos de venda fechados e pouca penetração das assinaturas *online*, também há desafios. Alguns órgãos de comunicação não vão sobreviver.” Até porque vários grupos já alertaram para grandes quebras na publicidade. E se agora as pessoas passam mais tempo em casa, não será sempre assim. “Não é credível que o consumo de informação que agora vemos se mantenha, mas se o jornalismo não for atrás do imediato e das visualizações poderá manter a confiança.” Contudo, não crê que passe a haver maior predisposição para pagar por informação, uma vez que “há sempre alguém que a dá gratuitamente”. “Para crescer receitas, sem ser pela publicidade, é preciso aumentar consumos em larga escala.” Como? Fazendo alianças com operadoras de telecomunicações e cadeias de distribuição. “MEO, NOS ou Vodafone poderiam propor aos clientes receberem um jornal por mais €0,50 por mês. Pode parecer uma desvalorização, mas se o jornal conseguir um milhão de clientes não é.” M.J.B.

11. Vamos assistir a uma explosão do comércio *online*?

O facto de cada vez mais portugueses terem sido forçados a trabalhar, estudar e comprar a partir de casa está a mudar a sua relação com a internet, nota Alexandre Nilo da Fonseca, presidente da ACEPI — Associação da Economia Digital. Se há sectores em que, por força das circunstâncias, a atividade de comércio eletrónico está a diminuir (turismo, transportes, eventos, moda, comércio local tradicional), há outros que estão a ganhar com a crise: comércio local moderno, alimentar, saúde, equipamentos informáticos e *media*. Para o responsável da ACEPI, depois desta crise os portugueses vão ser mais digitais — e mais sofisticados na utilização da internet. “Vão estar mais habituados a pagamentos eletrónicos, compras *online* — e não apenas a pesquisar, consultar o *e-mail* ou ir às redes sociais, como ainda é o caso de muitos.” Já as empresas estarão mais adaptadas ao comércio *online*, verificando-se “um aumento da oferta portuguesa” (pela maior procura em contexto de fronteiras fechadas) e uma “melhor adaptação do comércio tradicional à internet”. Claro que, para isso, é preciso que sobrevivam à crise — e aproveitem esse período para aprender e experimentar no digital. M.J.B.

14. Vai haver um reforço do nacionalismo?

“O nacionalismo e a especulação raramente tiveram uma melhor oportunidade de combinar forças”, anunciava Yanis Varoufakis há 20 dias no “The Guardian”. “O que sabemos, por agora, é que a pandemia levou ao assumir de poderes excepcionais pelos Estados, mesmo no quadro de regimes democráticos”, diz ao Expresso Filipe Vasconcelos Romão, professor de Relações Internacionais na Universidade Autónoma e no ISCTE-IUL. “No caso da UE, esse reforço de poder fez-se pela recuperação de fronteiras ou pelo resgate de competências descentralizadas (como em Espanha). As portas ficaram abertas para um recenrar da política na dimensão nacional.” Num artigo de opinião, o editor de assuntos internacionais do “Financial Times”, Gideon Rachman, é pessimista: “O perigo é que o renascimento do Estado-nação deslize para um nacionalismo descontrolado, levando a quebras no comércio global e ao quase abandono da cooperação internacional. Os piores cenários incluem o colapso da UE e a rutura das relações entre os EUA e a China, podendo culminar numa guerra”. M.P.

15. A União Europeia vai sobreviver?

Esta pandemia caiu como um lençol sobre a UE, abafando a atividade económica de quase todos os países por igual. Crises extraordinárias, como guerras, fluxos migratórios ou pandemias, poderiam abrir espaço para respostas ambiciosas ao nível da cooperação europeia, mas isso não está a acontecer. “A falta de solidariedade intraeuropeia tem sido uma característica desta crise, acentuada agora pela resolução do Conselho Europeu”, analisa Jorge Félix Cardoso, consultor em assuntos europeus, referindo-se aos poucos mas poderosos países que recusaram aceitar a emissão conjunta de dívida europeia (Alemanha, Áustria, Finlândia e Dinamarca). Esta Europa a vários tempos “traduz-se numa sensação de desespero dos cidadãos perante a inação” das suas instituições, admite. Mas é precisamente este clamor por mais ação europeia que mostra que ainda não está tudo perdido: “Há vontade de uma UE capaz de agir, há uma exigência por uma resposta europeia.” Se continuarmos no vácuo de respostas, os nacionalismos vão encarregar-se de tomar a dianteira do futuro da UE? “Sim, pode acontecer, sobretudo quando há manobras de propaganda da China e da Rússia, que lançam a sensação de que a UE ajuda menos do que países terceiros.” A.F.

OVAR



Uma criança realiza o teste junto ao Hospital de Ovar

Dentro da cerca, onde “o coração não cabe no peito”

O retrato aberto do dia a dia num **concelho fechado** por causa da pandemia

Texto **ANDRÉ MANUEL CORREIA**
Foto **FLÁVIO ALBERTO**

Os ponteiros do relógio apontam para as 9h de uma manhã cinzenta. O sol está tapado, tal como a cidade diante de nós, onde 55 mil pessoas vivem sitiadas por uma cerca sanitária, a vedar o trânsito de forasteiros. Chegamos a uma das fronteiras do concelho de Ovar, ao qual todos os acessos estão cortados. “Circulação proibida face ao estado de calamidade pública declarada para o município”, pode ler-se no aviso. É impossível fazer a travessia de carro. Avançamos a pé. Arriscamos 30 passos. Deixámos para trás as grades e a barreira de cimento, numa zona não patrulhada pelas forças de segurança. Estamos lá dentro, onde ninguém chega.

Apanhamos boleia na freguesia de Esmoriz e seguimos pela estrada N109, quase despida de automóveis por estes dias. Funcionários da autarquia vão desinfetando os caixotes do lixo. Ali bem perto, de portas abertas, decidimos entrar no Café Snack Bar Atlântico, onde poucos fregueses dão à costa. “Temos dez clientes por dia, tal-

O seguro morreu de velho, mas os idosos arriscam mais: “Isto é uma questão de sorte. Vou ficar fechado em casa para quê?”

vez 20 num dia bom”, dizem os proprietários Fernando Couto e Ana Raquel. Mas este é um território onde os dias bons também parecem não conseguir chegar. Os números, num crescendo galopante, pintam um cenário negro manchado pelo surto de covid-19: duas pessoas morreram e, entre os 137 infetados, até agora apenas cinco recuperaram.

Continuamos a viagem até ao centro histórico de Ovar. De braço ao peito, Maria Pin-

to é uma das muitas pessoas que aguarda para conseguir entrar no supermercado. “Só saio mesmo em caso de última necessidade, como hoje”, em que aproveitou para ir comprar um “bocadinho” de carne para o almoço. À mesa, será só ela. Vive sozinha. Três filhos estão na Irlanda do Norte e outro está emigrado no Luxemburgo. “O que me vale é o telemóvel. Uso muito para falar com os netos em videochamada”, partilha a mulher de 59 anos que, em casa, vai passando o tempo a cantar e a dançar sozinha, de preferência música romântica.

Mais acima, são também muitos os que esperam para serem atendidos na Farmácia Central. Carla Pinho, de 48 anos, espera a sua vez, mantendo sempre uma distância de dois metros em relação às outras pessoas. Vive ali perto, com o marido. “Só nos deslocamos para vir à farmácia ou então para adquirir bens essenciais. Fazemos as compras básicas, sempre em quantidade suficiente para vários dias, de forma a evitar deslocações”, assevera.

Quem não consegue ficar em casa são dois amigos que encontramos à conversa num banco de jardim. Joaquim Pereira, de 92 anos, e Maria Antonieta, de 71. Ambos vivem sozinhos. Ambos são diabéticos. Ele, que toda a vida foi barbeiro, agora vai cortando as horas, de forma a passar este tempo despenteado pela incerteza. “Eu em casa paro pouco”, afirma prontamente. Não tem medo de sair. “Isto é uma questão de sorte. Vou ficar fechado em casa para quê? Posso apanhar na mesma.” A amiga concorda e afasta o medo. “Sempre tive uma vida muito ativa. Não consigo estar fechada o dia inteiro. Vou passando o tempo como posso, vou conversando com o senhor Joaquim.”

Dezenas de condutores fazem fila junto ao Hospital de Ovar. Estão ali todos pelo mesmo motivo: fazer testes, depois de terem sido referenciados como casos suspeitos. É essa a “angústia” vivida durante

PERFIL DE CIDADE

Menos habitantes, mais eleitores

A declaração de calamidade ditou o encerramento de quase todas as fábricas num concelho onde o volume de negócios da indústria ronda os €2,2 mil milhões e a quota da exportação é de 70%. Automóvel, metalurgia e têxteis dominam, com protagonistas como a Yazaki (2200 trabalhadores), Cordex, Toyota (Salvador Caetano), Lusotufo, Bisilque, Bosch, Ramada ou Valmet, mas neste momento, diz a Câmara, só as unidades dedicadas a bens essenciais continuam no ativo, o que limita o grupo às fábricas de rações Sorgal e Ovargado. A população local (55 mil habitantes) tem vindo a diminuir lentamente e a envelhecer: 68% tem entre os 15 e os 64 anos e há 150 idosos por cada 100 jovens. Já os eleitores aumentaram (+ de 50 mil), o que permitiu à Câmara saltar dos sete para os nove vereadores entre 2013 e 2017.

MARGARIDA CARDOSO

uma hora e meia de espera por Céu Marinho, partilhada com o marido, Ismael Caetano, ao volante. Ambos apresentam sintomas. Os primeiros sinais surgiram há mais de uma semana. “Eu não durmo. Passo as noites de pé. Acho que o meu coração não cabe no peito”, descreve esta mulher de 62 anos, diagnosticada com problemas cardiovasculares. Para o companheiro, os riscos não são menores. “Tive uma

pneumonia em 2001 e nunca tive febre nem tosse. Daí a preocupação, acentuada pelas pontadas que tenho na zona torácica”, explica este reformado de 61 anos.

Pedem para ficar em casa, mas Paulo não tem uma

Os veículos das forças policiais circulam pela rua, fazendo ecoar através de megafones pedidos para que todos permaneçam nas suas residências. “Paulinho” não tem uma. Toda a gente o conhece. Paulo Pereira sempre foi um puto de rua e há 15 anos que vive nela. “Cheguei a esta situação porque fui por caminhos que não devia. Comecei a experimentar drogas com uns amigos, pensava que era tudo uma diversão e, quando dei por mim, estava enterrado na heroína e na cocaína”, confidencia, com as lágrimas já nos olhos. “Perdi a minha vida toda. Perdi a minha família, perdi os meus irmãos, a minha mulher, a minha casa, o meu emprego e vi morrer alguns dos meus melhores amigos.”

O que nunca perdeu é o terço que traz ao pescoço. “Todos os dias lhe dou um beijo, a pedir a Deus para me ajudar a mim e a todos.” Durante o dia, vai arrumando carros. “Agora nem carros há. Faço recados aqui e ali. Uns dão-me pão ou roupas, outros dão-me umas gorjetas Vou sobrevivendo” o, conta o sem-abrigo de 46 anos. Pernoita num coberto sem portas ou janelas com o ‘colega’ José, com quem divide a comida.

Paulo já viu a guerra, mas nenhuma como esta. “Estive dois anos na Bósnia, em missões de paz. Vi coisas desumanas que ninguém imagina. Estes tempos, agora, também são de guerra, mas o inimigo é invisível. É guerra psicológica para a qual não temos armas”, relata. Tem “muito medo” por estar “demasiado sujeito”. Ainda assim, mesmo em tempos de isolamento, confessa que gostava de abraçar duas pessoas que já cá não estão: “Pedia aos meus pais que me perdoassem.”

amcorreia@expresso.imprensa.pt

COVID ABRE GUERRA ENTRE JUÍZES E ADVOGADOS

A pandemia está a atrapalhar a vida dos tribunais, que lutam para não paralisar. Por causa da covid, há arguidos libertados que estão a viver na rua, advogados substituídos por oficiosos porque querem parar e uma guerra surda que vai crescer

Armin Hartwich beneficiou da pandemia de covid-19 que quase paralisou os tribunais em Portugal para voltar a ser um homem livre. Este camonista alemão é membro dos Hells Angels e estava em prisão preventiva desde junho de 2018, quando foi detido na Alemanha a pedido das autoridades portuguesas. É suspeito de ter participado no ataque ao neonazi português Mário Machado num restaurante no Prior Velho, em Loures, e ainda estava preso porque só foi extraditado para Portugal quatro meses depois de ter sido detido e só aí é que o prazo para a prisão preventiva começou a contar. “Uma injustiça”, atalha o advogado André Caetano.

No dia em que o debate instrutório do processo devia ter começado, a 12 de março, os advogados dos mais de 80 arguidos organizaram um boicote porque uma candidata a estagiária do escritório de um deles tinha regressado de Itália com sintomas de covid-19. O juiz Carlos Alexandre viu-se obrigado a adiar o início do debate *sine die* e a libertar Armin porque o prazo para o excesso de prisão preventiva iria extinguir-se. Mas isso não é necessariamente uma boa notícia para o suspeito: “O juiz libertou-o, mas proibiu-o de contactar os outros arguidos ou membros dos Hells Angels. Apesar de ter autorização para regressar à Alemanha, simplesmente não tem dinheiro para voltar porque a mulher está doente e por isso está a pernoitar numa associação para sem-abrigo”, garante André Caetano. Já houve um pedido de ajuda à embaixada da Alemanha, mas não houve resposta. “Mesmo assim ele prefere estar em liberdade.”

Em outubro, se não houver decisão instrutória, terá de ser libertado o único arguido do processo que ainda está preso preventivamente: Dirk Baete, igualmente suspeito de participar no ataque a Mário Machado e indiciado por homicídio e associação criminosa. O processo chegou a ter 39 presos preventivos, mas agora está parado. Desde 13 de março deste ano que, por determinação do Conselho Superior da Magistratura, entrou em vigor uma lei que suspende os prazos de prescrição de todos os processos. Com exceção dos que envolvem violência doméstica, menores em risco ou presos preventivos. Esses não podem parar. Mas tal como aconteceu com o caso dos Hells Angels, há processos com presos preventivos em

que os advogados têm recusado comparecer às diligências alegando razões de saúde pública. Como os prazos continuam a contar, há arguidos que terão de ser libertados se os tribunais pararem totalmente.

Em Santa Maria da Feira, por exemplo, três advogados de um processo de tráfico de droga comunicaram dias antes da realização do debate instrutório que iriam entrar em quarentena autoimposta e pediram o adiamento por 14 dias. Se a juíza aceitasse, sete dos arguidos seriam libertados. Mas a magistrada argumentou que os advogados podiam ter contactado colegas para os substituir e nomeou três oficiosos que

Um arguido dos Hells Angels foi libertado mas agora vive como um sem-abrigo, queixa-se o advogado

nem sequer leram a acusação. Acabou por decidir que os arguidos seriam mesmo julgados. E vão continuar presos. Os advogados já recorreram da decisão.

Em Setúbal, um advogado questionou o tribunal se havia água e sabão na casa de banho e condições físicas que permitissem a distância social. O juiz fez um despacho a confirmar que havia sabão e água corrente na casa de banho e mandou prosseguir a diligência.

Advogados substituídos

O Expresso contactou o Ministério da Justiça e o Conselho Superior da Magistratura para saber quantas diligências foram adiadas desde 13 de março até ao final desta semana. Não há ainda dados oficiais, mas nas principais comarcas do país cerca de 90% das diligências têm sido adiadas. Em Lisboa, a maior comarca do país, foram adiadas 2225 diligências e realizadas 542. Em Lisboa Norte, das 867 que estavam agendadas, realizaram-se 116. Na comarca Porto Este, houve 1024 adiamentos e apenas 57 diligências realizadas. Em Faro, houve 763 adiamentos e 23 atos que prosseguiram. Todos os processos cíveis, de trabalho ou que não tenham presos estão a ser adiados. Moita Flores ia ser interrogado num processo em que é suspeito de corrupção, mas a diligência ficou sem efeito; o julgamento do antigo diretor do Museu da Presidência foi adiado, assim como o dos ativistas *hackers* que lançaram um apagão informático nacional.

Em Lisboa, uma juíza correu ao WhatsApp, à videoconferência e ao Skype para iniciar um julgamento com arguidos presos que viram tudo a partir da cadeia. O juiz do processo dos comandos, que também está a ser julgado em Lisboa, já notificou todos os envolvidos de que prosseguirá o julgamento (que não tem presos) através de meios eletrónicos de comunicação. A máquina não parou.

RUI GUSTAVO

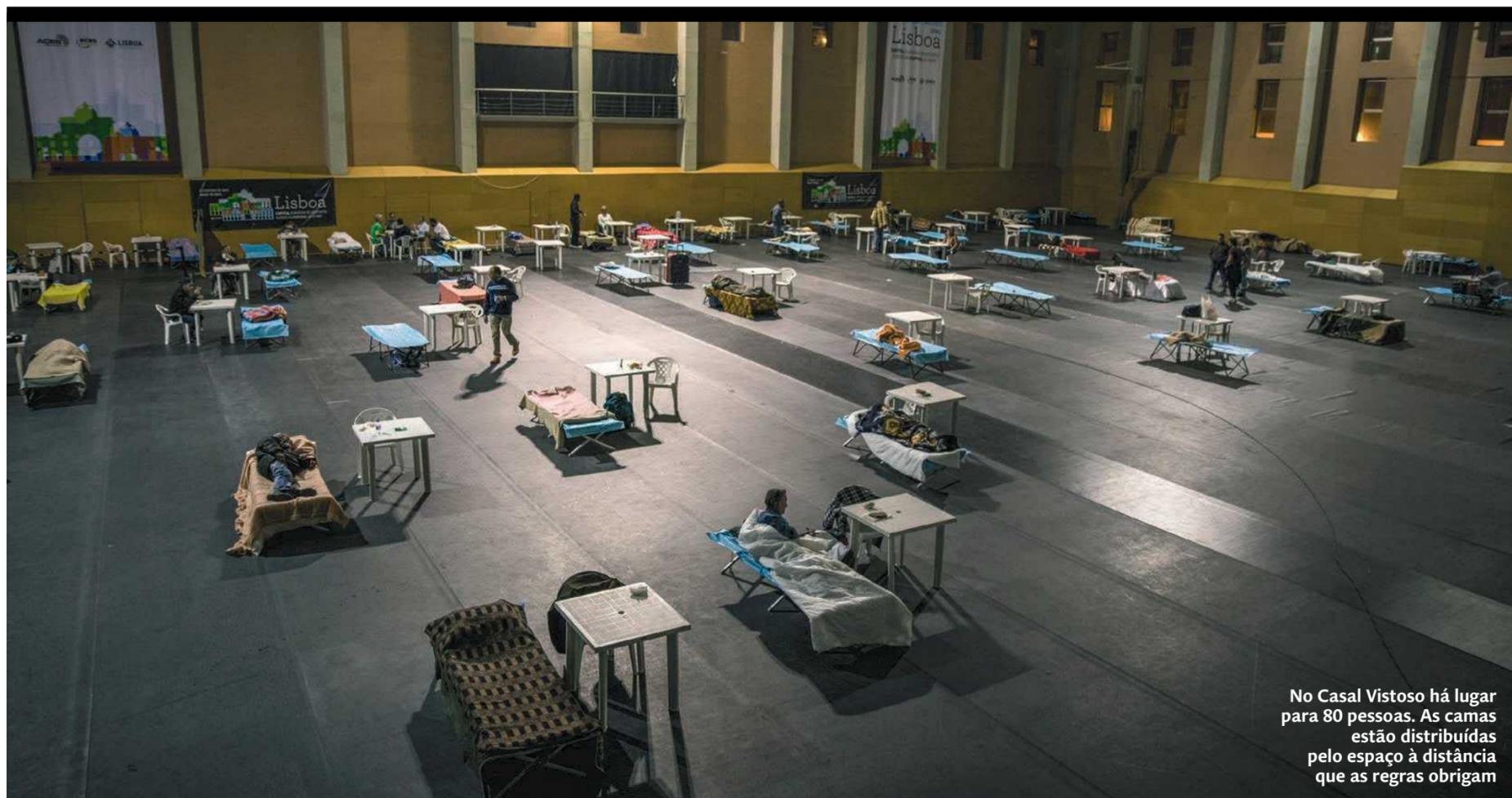
rgustavo@expresso.imprensa.pt

NÚMERO

88,8%

das diligências foram adiadas nas principais comarcas do país. Desde 13 de março, 6262 atos não se realizaram, 787 foram mesmo para a frente

SEM-ABRIGO



No Casal Vistoso há lugar para 80 pessoas. As camas estão distribuídas pelo espaço à distância que as regras obrigam

Lisboa Um vírus parou o país, mas há gente que não tem casa onde parar. Pela primeira vez há abrigo só para mulheres

E quando não há casa onde ficar?

Texto **MARTA GONÇALVES**
Foto **TIAGO MIRANDA**

Todos os relógios de parede estão parados. Cada um parou num determinado momento sem ninguém notar. Só num, que está pendurado na entrada, o ponteiro vermelho dos segundos ainda mexe de forma incerta. Ali, entre a porta da rua e a sala de estar, um segundo parece ser muito mais do que apenas um segundo. A Casa do Lago, em Benfica, é como aqueles edifícios abandonados onde um dia alguém chegou, abriu as janelas para arejar, espalhou uns móveis pelas salas e deixou a porta aberta para quem quisesse entrar. Não é suficiente para fazer daquilo casa mas é o que chega para quem ali entra saber que há quem se preocupe.

Quem por estes dias a ocupa são mulheres que a vida maltratou — e algumas delas que também maltrataram a própria vida. Na sala estão Cidália, Aida, Cristina, A. e P.: viviam todas na rua e estão numa situação de extrema pobreza. A Casa do Lago é o primeiro centro de acolhimento temporário só

para mulheres e faz parte da resposta da Câmara Municipal de Lisboa (CML) na proteção das pessoas sem-abrigo durante a pandemia de covid-19.

“Claro que estou preocupada, tenho bronquite asmática. Qualquer coisa que aconteça, sou a primeira...”, Cidália deixa a frase pendurada. E como quem afasta da cabeça um pensamento menos bonito, retoma: “Mas sou forte, Deus é grande e vou ficar imune.” Ela é das que menos estranham os estranhos — a rua ensina-as a olhar com desconfiança.

Cidália Sampaio tem 49 anos, fez-se cozinheira porque não tem parte dos dentes e numa cozinha, explica, está mais resguardada. “Acho que faço todos os pratos bem. Nem sei...” O cozido à portuguesa, a feijoada à transmontana, o bacalhau. “Sim, o bacalhau”, confirma. Viviu na Amadora e chegou à rua depois de um casamento com mais de 20 anos. Deixou de conseguir pagar as contas, foi despejada e despedida. “Vim para o centro de Lisboa à procura de uma vida melhor, queria trabalhar mas do nada apareceu esta coisa da pandemia do vírus. Fiquei na rua, na Gare do Oriente. Dormi no chão.”

Cada uma das residentes da Casa do Lago tem quarto próprio e quatro refeições. Têm regras, dividem tarefas do-

estras, podem fumar no jardim e no terraço. É aconselhável que durmam ali todas as noites. “Isto aqui está tudo bem. Só talvez a comida é que não seja muito boa”, diz Cidália. Mas isso é porque ela sabe como cozinhar muito melhor.

Quando a verdade é um detalhe

P. fala com as plantas e não deixa que ninguém ponha as beatas nos vasos. Na noite passada não voltou à Casa do Lago para dormir e isso valeu-lhe vários avisos ao longo do dia — Lisboa é agora mais perigosa porque está deserta. Com ritmo veloz e sem qualquer modulação na voz, P. conta a sua história a quem a quiser ouvir: os problemas familiares, os filhos que já não vê, as drogas, as desavenças com a Justiça, a cela partilhada na prisão com as “criminosas famosas”. A esquizofrenia.

“Há quem consiga manter a sanidade mental na rua e o que conta é realmente a sua história, que é tão dura que pode parecer ficção”, explica Dina Nunes, assessora com o pelouro dos sem-abrigo da CML. “Mas há outros casos em que são criadas realidades paralelas que ficcionam a vida que os levou até rua.” A resposta de emergência que está a ser dada neste momento não

tem capacidade para avaliar “o que é real e ficcional”. “É-nos indiferente, são pessoas e precisam de ser ajudadas.”

No mesmo corredor do quarto de P. está também o de Aida. Quando a câmara fotográfica aparece é das poucas mulheres que nem se escondem nem pedem “a mim não, por favor”. Permanece quase imóvel na cadeira onde de longe espreita a telenovela. Tem o corpo inclinado sobre a mesa e a cabeça apoiada na mão. Endireita-se e sorri logo. Quer mostrar o quarto. “Por acaso dorme-se lá muito bem. É tão sossegadinho e quentinho.”

As mulheres representam cerca de 10% da população sem-abrigo em Lisboa (no total são 361 pessoas, segundo dados de 2018). “Em comum têm o facto de todas serem muito pobres, embora depois existam outros problemas associados”, diz Dina Nunes, e nomeia doenças do foro mental, adição ou famílias desestruturadas. “São por vezes vítimas de violência física e sexual.”

Ninguém chega à Casa do Lago sem antes passar pelo Casal Vistoso, o centro de operações em tempo de pandemia. Assim que passam a porta do pavilhão que até então só recebeu sem-abrigo nas noites muito frias de inverno, aguardam para serem atendidos pela equipa de enfermagem. Al-

guns adormecem, não que a espera seja longa mas o corpo grita por descanso. Verifica-se a presença de sintomas associados à covid-19. Em casos suspeitos são logo isolados e aguardam por indicações da SNS24. Quando tudo está bem, as mulheres são encaminhadas para a Casa do Lago, os homens e os casais ficam ali.

Banho tomado, roupa lavada, uma refeição quente e uma cama para cada um. No Casal Vistoso há capacidade para 80 pessoas, quando enche as pessoas são levadas para o Pavilhão da Tapadinha, em Alcântara. Na Casa do Lago o espaço esteve sempre aberto todo o dia, aliás, brevemente vão começar atividades e ateliês para ajudar a passar as horas. Tem sido a televisão que as entretém. E também a conversa. Está sol, juntam-se no pequeno jardim e riem. Entre gargalhadas, cantam: “This is the rhythm of my life, the night, oh yeah/ The rhythm of the night.” Esperam pelo começo da novela. A seguir, o jantar e, por fim, a hora de dormir. Este é o ritmo da vida delas.

mgoncalves@expresso.imprensa.pt

Contactos: Pavilhão do Casal Vistoso, na rua João da Silva, 20, em Lisboa, ou ligar para o 144, a Linha Nacional de Emergência Social

RELIGIÃO

Igreja sem acesso a doentes

Capelães hospitalares impedidos de prestar assistência religiosa a doentes de covid-19. Mas também a todos os outros

Os hospitais vedaram qualquer acesso dos capelães hospitalares aos doentes infetados com covid-19 e as medidas de contenção foram alargadas à assistência religiosa prestada a todos os outros internados

atualmente no SNS. “Sinto-me angustiado face a isto. Morresse só e a angústia das famílias é desumana”, diz ao Expresso Fernando Sampaio, capelão do Hospital de Santa Maria e responsável da Pastoral da Saúde do Patriarcado de Lisboa.

“São tempos muito duros”, diz o padre que, há mais de 30 anos tem o seu gabinete de trabalho nos hospitais, mas que só agora sente que está

na primeira linha do combate, mas condenado a ficar nos bastidores”. Por decisão dos conselhos de administração de muitos hospitais portugueses, os padres que prestam assistência religiosa foram mandados para casa, muitas capelas foram encerradas e dispensadas as equipas de voluntários que, habitualmente, recebem, encaminham e assistem os doentes que chegam às unidades públicas de saúde.

Fernando Sampaio continua a ir diariamente a Santa Maria, mas limita-se a assistir “pedidos excecionais” de doentes. Em nenhum caso, há possibilidade de aceder, nem que seja telefonicamente, com um infetado com covid-19. “Os planos de contingência elaborados pela DGS não contemplam a assistência espiritual. Mas deviam”, diz Fernando Sampaio, para quem “ninguém é apenas corpo, mas também alma, espírito e emoções, de que também é preciso cuidar”.

“Nunca tivemos um problema desta dimensão que nos restringe o âmbito da nossa missão”, conclui.

A pastoral da Saúde tem registo de capelães hospitalares infetados com o novo vírus no Norte do país e há ainda sacerdotes em quarentena, depois de terem entrado em contacto com doentes infetados em meio hospitalar.

Pedro Durrer, capelão do Curry Cabral, está no “olho do furacão”. O hospital está na primeira linha e é o centro de referência para os casos de covid-19 em Lisboa. Já houve mortes, recuperados e todos os dias chegam novos casos de coronavírus às enfermarias do hospital lisboeta. Mas aos padres é vedado qualquer contacto com os doentes infetados com o novo vírus e a assistência religiosa está limitada a casos excecionais na urgência geral daquele hospital. E sempre com autorização médica e devendo os sacerdotes usar “todos os equipamentos de proteção individual”, desde máscara a luvas, batas e viseiras para os olhos.

A administração hospitalar dispensou os capelães de comparecerem ao serviço. Mas, Pedro Durrer prefere “vir todos os dias” e faz questão de cumprir horários e estar disponível para “quem precisar”. Curiosamente, “não me foi transmitido qualquer pedido de assistência por parte de doentes ou familiares de infetados com o novo vírus”. Mas o padre não desiste. “Estamos cá para estar na frente do combate. Não há medo e sinto-me bastante positivo. Talvez a minha missão seja mesmo essa: ser profeta da esperança.” diz ao Expresso. E, no meio do furacão, isso pode mesmo valer muito.

ROSA PEDROSO LIMA
rlima@expresso.imprensa.pt

POLÍCIAS

Autoridades em alerta com casos de abusos de crianças

O fecho de escolas aumenta perigo sobre menores. Surto faz disparar as burlas online, mas trava tráfico de droga e assaltos

O encerramento das escolas e ATL por causa da pandemia revelou ser uma dor de cabeça inesperada para as autoridades. De acordo com fontes policiais, grande parte dos abusos sexuais que ocorriam em contexto doméstico era denunciado pelas vítimas aos seus professores e educadores de infância. Mas com os estabelecimentos de ensino encerrados, os menores ficaram sem ninguém de confiança a quem recorrer. “As crianças estão mais desprotegidas e como estão fechadas em casa não conseguem pedir ajuda, sobretudo as que têm até 8, 9 anos”, alerta Carla Ferreira, gestora técnica da rede CARE, da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV).

Ao contrário dos adolescentes, os mais novos não têm acesso às redes sociais, que, de acordo com esta responsável, têm servido de canal alternativo para pedir socorro. Carla Ferreira apela aos vizinhos para estarem mais atentos ao que se passa à sua volta e a denunciarem às autoridades quando têm suspeitas deste tipo de crimes. “Eles podem ser a tábua de salvação destas

crianças.” A APAV e a Polícia Judiciária criaram já uma linha de apoio para estes casos.

Em poucas semanas, o novo coronavírus fez disparar um outro crime, o das burlas online, sobretudo nas compras com o cartão MB Way. “Os burlados não dominam este tipo de transações e acabam por passar os dados pessoais a terceiros”, revela uma fonte da PSP. As horas seguidas passadas em casa fazem multiplicar as compras online e também as hipóteses de alguém ser vítima destes esquemas. As autoridades alertam ainda para os cuidados redobrados a ter com os

CONSELHOS ANTICRIME

- Não abra e-mails, correntes de mensagens do WhatsApp ou alertas com informações sobre os últimos avanços médicos no coronavírus em que lhe sejam solicitadas informações pessoais para verificar se está infetado

- Se suspeitar de crimes sobre crianças e jovens telefone para a linha gratuita de apoio à vítima: 116 006

- Evite deslocar-se na rua, sobretudo em períodos noturnos

SMS, e-mails e WhatsApp com anexos duvidosos.

A covid-19 pode vir a gerar mais desemprego e insatisfação e a fazer aumentar os furtos em estabelecimentos comerciais. Mas até ao momento não há indícios desse fenómeno. “As pessoas ainda têm dinheiro na carteira e a despensa cheia”, confidencia o mesmo responsável. Além disso, as entradas nos supermercados estão condicionadas e mais vigiadas, o que faz baixar os roubos. Pelo menos, por enquanto.

Já os assaltos a residências decresceram com o surto. Os prédios estão cheios de gente e a vizinhança mais alerta. “Nesta conjuntura, os assaltantes são mais facilmente apanhados”, diz um inspetor da PJ.

Também o tráfico de droga, seja por via aérea ou por via terrestre, caiu a pique. Isto porque os aviões estão sem passageiros e as ‘mulas’ que transportam estas substâncias ficaram mais expostas. Os recém-criados postos de controlo na fronteira com Espanha também desmotivaram os traficantes. Mas há casos de toxicod dependentes a passar as fronteiras a pé, nas antigas zonas de contrabando, para ir buscar haxixe e cocaína. “Este negócio pode estagnar, mas os criminosos vão adaptar-se. Estaremos atentos a essas mudanças”, promete um alto responsável da PJ. H.F.



FOTO ANA BAIÃO

Agente ajuda Maria Carminda a trazer os dois sacos do supermercado no Bairro Alto

Prevenção No primeiro dia da fase de mitigação do vírus, a polícia opta pelo bom senso nas ruas

Quando a PSP carrega as compras das idosas

HUGO FRANCO

O esgar do agente Brito não deixa mentir. Os dois sacos de compras que Maria Carminda transportava em passo lento desde o supermercado eram demasiado pesados para uma mulher de 75 anos com problemas de coração e num braço. “Isto é demais para ser carregado por si.” O polícia dirigiu-se à idosa para saber se pertencia ao grupo de moradoras que usava qualquer tipo de pretexto para sair de casa. Ela barafustou um pouco. “Há três dias que não vinha à rua”, assegura. Depois, desfia as maleitas de que sofre e os problemas que lhe causa o estado de emergência nas tarefas mais triviais do dia a dia. A filha, que trabalha numa instituição de solidariedade social, está de quarentena e não pode ajudá-la como habitualmente. E o percurso algo íngreme na Rua da Rosa, em Lisboa, passou a ser feito sem companhia. “Vivo sozinha. Não tenho mais ninguém.”

O agente Brito toma nota mental das queixas. Mais tarde irá passar a informação à Junta de Freguesia da Misericórdia. O objetivo é que Maria Carminda seja também auxiliada pelos voluntários que vão buscar as compras dos mais idosos no bairro. Depois do breve esgar causado pelo esforço do cabaz de compras, o agente Brito prontifica-se para levar os dois sacos até casa. A idosa aceita a oferta com nítido alívio no rosto.

São 11 da manhã num dos bairros mais envelhecidos de Lisboa. É o primeiro dia da fase de mitigação do novo coronavírus [a terceira mais grave de resposta à covid-19, ativada a partir de quinta-feira por já haver perigo de transmissão comunitária] e nas ruas quase não se vê vitalma. Também não se encontram muitas pessoas à janela ou nas varandas. A patrulha matinal da PSP da 3ª esquadra, situada no coração do bairro, é liderada pela subcomissária Nina Ribeiro, de 37 anos. “Pretendemos fazer um policiamento de visibilidade e de prevenção. Temos de ser vigorosos e assertivos, mas também usar o bom senso”, explica. Apesar de noutros pontos do país já terem sido registados

mais de 50 detenções pelo crime de desobediência, ali não se registaram intervenções mais musculadas. O que não significa que não haja momentos de alguma tensão, que os agentes tentam resolver com um sorriso e alguma paciência.

Sempre que se cruzam com alguém, a pergunta é sempre a mesma: “O que faz na rua?” As respostas não divergem muito: “Fui às compras”, “Fui ao pão”, “Vou para casa.” Os polícias argumentam de imediato: “Tem de ir para casa. Estamos em estado de emergência.”

No Largo de Camões, os agentes tiveram de usar muita persuasão para convencer um idoso a sair de um apetecível banco iluminado pelo sol. O homem não sabe o que fazer aos seus dias e não quer estar fechado em casa pois nem sequer sabe cozinhar. Antes da pandemia, ia almoçar ao mesmo restaurante, que agora se encontra encerrado. E não quer saber de *take away*, que associa à *fast-food* que não aprecia. “Onde vou almoçar?”, pergunta aos polícias que o rodeiam. Todos lhe sugerem as refeições servidas para fora pela Santa Casa da Misericórdia. Mas alega não ser um sem-abrigo. Só depois de lhe explicarem que os almoços não se destinam apenas a pessoas sem casa é que se levanta do banco, de cigarro na mão. Os agentes viram-lhe lágrimas nos olhos antes de se despedir em passo vagaroso.

Por duas vezes o Expresso assistiu a reações mais bruscas à abordagem policial. Numa, ainda junto à esquadra, um homem de baixa estatura, muito conhecido entre os agentes, refilou: “Fui beber um café. Porquê, não posso? Não posso?”, disse virando ostensivamente as costas. Também no Largo do Calhariz outro homem reagiu

mal à pergunta da praxe. “Ninguém tem nada com a minha vida”, argumenta, sem se deixar ser abordado pelos agentes. E desaparece em passo rápido em direção aos Correios. A equipa de PSP nada diz, mas é visível algum desconforto.

As filas no supermercado

Um dos pontos obrigatórios da patrulha é a porta do Mini-preço. A fila para entrar no supermercado mistura-se com a da farmácia e com a do café. As pessoas encontram-se mais próximas do que seria desejável, algo que a subcomissária Nina Ribeiro se apressa a corrigir. “Peço-vos para se afastarem mais.” A ordem suave foi prontamente aceite, sem má vontade.

Ali perto, em dias normais, costumavam estar estrategicamente localizados os vendedores de droga do bairro, dia e noite. Mas o recente surto fê-los desaparecer quase por magia. “Sem turistas e sem diversão noturna ficaram sem procura”, explicam os agentes. O vírus arruinou o seu negócio ilícito e provavelmente não os veremos tão cedo no Bairro Alto.

Um pouco mais acima, Isabel Gonçalves, de 65 anos, empregada numa das poucas padarias abertas, explica que a quarentena está também a fazer mirrar os lucros do comércio local. “Os fregueses estão com medo de sair de casa.” Ela própria não põe os pés fora da padaria e pede a uma amiga para fazer as suas compras. Os agentes gostam de passar por ali porque geralmente recebem um mimo da padaria. Esta quinta-feira tiveram direito a uma bolacha de chocolate cada um. É uma espécie de prémio depois de terem carregado por duas vezes as compras de moradoras nesta manhã. Também Joaquina Costa, de 82 anos, teve direito ao privilégio, depois de ser apanhada com dois sacos na mão. O marido José Costa fazia 90 anos e a idosa tinha ido comprar fruta para terem um aniversário mais animado. O homem recebe a mulher e os polícias à porta com alarido. Sportinguista ferrenho, pergunta se algum deles viu o clube ser campeão mais de cinco vezes. Todos respondem negativamente. “Eu vi e ainda tenho esperança de ver mais um ano de glória.”

hfranco@expresso.imprensa.pt

DÊ UM NOVO SIGNIFICADO AO SEU IRS

PREENCHA O CAMPO 1101, QUADRO 11

(INSTITUIÇÕES DE SOLIDARIEDADE SOCIAL)

nós

NIPC 501 308 849

DOZE DIAS COM O VÍRUS (E JÁ TEVE ALTA)

Hélder Alves soube que estava doente com a covid-19 quando veio a Portugal para visitar o pai doente. Durante 12 dias lutou contra o novo coronavírus e deparou-se com os defeitos e virtudes do nosso sistema de saúde

No dia 8 de março lá me levanto a custo no pequeno estúdio que habito em Madrid, onde trabalho. Dez minutos depois recebo uma chamada da minha irmã: “Hélder, estou a telefonar-te com más notícias. O papá teve um AVC há pouco e foi hospitalizado.” Em meia hora faço as malas. No dia seguinte visito-o no hospital.

Não recordo o que se passou nos dois dias seguintes. Sei que não dormi na noite de quarta para quinta-feira. Levanto-me para ir a uma consulta de rotina. Sinto-me estranho — afinal, não dormira. Vou à consulta e à farmácia. Pergunto como estão a lidar com a situação. Horas mais tarde sinto-me com febre. Tento pôr-me em contacto com a linha SNS 24. Ao fim de duas horas, desisto. Sou aconselhado informalmente a deslocar-me a um hospital de Lisboa na manhã seguinte.

Pelas 7h30 lá estou. Algum tempo depois entra uma médica com o pequeno-almoço e os testes. Sinto-me bem tratado. Sou levado para uma sala onde se encontram outras pessoas que aguardam a confirmação dos seus resultados. Passam-se horas. Vem o almoço, o lanche, o jantar. Sucedem-se as promessas do laboratório de os resultados chegarem às 17h, às 21h, às 00h30. Pelas quatro da manhã sou acordado por uma enfermeira. Que tenho de a acompanhar, diz-me de forma discreta. Pelas 6h30 de sábado sou informado de que testara positivo.

Preocupo-me em avisar quem eu mais contactara em Espanha e em Portugal. Ligo para casa e aviso que estou positivo. Horas mais tarde haveríamos de saber que também essa era a situação da minha mãe. Já em casa, sou contactado pela Saúde 24 (se não erro) e pela unidade de hospitalização domiciliária (UHD), que me pergunta sobre uma série de sintomas. Nos dias seguintes a minha mãe e eu organizamos os nossos dias (a minha irmã e sobrinho, negativos, mudaram-se para um pequeno apartamento nos arredores de Lisboa). Es-

forçamo-nos por comer. Sem esquecer os profissionais da UHD, somos contactados por familiares e amigos, que oferecem a sua ajuda.

Apesar do apoio, a febre não me larga e a tosse, seca, vai-se agravando. Sinto-me cada vez mais cansado. No dia 19, creio, sinto-me quente, muito quente: 39,7°C. Contacto a UHD, que aciona o INEM. Chego ao hospital pelas duas da manhã. A máscara cirúrgica que me fora dada na ambulância seca-me a garganta, aumenta-me a sede.

Ao fim do que pareceu uma eternidade, sou testado. Nas horas seguintes dormito. Passado algum tempo, sou informado por telefone de que vou ter alta e de que, por não estar sinalizado com problemas económicos, terei de encontrar um meio de voltar a casa. Após diversos contactos por parte da minha irmã, acabo por receber um novo telefonema do médico, indicando que estavam a tentar providenciar-me transporte para casa. Agradeço.

Pelas 16h chega uma ambulância. Sou acordado abruptamente e demoro algum tempo a perceber o que devo fazer. Levanto-me, calço-me e procuro as minhas coisas, enquanto vou tossindo e transpirando. Ofegante, entro na ambulância. Pelas 17h chego a casa e deito-me.

Hoje de manhã, 25 de março, a UHD deu-me alta (o que não significa estar curado). A situação dos meus pais vai melhorando (obrigado, SNS). Sinto-me bastante menos preocupado com a minha situação pessoal e familiar. Penso agora nas pessoas menos privilegiadas do que eu, sem a possibilidade de se isolarem. Penso também no que estará para vir em termos económicos, sociais e políticos. E inquieto-me. O que fazer? Viver. Um dia de cada vez.

HÉLDER VINAGREIRO ALVES

Psicólogo social, investigador no Centro de Investigação e Intervenção Social e Marie Curie Fellow na Universidad Autónoma de Madrid

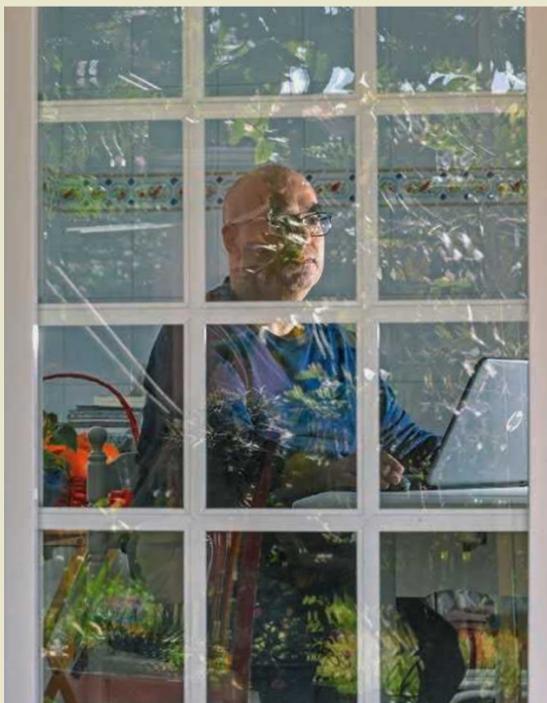


FOTO NUNO BOTELHO

Hélder Alves, já depois de ter tido alta

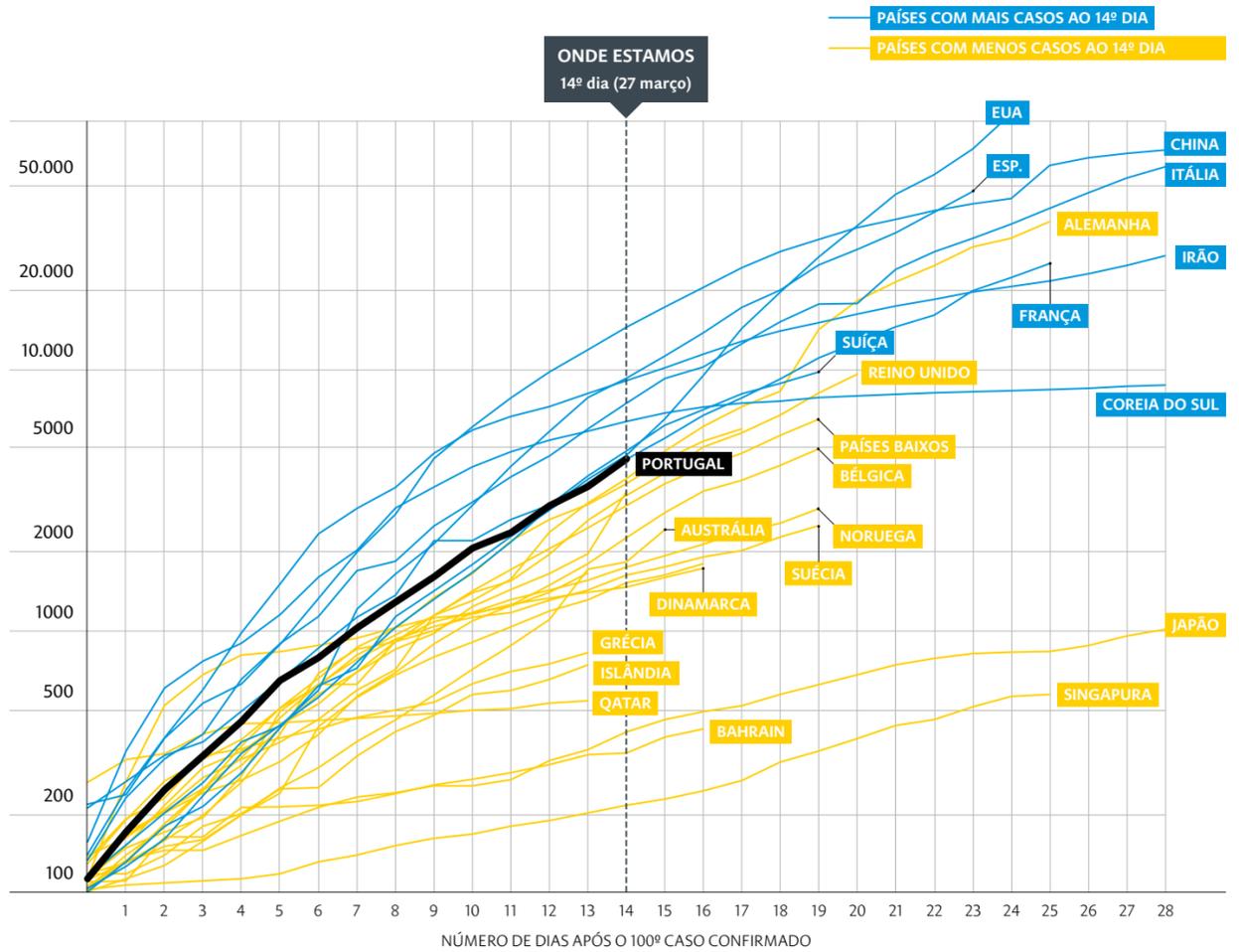
INFOGRAFIA

Como compara Portugal com os países mais afetados?

A comparação da **evolução das mortes** mostra que **Portugal está pior do que estava Itália na mesma fase da pandemia**. Quanto aos **contágios**, os números portugueses estão a seguir os primeiros dias da trajetória dos EUA, que já ultrapassou Itália e China em casos

DIAS APÓS O 100º CASO

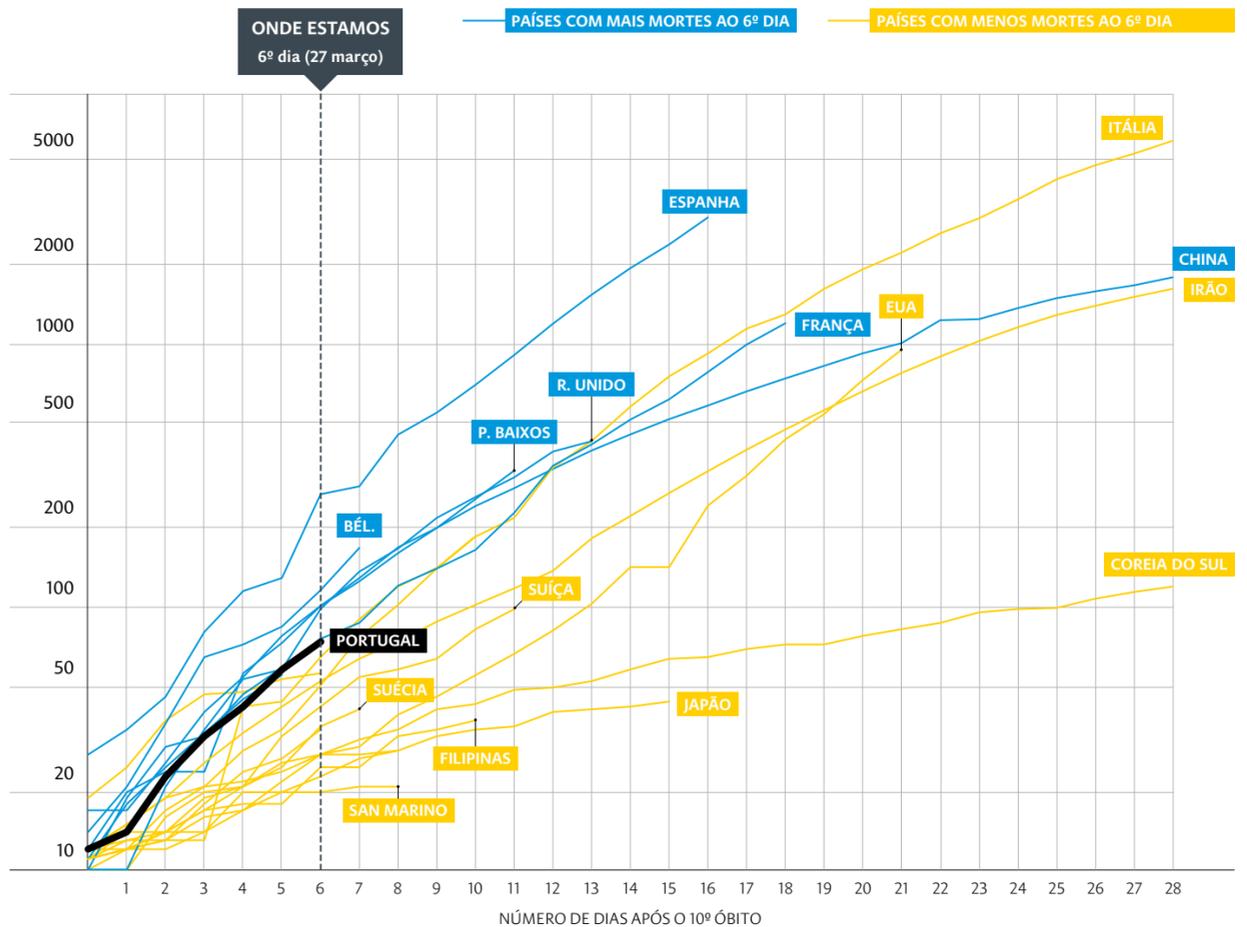
Casos confirmados de covid-19. Números acumulados até ao 28º dia em países com tantos ou mais dias após o 100º caso



Na comparação da evolução das mortes associadas à covid-19, após o 10º caso registado por país, Portugal está colado à linha que regista os óbitos no Reino Unido e acima do que Itália ou Irão mostravam ao fim do sexto dia desta sequência

DIAS APÓS A 10ª MORTE

Mortes de doentes com covid-19. Números acumulados até ao 28º dia em países com tantos ou mais dias após o 10º óbito



CONSUMO

As aplicações móveis de videoconferência são as mais descarregadas do momento



Texto ISABEL LEIRIA
e JOÃO MIGUEL SALVADOR
Foto PEDRO NUNES

É quase paradoxal. Nunca estivemos tão isolados e nunca estivemos tão ligados. Através da internet, claro. Com a pandemia à porta e as saídas limitadas ao mínimo essencial, quase todos os serviços entram agora em casa. Do trabalho ao lazer, do consumo à cultura, passando pelos encontros de família e as conversas com os amigos. Enquanto a normalidade não volta, a vida prossegue *online*.

7H35 EM FRENTE À TV

No último domingo, já com o país em estado de emergência, a audiência média de televisão superou os três milhões de espectadores, que viram, também em média, praticamente nove horas de programas. Foi o momento mais alto do período de 12 (quando o primeiro-ministro comunicou que as escolas iam fechar pelo menos até à Páscoa) a 23 de março. Comparando com os dez dias anteriores (1 a 11 deste mês), passou a haver em média mais 657 mil telespectadores por dia (subida de 32,5%) e o tempo despendido em frente ao ecrã aumentou 1 hora e 40 minutos (mais 28%), passando a ser agora de 7 horas e 35 minutos. A subida aconteceu nos canais generalistas, no cabo, *streaming* e plataformas de jogos. São os valores mais altos de 2020, com números sempre acima ou muito perto dos 2,6 milhões de telespectadores. E mais do que programas de entretenimento, são os conteúdos informativos que estão a ser mais procurados. A preocupação fez-se sentir também nos *sites* visitados. Os dados da NetAudience mostram um aumento significativo dos *sites* de informação e uma quebra, expectável, nos de desporto e *lifestyle* — que tentam compensar as perdas com conteúdos relacionados com o novo coronavírus.

DOIS MILHÕES EM AULAS VIRTUAIS

Com escolas e universidades fechadas, é também em casa que dois milhões de alunos aprendem — pelo menos os que têm acesso a computador e internet —, recorrendo a plataformas de

e-learning e serviços de comunicação que muitos nunca tinham experimentado antes. As duas maiores editoras de manuais escolares abriram os seus recursos digitais e os números são reveladores. A Escola Virtual da Porto Editora passou de 250 mil (antes de 12 de março) para 550 mil utilizadores, foram criadas mais 20.500 turmas por professores, o número de testes feitos desde esse dia superou os 350 mil e houve mais de um milhão de recursos visualizados. No caso da Leya, os utilizadores chegam aos 359 mil, foram abertas mais 19.500 novas salas de aula e atribuídos 400 mil testes e trabalhos aos alunos. Também no ensino superior e com mais facilidade, é *online* que se aprende. A 16 de março, a plataforma de ensino à distância Colibri, disponibilizada pela Fundação Ciência e Tecnologia, teve mais de 63 mil participantes, em 2700 aulas e reuniões de ensino superior.

FLEXÕES NA SALA, PILATES PELO INSTAGRAM

Dos grandes ginásios às boxes de *crossfit*, passando pelos es-

CONSUMO DE TV AUMENTOU 1H40. CONTEÚDOS INFORMATIVOS SÃO OS MAIS PROCURADOS

túdios de ioga quase todos tentam manter os treinos e as aulas. Só que agora são dadas pelo Instagram, Facebook, YouTube ou em plataformas próprias. Gratuitas ou pagas, ao vivo ou gravadas. Em alguns casos até com aluguer de material para levar para casa enquanto as instalações se mantêm fechadas. Numa *box* de *crossfit* na zona de Sintra decidiu-se fazer o inventário e permitir aos sócios levar tudo para casa. Desde bicicletas a pesos que são pagos ao quilo. Tem sido esta a forma encontrada pelos ginásios para tentar manter ativos os clientes, mas também de não encerrarem as portas de vez, avançando ainda com reduções na mensalidade e sistemas de descontos. E são muitos os que aderem, tentando manter o exercício como parte integrante da rotina diária. A bem da saúde física, mas também mental. De resto, são milhares as aplicações e os vídeos no YouTube com propostas de exercícios, agora feitos na sala de estar ou no corredor mais próximo, a solo ou em família.

VISITAR O MUSEU, OUVIR O CONCERTO, FAZER PÃO

Não é que o tempo sobre para grande parte das famílias, divididas entre o teletrabalho, o apoio ao ensino dos filhos, a lida de casa e as muitas refeições a preparar. Mas o que não falta na internet são sugestões e oportunidades para fazer e aprender quase tudo a partir de casa. O Festival #EuFico-emCasa, por exemplo, pôs dezenas de cantores portugueses

a ‘atuar’ no Instagram ao longo de seis dias. Segundo a Sony Music, mais de 2 milhões e 300 mil pessoas assistiram aos 78 espetáculos de meia hora cada. Noutro registo musical, a Gulbenkian, a Metropolitan Opera de Nova Iorque ou a Filarmónica de Berlim, só para dar alguns exemplos, disponibilizam concertos e espetáculos nas suas páginas e redes sociais. Alguns dos maiores museus do mundo também permitem visitas virtuais, às vezes recuperando iniciativas iniciadas há quase uma década — como é o caso da parceria Google Arts & Culture. Depois há um mundo de *workshops* e cursos *online* que vão desde aulas sobre fazer pão até cursos de preparação para o parto.

UNIDOS À DISTÂNCIA

Apesar do distanciamento imposto, é impossível à maioria das pessoas conceber a vida sem interação social e a tecnologia tem dado uma ajuda na altura de encurtar distâncias. O consumo de internet cresceu 70% em Portugal e parte explica-se por uma verdadeira corrida às aplicações de redes sociais, especialmente as que têm ferramentas de vídeo incluídas. O destaque vai para o Houseparty, a aplicação do momento que promete diversão em família para todos. Está entre as mais descarregadas tanto na AppStore como na Google Play. Não foi ao acaso que a União Europeia pediu aos principais serviços de *streaming* que baixassem a qualidade da transmissão em 25%.

Também eles estão a lidar com recórcos de utilizadores em simultâneo.

COMPRAR ONLINE, RECEBER EM CASA

Se evitar o contacto com pessoas e frequentar espaços onde acaba por haver muito movimento são dois dos conselhos mais repetidos pelas autoridades de saúde, é através das encomendas *online* que muitos portugueses acabam por comprar bens essenciais e não só. A procura é de tal ordem — na loja *online* do Continente mais do que duplicou nas últimas semanas —, que várias empresas de comércio a retalho já anunciaram a necessidade de contratação de mais funcionários. É o caso da Mercadão, responsável pelas entregas do Pingo Doce e que conta recrutar mais 200 a 300 trabalhadores depois de verificarem que “mais do que triplicaram os acessos” ao *site*, responde o CEO Gonçalo Soares da Costa ao Expresso, numa altura que que cresce a procura por “bens essenciais e alguns produtos de higiene

O AUMENTO DA PROCURA OBRIGA À REDUÇÃO DA QUALIDADE DO STREAMING

A vida segue *online* e em frente ao ecrã

Em tempos de isolamento social, é dentro de casa que se aprende, trabalha, se faz ginástica, se vai às compras e se assistem a concertos. E os encontros de família passaram a ser digitais

e limpeza”. No *site* da Auchan, a probabilidade de encontrar a mensagem “encontra-se em fila de espera” quando entra na página é grande por estes dias. Segundo a empresa, chegam a estar 70 mil pessoas a tentar aceder em simultâneo. E não espere muita rapidez nos prazos de entrega, já que as encomendas são mais do que muitas e os serviços não conseguem dar vazão. Muitas outras lojas, desde a área do mobiliário, bricolage ou eletrodomésticos, apostam no serviço *click and collect* (encomenda no *site* e levantamento no parque de estacionamento da loja, por exemplo). Entre os produtos com mais saída por estes dias, encontram-se os produtos alimentares e de limpeza, mas também material informático, *gaming* (para jogos eletrónicos) e sofás.

PRONTO A COMER

As aplicações móveis para encomenda de refeições, em plena expansão nacional depois de garantirem a presença nas principais cidades, já tinham entrado no quotidiano de muitos portugueses. Mas o fecho dos espaços de refeição dos restaurantes, aliado à decisão governamental de possibilitar a venda de comida para fora sem uma licença específica, levou ao crescimento do número de pedidos. E a oportunidade está a ser aproveitada por plataformas como a Uber Eats (que removeu as taxas de entrega) ou a Glovo — que faz outras entregas além de refeições e registou um aumento de 112% na categoria de parafarmácia. Mas nem tudo são boas notícias para as plataformas digitais de refeições. A Eat-Tasty, a *startup* portuguesa apoiada pela Google que fazia entregas de pratos próprios em escritórios, teve de adaptar a sua operação e dedicar-se aos domicílios em teletrabalho. Não foi a única. Zomato e The Fork, que faziam reservas de restaurantes, perderam mercado. E se a primeira sugere a compra de *vouchers* para utilizar aquando da reabertura dos espaços, a segunda decidiu entrar no negócio do *take away* e das entregas. O mundo está a adaptar-se.

ileiria@expresso.imprensa.pt

REDES SOCIAIS

Fake news no Twitter sobre vírus quintuplicam num mês

Sistema de deteção automática de notícias falsas desenvolvido em Portugal identifica **3180 tweets** suspeitos em apenas uma semana

MICAEL PEREIRA

Era mais ou menos inevitável que uma das notícias falsas mais populares no mundo divulgada pelo Twitter sobre a covid-19 envolvesse chineses e americanos. A crer na notícia, o vírus responsável pela pandemia não teve origem na China, mas nos EUA. Essa informação está no topo de um total de 3180 tweets produzidos na semana passada e identificados como suspeitos de divulgarem mentiras relacionadas com o coronavírus por um sistema de extração automática de fake news desenhado pela Faculdade de Ciências do Porto e pelo Instituto de Engenharia de Sistemas e Computadores, Tecnologia e Ciência (INESC TEC).

Segundo Nuno Guimarães, investigador que propôs desenvolver este sistema, o aumento de fake news sobre a pandemia no Twitter tem sido exponencial. Os resultados preliminares mostram que houve um salto de 157 tweets suspeitos na primeira semana de fevereiro para 658 entre 16 a 23 fevereiro e 3180 já na semana passada. E

a tendência é para continuar a subir.

As estatísticas referem-se a tweets produzidos em inglês em todo o mundo. Em desenvolvimento desde o final de 2018, é a primeira vez que este software é aplicado a um acontecimento específico. Inicialmente, o sistema conseguia detetar fake news também no Facebook, mas passou a limitar-se ao Twitter depois de a rede social de Zuckerberg ter bloqueado a possibilidade de extrair esses dados de forma massiva.

Uma das informações falsas mais populares é que a vitamina C em doses elevadas constitui um remédio eficaz contra a covid-19

Também o WhatsApp ficou fora do radar por se tratar de um meio de comunicação privado, só acessível a quem está envolvido diretamente na troca de mensagens. Para contornar o problema, uma equipa do MediaLab, no ISCTE-IUL, especializada em fake news, criou

um número de WhatsApp de propósito para o efeito e passou a receber mensagens como se fosse um utilizador individual. Um relatório da semana passada sobre os resultados da análise centrada sobre os primeiros dias da pandemia concluiu que os ficheiros áudio são mais populares no WhatsApp. “São muito eficazes porque há emoção contida na entoação como a informação é transmitida”, diz o investigador Gustavo Cardoso. Um fact-checking feito pela equipa aos 10 ficheiros mais partilhados concluiu que sete deles continham factos incorretos.

Na experiência feita com o Twitter, Álvaro Figueira, professor da Faculdade de Ciências do Porto, explica que, embora não seja possível garantir a 100% que todas as situações identificadas pelo sistema correspondam a informações falsas, o grau de probabilidade é muito elevado, sendo usada uma combinação complexa de parâmetros, incluindo a medição do nível de emoção associado a cada tweet. “As fake news têm um registo muito próprio. Costumam usar adjetivos mais fortes e são mais alarmistas.”

Mas o critério mais fiável está relacionado com os sites para os quais os tweets remetem e que têm vindo a ser referenciados como “não confiáveis”, por apresentarem um histórico de notícias falsas.

Entre as fake news mais populares postas a correr no Twitter está a ideia de que a vitamina C tem sido usada em doses elevadas como remédio eficaz; a tese de que o coronavírus é uma combinação de vários vírus, incluindo o VIH, ou que não há limite para o número de reinfeções.

No caso da revelação de que afinal o vírus teve origem nos EUA, o tweet (reenviado depois 782 mil vezes) estava associado a um link que remete para um suposto centro de investigação no Canadá, onde um artigo apresenta alegadas provas, incluindo a alusão a uma notícia (falsa) do “New York Times” de 2019. A tese: o coronavírus é uma arma biológica de fabrico americano. Dias mais tarde, o BuzzFeed divulgava que uma das pessoas que tinha divulgado o tweet era o próprio porta-voz do ministro dos Negócios Estrangeiros chinês.”

mrpereira@expresso.imprensa.pt

O FUTURO DO FUTURO

A app que entrou em casa sem pedir

Praticamente desconhecido há poucas semanas, o Houseparty é uma das redes sociais do momento. Será segura?

Os tops nacionais não enganam. As mudanças recentes estão a alterar o comportamento dos portugueses também em relação às aplicações que mais descarregam. E isso verifica-se tanto no que diz respeito ao emprego — a app de reuniões Zoom e o software de produtividade Microsoft Teams estão em primeiro e quarto lugares na AppStore — como ao tempo livre, onde reinam o Houseparty e o TikTok (segunda e terceira mais descarregadas, respetivamente). Mas o facto de todas terem como ponto forte a partilha de vídeo não faz delas propostas similares. Se no caso do Zoom e do Teams a privacidade parece estar assegurada, o mesmo não se pode dizer, à partida, das duas redes sociais.

Depois das dúvidas em torno do chinês TikTok (envolto em polémicas relacionadas com a partilha de informações pessoais com entidades terceiras e com a censura de conteúdos), é para o Houseparty (que junta jogos às videoconferências) que as atenções estão agora viradas. Neste caso, as notícias são mais animadoras. Depois da análise de vários analistas independentes de cibersegurança, em busca de falhas que possam levar à partilha indesejada de dados, verificou-se que não existem problemas de maior. Embora haja partilha de localização, os responsáveis pelo Houseparty garantem que os dados são anonimizados e o facto de a app não permitir grande personalização joga a seu favor. Criada pela Life on Air Inc. — depois de uma primeira experiência com a marca Meerkat —, é controlada pela Epic Games (do jogo “Fortnite”), empresa que conta com uma grande participação do gigante Tencent, grupo ao qual pertence a superapp social WeChat. Nem tudo está ligado.

JOÃO MIGUEL SALVADOR
jmsalvador@expresso.imprensa.pt

Há luzes que nunca se apagam

Vamos vencer o COVID-19

Cumpra as medidas
de prevenção e ajude-nos
a manter a sua farmácia aberta

  #VENCEROCOVID19



**Farmácias
Portuguesas**
É para a vida.

AMBIENTE

60% das plantas avaliadas estão em risco de extinção

Dezanove espécies de flora já desapareceram e 381 seguem o mesmo caminho



TRÊS DAS ESPÉCIES EM PERIGO
A *Onosma tricerosperra* (à esquerda) só existe num único núcleo, com 20 exemplares na zona de Beja. A *Marsilea quadrifolia*, feto aquático conhecido como trevo-de-quatro-folhas (à direita), existia na foz do rio Corgo, em Trás-os-Montes, mas não é avistada desde 2014 e se continuar sem ser vista pode ser dada como extinta em 2027. A *Apium repens* (em cima) habita pastagens húmidas, em solo arenoso, em quatro núcleos restritos na costa alentejana

FOTOS MIGUEL PORTO



Textos CARLA TOMÁS

Mais de metade das 630 plantas catalogadas na primeira “Lista Vermelha da Flora Vascular de Portugal Continental” estão em risco de desaparecer, revela a Sociedade Portuguesa de Botânica. Desta lista de plantas — que se chamam vasculares, porque possuem vasos que transportam seiva para alimentar as suas células — constam 122 espécies de flores, árvores, fetos ou arbustos protegidos por legislação nacional e europeia, mas que as autoridades portuguesas não têm conseguido proteger devidamente.

“Faltam medidas de conservação deste património natural”, aponta ao Expresso André Carapeto, coordenador técnico desta lista vermelha, que contou com a coordenação da Sociedade Portuguesa de Botânica e da Associação Portuguesa de Ciência da Vegetação (PHYTOS), com a parceria do Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF).

O biólogo lembra que das mais de seis centenas de plantas avaliadas “apenas 8% foram até agora alvo de ações de conservação no terreno, muitas delas ligadas a projetos Life, que, quando terminados, ficam sem continuidade, porque não se faz uma conservação ativa da flora em Portugal”.

Exemplos dessas falhas não faltam entre as espécies endémicas mais ameaçadas da lista, como a *Linaria ricardoi*, que “desapareceu do sítio Alvitto-Cuba da Rede Natura 2000 devido à expansão do olival e amendoal intensivos no perímetro de rega do Alqueva”, alerta o investigador. E lembra que “90% da população desta espécie protegida por lei encontram-se nas zonas do Alentejo tradicionalmente ocupadas por olival de sequeiro e que agora estão a ser ocupadas pelo olival intensivo e por outras culturas de regadio em cujos solos não sobrevive”.

A intensificação agrícola tem sido uma das ameaças mais graves que recaem sobre a flora portuguesa, afetando quase um terço das plantas avaliadas neste projeto. Mas não é a única. As alterações no uso do solo associadas à expansão urbanística ou a outros projetos juntam-se num *cocktail* explosivo, que contribuiu para pôr em perigo 381 espécies da flora vascular e extinguir 19 outras (ver caixas). Duas delas — *Armeria arcuata* e *Armeria neglecta* — extinguíram-se da face da Terra, pois não existem

em mais lugar nenhum do mundo. A primeira existia na faixa litoral alentejana e a segunda nos arredores de Beja. Os últimos registos de ambas datam de finais do século XIX e não se sabe porque desapareceram.

Mas as ameaças perduram. Que o diga a *Onosma tricerosperra* (na foto), que em 2018 possuía um único núcleo populacional na zona de Beja, no Alentejo, com apenas 20 “indivíduos”, depois de um outro ter sido destruído com a instalação de um pomar. Porém, neste momento não se sabe se ainda existirão aqueles exemplares, uma vez que a equipa do projeto da lista vermelha não voltou ao local desde que ali se expandiu uma central solar de produção de energia.

20 anos de atraso

A avaliação da flora nacional estava há 20 anos por fazer. Agora espera-se que o diagnóstico que está a ser apresentado “sirva de ferramenta para ajudar a elaborar políticas de conservação e a definir o que vale a pena proteger ou reintroduzir”, diz André Carapeto.

O ICNF aguarda por este aprofundamento do conhecimento para avançar com medidas no terreno. “O caso da *Linaria ricardoi* é dos mais flagrantes”, admite fonte do ICNF, explicando que “terá de ser redefinido o sítio da Rede Natura que protege esta espécie chapéu, já que conservá-la permitirá também favorecer outras espécies da flora que existem nos olivais e nas searas tradicionais do Alentejo e que, devido à agricultura intensiva, estão a desaparecer a um ritmo acelerado”.

Entre as plantas avaliadas, 84 estão classificadas como “criticamente em

perigo” e 14 como “potencialmente regionalmente extintas”, mas, explica André Carapeto, “ainda não decorreu tempo suficiente, ou o esforço de prospecção foi insuficiente para se poderem considerar de modo inequívoco extintas”. Entre estas encontram-se endemismos da Península Ibérica como a *Avellara fistulosa*.

Entre as que estão em situação crítica está o trevo-de-quatro-folhas, não o dos prados, mas o feto aquático *Marsilea quadrifolia*, cujo último indício perto da foz do rio Corgo, em Trás-os-Montes, data de 2006. Este trevo sofreu uma forte regressão ao longo do século XX e os esforços para o encontrar em 2008, 2013 e 2017 foram infrutíferos. Mas só poderá ser declarado extinto se não mais for visto até 2026.

Descobertas e redescobertas

Porém, não há só más notícias, já que também se redescobriram plantas que já se julgavam extintas, como a *Viola hirta*, um tipo de violeta que não se via desde a década de 90 do século XX e que foi reencontrada em Trás-os-Montes. E outras novas foram descobertas, entre as quais a *Trigonella ovalis*, encontrada num olival abandonado na zona de Ficalho, e a *Prolongoa hispanica* (pequeno malmequer de cor amarela), descoberta junto a uma mina de cobre no Alentejo.

O ponto de partida para esta lista vermelha foi a base de dados Flora-On.pt, a que se seguiu a recolha de informação histórica em herbários. O trabalho de campo sobre o estado das 630 espécies escolhidas para análise, entre as 3300 existentes no país, começou em 2016 e terminou em 2019. O projeto contou com um orçamento de cerca de €400 mil — participado pelo Programa Operacional Sustentabilidade e Eficiência no Uso de Recursos (POSEUR) e pelo Fundo Ambiental — e com um grupo de trabalho que incluiu dois técnicos a tempo inteiro e 13 a tempo parcial, que se valeram da colaboração voluntária de uma centena de botânicos amadores.

O diagnóstico deveria ser apresentado publicamente a 21 de maio, seguido da publicação em livro, mas a pandemia de coronavírus deixa tudo em aberto. Na Europa, apenas Portugal, Macedónia e Montenegro não dispõem de listas vermelhas da flora, quando os outros já vão na sua segunda ou terceira revisão.

ctomas@expresso.imprensa.pt

DIAGNÓSTICO

Já extintas

Das 19 espécies extintas em Portugal, duas não existiam em mais lado nenhum do mundo e 17 extinguíram-se regionalmente. Entre estas estão a *Armeria neglecta*, a *Astragalus algarbiensis*, a *Euphrasia minima* e *Lindernia procumbens*.

Descobertas

Foram encontradas 8 espécies novas para a flora portuguesa: *Alkanna tinctoria*, *Anchusa puechii*, *Bellevalia trifoliata*, *C Haplophyllum linifolium*, *Prolongoa hispanica*, *Trigonella ovalis* (todas estas no Alentejo) e ainda *Ceratophyllum submersum*, *Euphorbia flavicoma* (no Oeste).

Principais ameaças

A introdução de espécies invasoras, a agricultura intensiva, as pragas e doenças, os incêndios, o crescimento urbano ou a construção de infraestruturas.

NÚMEROS

1/5

apenas, das 3300 espécies de plantas existentes em Portugal, foi avaliado, por se tratarem das mais importantes. Das 630 analisadas, 381 estão em risco e 19 extinguíram-se. Representam 12% do total de espécies existentes em Portugal

58%

das 454 espécies de árvores endémicas da Europa estão em risco de desaparecer e 15% estão criticamente ameaçadas, segundo a Lista Vermelha Europeia das Árvores da União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN)



De cabeça lavada

Enchemos a palma da mão com champô todos os dias, sem pensar. Esse gesto tem um preço. A boa notícia é que ele depende de cada um

Ao contrário do que a intuição faria supor, o maior dano ambiental causado pelo uso diário de champô não está na gama de produtos químicos que ele quase sempre inclui. Nem sequer no desperdício de plástico que se dá no fim da vida útil do produto. Está no uso que lhe é dado.

Não que os processos anteriores sejam livres de dano. Um champô convencional vem em embalagens com mais do que um tipo de plástico, que acaba invariavelmente no lixo. Sabendo-o, e graças à pressão dos consumidores, várias grandes marcas criaram uma plataforma de lixo zero, a Loop, onde vendem produtos em recipientes que podem ser usados até 100 vezes. A cada uso, a Loop garante a limpeza, esterilização e envio para um novo cliente. Entre as marcas está a Pantene, gigante dos champôs.

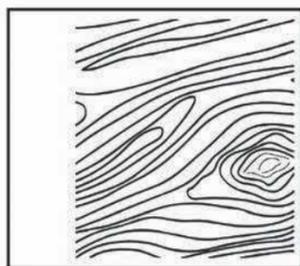
Ninguém quer ficar de fora. A concorrente Head & Shoulders prometeu fabricar embalagens recicláveis, pelo menos em parte. E fez as contas: “Se reciclássemos cada garrafa vendida, a quantidade de plástico reciclado todos os anos pesaria mais do que cinco elefantes africanos. São mais de 24.500 toneladas.”

As medidas passam por todas as fases do processo, fabrico incluído. A Lush, marca britânica que comercializa champôs sólidos, o que já exclui o plástico, está a tentar mudar a produção de químicos como o lauril sulfato de sódio (LSS), presente em quase todos os champôs, “por causa do possível uso de óleo de palma na sua produção”. Em tempos diabolizado, o LSS já obrigou a Direção-Geral do Consumidor em Portugal a dizer que “não têm qualquer fundamento” as alegações de que seria perigoso para a saúde. Também aqui o problema está menos no conteúdo e mais na forma.

Assim chegamos à fase de uso. Um estudo da alemã Henkel concluiu que as emissões de carbono associadas ao aquecimento da água no chuveiro têm, “de longe, o maior impacto ambiental” de toda a cadeia. É certo que o estudo é de 2008 e que a empresa, que vende cosméticos, é parte interessada, mas a verdade é que o fabrico hoje é, regra geral, mais sustentável, o que torna credível a conclusão, que tem sido amplamente citada. A boa notícia é que ela depende do consumidor. A maioria ainda usa demasiado champô, demasiadas vezes e com demasiada água. E aquecida.

Há quem o faça duas vezes ao dia, o que dá uma pegada anual média de cerca de 500 quilos de CO₂e (dióxido de carbono equivalente), enquanto lavar o cabelo com champô duas vezes por semana a reduz para perto de 25 quilos de CO₂e. É por isso que há quem faça barras de champô em casa ou adira ao movimento No Poo (de *No Shampoo*). Nunca houve tantas alternativas e nunca foi tão fácil pensar nelas como numa quarentena.

JOÃO DIAGO CORREIA
jdcorreia@expresso.imprensa.pt



Nada muda se não mudarmos



INTERNACIONAL COVID-19

Recorde Em Nova Iorque já se depositam corpos nos telhados dos hospitais. Teme-se “nova Itália” e disparam os pedidos de subsídio de desemprego

“Enfermeiros são como os bombeiros do 11 de Setembro”

RICARDO LOURENÇO
Correspondente nos EUA

As portas do hospital Bellevue, em Manhattan, erguem-se morgues improvisadas, sinal de que o pior ainda está para vir. Tendas brancas assinaladas com pinos amolgados, ladeadas por carrinhas da guarda nacional, que transportarão na derradeira viagem aqueles que sucumbirem à covid-19.

Com a cidade que nunca dorme prestes a hibernar, aquelas estruturas mórbidas são das poucas coisas que florescem. Por vezes longe da vista, como aconteceu, na madrugada de quarta-feira, no telhado do hospital Elmhurst, onde a noite fora um pesadelo. Morreram 13 pessoas.

“Estamos desesperados”, diz ao Expresso a enfermeira Judy Sheridan-Gonzales, de 58 anos, que jura nunca ter visto nada assim naquela unidade. “Um colega que sofria de asma morreu ontem, depois de ter sido internado há uma semana. Tinha apenas 48 anos.”

Eileen Sullivan-Marx, professora de enfermagem na Universidade de Nova Iorque, teme que a aflição se eternize. “Viveremos mais horrores. É inevitável. Hoje, os enfermeiros são como os bombeiros durante o 11 de Setembro. Morrerão a salvar os outros.”

Quinta-feira o *mayor* de Nova Iorque, Bill de Blasio, transferiu esse pessimismo para o discurso oficial, dando mais uma estocada no ânimo coletivo. “Mais de metade dos nova-iorquinos irão contrair o vírus”, ou seja, 4,3 dos 8,6 milhões de habitantes da cidade.

Perante este cenário, os finalistas dos cursos de Medicina apressam as especializações, enquanto os profissionais de saúde reformados (cerca de 40 mil) voltam ao ativo. Empresas como a City Bike, plataforma de aluguer de bicicletas, e a cadeia hoteleira Four Seasons ajudam como podem, oferecendo borlas a estes trabalhadores considerados essenciais.

“Enviaram-me 400 ventiladores... Preciso de 30 mil”

Segundo dados recolhidos até à hora de fecho desta edição, Nova Iorque concentra metade dos mais de 83 mil casos de covid-19 nos Estados Unidos (cifra que coloca o país no topo da lista dos mais afetados). Das 1200 mortes, 220 ocorreram neste estado.

A crise galopante é esmiuçada em conferências de imprensa diárias pelo gover-

nador local, Andrew Cuomo. Terça-feira, surgiu desesperado. “A Casa Branca enviou-me 400 ventiladores... preciso de 30 mil. Serão necessárias 140 mil camas hospitalares e só temos 53 mil: 40 mil só para as unidades de cuidados intensivos, área onde temos apenas 3 mil. Precisamos de ajuda!”

Numa entrevista ao Expresso, Gary Slutkin, um dos mais reputados epidemiologistas americanos, confirma que o exemplo de Nova Iorque é “de longe o mais preocupante”. “Se nada for feito para conter o surto, estaremos a olhar para outra Itália.”

Quanto à falta de testes — que não se aplica a Nova Iorque, onde, segundo o governador, existe “a maior percentagem *per capita* de pessoas testadas do globo” —, Slutkin refere que o distanciamento social continua a ser o fator mais importante para sustentar o aumento de casos. “Em cidades como Nova Iorque os números duplicam de dois em dois dias. No resto do estado, tal ocorre de três em três. Testar tornou-se menos importante do que o isolamento absoluto.”

Nos hospitais já se vive uma amostra do caos previsto por Cuomo. “Há profissionais a proteger o rosto com trapos. Muitos desconhecem se têm o vírus”, descreve ao Expresso Joan D. (nome fictício, por temer represálias das chefias), enfermeira da rede hospitalar presbiteriana. “A administração obriga-nos a trabalhar mesmo que suspeitemos de contágio. Desde que não tenhamos sintomas, estamos aptos.” Sem medo de opinar, Anthony Ciampa, vice-presidente do sindicato de enfermeiros de Nova Iorque, resume o desespero geral: “Se nada mudar, o sistema de saúde irá colapsar.”

Sinais de esperança

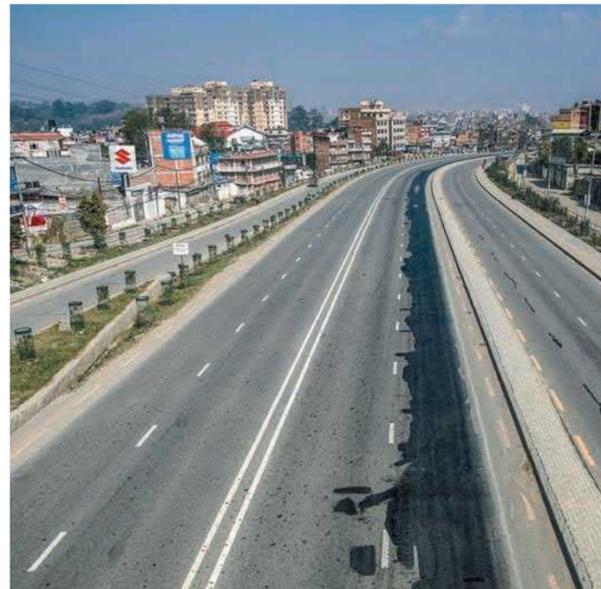
A meio da semana, a Organização Mundial da Saúde pôs água na fervura. Embora tenha confirmado que os Estados Unidos correm o risco de se tornar o próximo epicentro da pandemia, com Nova Iorque à cabeça, sustentou que é possível atenuar o impacto.

Com esse objetivo, as autoridades de saúde nova-iorquinas recorrem a todas as ferramentas. Ordenaram o uso de medicamentos já existentes no combate a outras doenças (malária, sida e ébola), investiram em laboratórios que desenvolvem vacinas e, mais recentemente, autorizaram o recurso ao plasma sanguíneo de antigos pacientes, que oferece perspectivas promissoras.

“Transfere-se o plasma de alguém que recuperou para indivíduos em dificuldades, oferecendo-lhe os anticorpos necessários”, explica ao Expresso a chefe do Departamento de Microbiologia da Universidade de Washington, Deborah Fuller. “É muito rápido. Num dia ou dois os doentes começam a recuperar. É claro que tudo depende do estado de saúde, mas os resultados dão muita esperança.”

Fuller refere-se aos primeiros testes desenvolvidos nos hospitais de Manhattan. Confirmando-se o êxito, o tratamento será disponibilizado à generalidade da população dentro de seis meses.

Outro sinal positivo, mas com impacto no curto prazo, veio do Senado americano, que na terça-feira aprovou um pacote de estímulo à economia no valor de dois bilhões de dólares (€1,7 bilhões).



SÓ NA SEMANA DE 14 A 21 DE MARÇO, 3,3 MILHÕES DE AMERICANOS CANDIDATARAM-SE AO SUBSÍDIO DE DESEMPREGO, UM VALOR RECORDE

Entre as medidas incluídas destaca-se o envio de cheques no valor de 1200 dólares (€1080) para americanos com rendimentos anuais inferiores a 75 mil dólares (€69 mil), assim como uma linha de crédito de 350 mil milhões de dólares (€321 mil milhões) para pequenas empresas.

O equilíbrio entre a gestão da crise de saúde pública e a salvação de uma economia desfeita persiste como um dos maiores desafios. Só na semana de 14 a 21 de março, 3,3 milhões de americanos candidataram-se ao subsídio de desemprego, um valor recorde.

Sinal dos tempos, o presidente da Reserva Federal (equivalente ao Banco de Portugal) deu uma rara entrevista a um programa televisivo da manhã, o “Today Show”, da NBC. Procurando alcançar o máximo de audiência, Jerome Powell estabeleceu a prioridade. “Não é uma recessão como as outras. Quanto mais depressa controlarmos o surto, mais rapidamente a economia regressará ao normal.” Em sentido contrário, o Presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, prefere um alívio das medidas restritivas. “Pegaremos em secções do país menos afetadas pela doença e retomaremos a atividade económica. Urge fazê-lo em breve”, afirmou na quinta-feira.

O epidemiologista Slutkin recusa tomar partido, mas aponta factos objetivos: “Nova Iorque é o canário na mina. O resto do país viverá o mesmo ao longo das próximas semanas. Se atenuarmos as medidas, corremos o risco de deitar tudo a perder.”

internacional@expresso.imprensa.pt

Suécia O bom senso chega para vencer o vírus?

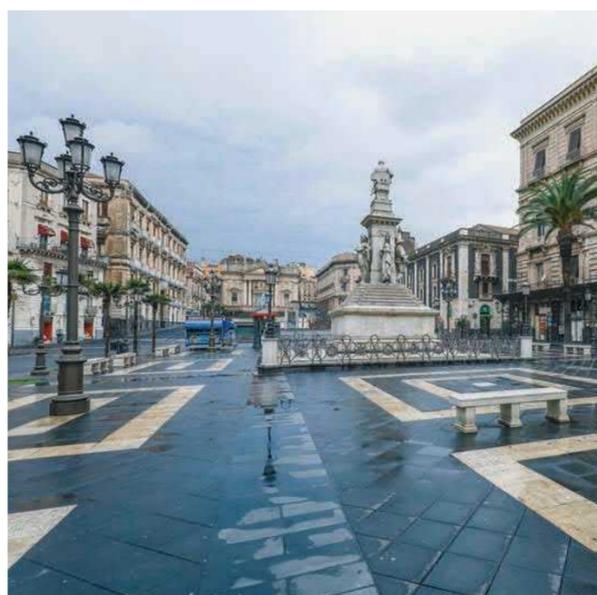
A Suécia acredita que a sua cultura cívica, pautada pela proteção que cada cidadão faz do bem comum, é antídoto suficiente para a covid-19. As autoridades de saúde consideram que o bom senso vai prevalecer, que os doentes ficarão em casa e, por isso, a maioria dos serviços, parques, museus, comércio e escolas, excluindo as universidades, continua a funcionar. Na última semana, quase todos os países europeus apresentaram medidas de restrição dos movimentos da população, para evitar o colapso dos sistemas de saúde no pico do contágio, mas este país nórdico está em contraciclo até com os vizinhos mais próximos (Dinamarca, Noruega e Finlândia), que fecharam escolas, espaços de entretenimento e fronteiras. Na Suécia não há quarentena obrigatória nem para os mais velhos e também não se decretou o fecho de bares e

restaurantes, apesar de ser proibido, agora, comer ao balcão. Até à hora de fecho desta edição tinham morrido 77 pessoas e 2858 estavam infetadas, mas os epidemiologistas acreditam que estão a seguir a abordagem certa. Johan Carlson, diretor da Agência de Saúde sueca, disse recentemente aos jornalistas que “o país não pode adotar medidas draconianas, que têm impactos limitados na contenção da crise mas afetam imenso o funcionamento da sociedade”. A estratégia não é, porém, unânime no país. Um dos maiores críticos tem sido o epidemiologista Joacim Rocklöv, da Universidade Umea. “Não entendo por que motivo a Suécia há de achar-se tão diferente. É uma experimentação assombrosa, não sabemos. Pode correr bem mas também muito, muito mal”, disse ao “Financial Times”. ANA FRANÇA



O MUNDO VAZIO

Da esquerda para a direita e de cima para baixo, imagens de diferentes latitudes e longitudes, unidas pela ausência ou presença reduzida de seres humanos: estrada em Catmandu (Nepal); rio Tamisa e Parlamento em Londres (Reino Unido); ópera de Sydney (Austrália); museu do Louvre em Paris (França); centro de Maastricht (Holanda); ponte de Brooklyn em Nova Iorque (EUA); rua de Otava (Canadá); torre Burj Khalifa (Dubai); acessos a Los Angeles (EUA); praça na Catânia (Itália); avenida em Buenos Aires (Argentina)



FOTOS REUTERS

África Conter o vírus com poucos meios

Podem as nações em desenvolvimento fazer frente à pandemia? Uma reportagem da Al-Jazeera fazia esta pergunta há dois dias, referindo países cujos sistemas de saúde não dispõem dos suprimentos mínimos ou estão esgotados por epidemias e desastres naturais recentes. Os 54 países africanos somam uma demografia explosiva, que na sexta-feira somava 1.331.660.699 de habitantes (16,72% do total mundial), contados pelo sítio Worldmeter. Só em sete deles não se regista nenhum dos 3033 casos de covid-19 confirmados no continente. O mais afetado é a África do Sul (927), seguida pelo Egito (495) e pela Argélia (367). Apesar de a catástrofe ser um dos cenários no horizonte das zonas com maior densidade populacional, os governos têm reagido com rapidez, impondo medidas de contenção. O

encerramento de fronteiras aéreas e terrestres, o recolher obrigatório, o fecho dos estabelecimentos de atividades coletivas, proibição das cerimónias religiosas são algumas das medidas impostas pelas forças de segurança nacionais. Cada país tem a sua realidade e é praticamente só a luta contra o contágio por coronavírus que igualiza as opções das autoridades nacionais. Por enquanto, a Nigéria, onde só Lagos tem 20 milhões de habitantes (10% do total), apresentava no final da semana 51 casos de covid-19. A Tunísia (11 milhões de habitantes) já contava 227 infetados. As Nações Unidas pedem 2 mil milhões de dólares para ajudar as nações mais pobres, cujas condições sanitárias mal permitem seguir as instruções de combate ao vírus. O fornecimento de alimentos na maioria dos países africanos pode não vir a ser problemático sob as medidas em vigor, mas as restrições poderão impedir muitos cidadãos de lhes terem acesso fácil. **CRISTINA PERES**

Irão Como ficar em casa em época festiva?

Os iranianos entraram num novo ano (Nowruz) a 21 de março e, por estes dias, as estradas deveriam estar cheias de carros repletos de gente sorridente a caminho de convívios familiares nas mais variadas regiões do país. Mas desde quinta-feira que está proibida a circulação entre cidades. “Quem viajou durante as férias de Ano Novo deve regressar de imediato à sua cidade sem parar noutras localidades”, apelou Hossein Zolfaghari, responsável do grupo governamental que lidera o combate à pandemia. “Infelizmente alguns iranianos ignoraram os conselhos do Ministério da Saúde e viajaram durante as férias. Isto pode provocar uma segunda vaga de coronavírus”, alertou Ali Rabiei, porta-voz do Governo. Proibido está também um dos passatempos favoritos dos iranianos e com maior expressão nesta altura

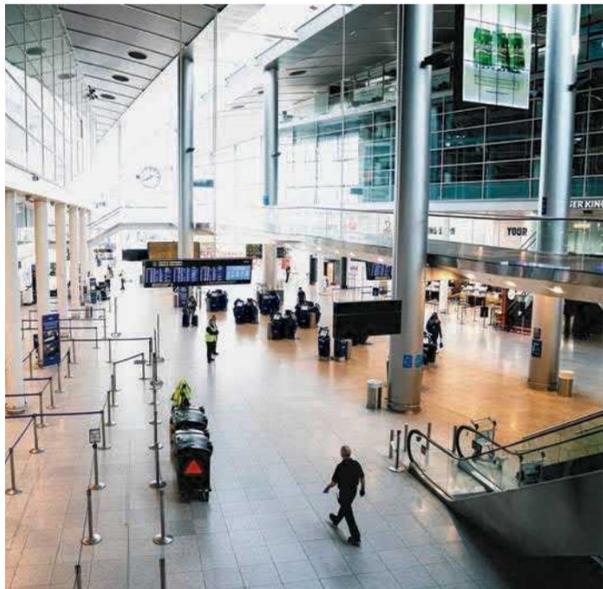
do ano: os convívios ao ar livre, em parques públicos. “Estas são medidas duras necessárias para proteger vidas”, justificou o Presidente Hassan Rouhani. “O Sizdah Bedar [Dia da Natureza, que marca o fim das férias do Nowruz e transforma o Irão num gigantesco piquenique] não será como nos anos anteriores, mas não temos alternativa.” Ontem, o Irão somava 32.332 casos de covid-19 e 2378 mortos. É o sexto país com mais infetados e o quarto com mais mortes. Numa mensagem de Ano Novo persa dirigida ao povo dos EUA, Rouhani apelou ao fim das sanções contra o Irão: “Qualquer ator hostil que pretenda minar o sistema de saúde do Irão e restringir os recursos financeiros necessários para enfrentar a crise estará a minar a luta contra a pandemia em todo o mundo.” Quinta-feira, a Casa Branca respondeu aplicando sanções a cinco empresas iranianas e 15 indivíduos das áreas da construção e dos serviços marítimos. **MARGARIDA MOTA**

Brasil Governo prepara medidas, Bolsonaro desvaloriza

Um mês depois de ser confirmado o primeiro caso de infeção por coronavírus, a 26 de fevereiro, a pandemia já chegou a todos os estados do país, que registava à hora de fecho desta edição 3027 casos confirmados de infeção e 77 mortos. Estes números são o rosto visível de uma situação que pode descontrolar-se a qualquer momento, num país com mais de 200 milhões de habitantes, grandes bolsas de pobreza no campo e nas cidades, favelas de ruelas estreitas onde existe uma enorme densidade populacional e péssimas condições sanitárias. A atuação e as declarações de que a pandemia “é só uma gripezinha” feitas pelo Presidente Jair Bolsonaro têm sido minoradas pelo desempenho do ministro da

Saúde, Henrique Mandetta, que chamou a si a coordenação da crise sanitária, e pela atuação dos prefeitos de São Paulo, Rio de Janeiro e outras cidades. Bolsonaro desvalorizou o número de infeções entre membros do seu staff e da comitiva que o acompanhou aos Estados Unidos e, segundo declarações do Presidente, os centros comerciais estariam abertos e os locais de culto cheios de gente. Bolsonaro anunciou ontem, no Palácio do Planalto, um pacote de medidas do Governo federal para tentar reduzir os efeitos da pandemia. Quinta-feira, o plenário da Câmara dos Deputados aprovou um auxílio de 600 reais (€171) para todos os trabalhadores independentes e informais, pago durante três meses. Foi igualmente anunciada uma linha de crédito para pequenas e médias empresas que deverá “beneficiar 1,4 milhões de empresas e 12,2 milhões de trabalhadores”, escreve a Agência Brasil. **MANUELA GOUCHA SOARES**

COVID-19



FOTOS REUTERS

Espanha Ansiando pelo regresso de Aurora

No país que já é o **segundo com mais mortos**, o sistema de saúde está à beira do colapso

GORKA CASTILLO
em Madrid

Aurora tem 72 anos e reside no bairro madrilenho de Lavapiés, mas vai passar uns dias ao Hospital Gregorio Marañón. De compleição enxuta, tem o olhar perdido, como se julgasse que a vida lhe escorre por entre os dedos. Os paramédicos da Cruz Vermelha tranquilizam-na. “Calma, Aurora, tu aguentas tudo. Isto não é nada. Vais ver que dentro de dias estás como uma flor. De onde és?”, pergunta-lhe um maqueiro, protegido com um fato de plástico da cabeça aos pés, botas de borracha e óculos com ventilador.

“Sou de Usera, mas vivo aqui há muitos anos”, responde com um fio de voz. Veio dos arrabaldes da cidade, portanto para o seu centro mais castiço. Alguns vizinhos observam as manobras da janela e despedem-se de Aurora com uma ovação tonitruante. “Volta depressa. Esperamos por ti”, grita uma mulher. Outra parece secar com um lenço as lágrimas que lhe cobrem o rosto. “Passou a noite a tossir e tem febre”, explica um dos vizinhos de Aurora, em voz baixa. Regressará? “De certeza que vol-

ta”, responde um profissional de saúde. Fazem Aurora subir para uma ambulância com a sirene desligada e, em silêncio, rumam ao hospital.

A covid-19 revela-se implacável, especialmente em Madrid, Catalunha e País Basco. Estas três regiões concentram mais de metade dos 64.059 infetados e 75% dos 4858 falecidos até à hora de fecho desta edição (mais do que a China e menos do que Itália). Note-se que a batalha que travam as comunidades autónomas mais golpeadas pelo coronavírus é desigual. Enquanto os sistemas de saúde catalão e madrilenho estão na cauda da tabela de investimento por habitante, com €1192 e €1236, respetivamente, o País Basco tem o mais alto gasto público em saúde: €1809 *per capita*. Está tão sobrecarregado como Madrid.

Tornar o inferno habitável

Esta semana nasceu um bebé no Hospital Universitário de Galdakao, na província basca de Biscaia. É uma menina — bonita, sã e chorona — e tem enormes ganas de viver. Ainhoa Eguiluz, médica que faz parte da direção do hospital, mencio-



nao ao Expresso este episódio como raro momento de consolo num país que se sente à beira do precipício. Uns pisos abaixo do bloco de partos ficam as urgências, saturadas de doentes há 10 dias.

Chegam em tropel, à razão de 150 por dia. Uns têm febre alta e dores em todo o corpo. Outros, os mais graves, com doenças pulmonares acentuadas de forma irreversível pela covid-19. Os mais afortunados são entubados e transferidos para um quarto isolado. Os restantes só podem esperar.

Mais de 1500 profissionais — médicos, enfermeiras, auxiliares, maqueiros — velam, armados com máscaras e batas, num esforço anónimo por fazer deste inferno um lugar habitável. Tal como em Madrid e Barcelona, os hospitais do País Basco estão em colapso. É o que conta Ainhoa Eguiluz. O hospital que ajuda a dirigir, em Galdakao, tem capacidade para 390 pacientes e recebe 30 mil internamentos por ano.

“Reconfigurámos a distribuição do hospital para o adaptar à emergência, multiplicando o número de quartos e camas, abrindo sectores que estavam preparados para outras patolo-

gias. Encaminhamos os doentes que não conseguimos auxiliar para outros centros próximos, que, por sua vez, também se acondicionaram para enfrentar a pandemia. Estamos superados”, reconhece.

Faltam máscaras e ventiladores. Todos os uniformes do pessoal de saúde são lavados diariamente a 40°C, para serem de novo utilizados. Alguns edifícios, polidesportivos e hotéis já funcionam como hospitais de campanha improvisados. Ou como morgues. Desde terça-feira, o Palácio do Gelo, em Madrid, funciona como depósito de cadáveres infetados. Sobre o seu solo gélido aguardam caixões,

AS MÁSCARAS CONTINUAM A SER UM BEM ESCASSÍSSIMO NOS HOSPITAIS, SOBRETUDO EM MADRID

O MUNDO VAZIO

Da esquerda para a direita e de cima para baixo: terminal de aeroporto em Copenhaga (Dinamarca); rua do centro de Madrid (Espanha); profissionais do sexo em La Paz (Bolívia); estação ferroviária em Banguecoque (Tailândia); pista do aeroporto de Frankfurt (Alemanha)



que serão enterrados quando as circunstâncias o permitirem. Tudo em silêncio.

Há mais arranjos de emergência. O Ifema, grande recinto de exposições na capital, transformou-se em clínica para pacientes em estado menos grave. No exterior do Hospital La Paz instalaram uma grande tenda para emergências e o ginásio já não tem aparelhos de fisioterapia nem bicicletas, pois agora atende urgências. É todo um processo de readaptação de instalações, levado a cabo a contrarrelógio para fazer face a uma pandemia inaudita. O mesmo sucedeu no Hospital Clínico de Barcelona e no de Cruces, em Bilbao. A luta continua e é cada vez mais esgotante.

Valha a vocação

Virginia Sastre é auxiliar de enfermagem e trabalha há três anos no Hospital Universitário 12 de Octubre, na capital espanhola. Num breve intervalo da sua jornada incessante, fala ao telefone com o Expresso. Fá-lo devagar e em voz baixa. Já conta seis horas ininterruptas no terreno de guerra. “Ficarei mais três ou quatro horas.” É assim desde há uma semana. Arrisca a vida

para salvar as de todos. O cansaço cresce, mas faz sobressair a vontade inquebrantável.

Reconhece que até agora escapou a contrair a doença. “Mas é claro para mim que em qualquer instante posso ser contaminada”, afirma. Embora as máscaras continuem a ser um bem escassíssimo em todos os hospitais espanhóis, sobretudo em Madrid, garante que não tem medo. “Não temos medidas de proteção, os protocolos fazem-se em câmara lenta”, acrescenta. O hospital funciona com dificuldade, com todos os recursos a trabalhar com rendimento máximo há dias e o pessoal fundido.

As costuras do sistema de saúde, última barreira de contenção deste vírus resistente e voraz, vão aguentando, mas ninguém sabe por quanto tempo. São muitas jornadas vividas no limite. “Esta profissão é vocacional, e é isso que nos mantém, apesar das restrições e do colapso que se vive nos hospitais”, admite Virginia sem se alterar. Espanha está encostada às cordas e só resiste com esforço. A esperança é que a covid-19 comece em breve a dar algum sinal de fraqueza.

internacional@expresso.impresa.pt

A doença chegou às elites políticas

Os políticos e as suas famílias continuam muitas vezes a sair e a visitar sítios críticos



Boris Johnson está em isolamento na residência oficial do nº 10 de Downing Street FOTO FRANCOIS WALSCHAERTS/REUTERS

ANA FRANÇA

O novo coronavírus não reconhece fronteiras e também não poupa elites. O primeiro-ministro britânico, Boris Johnson, é apenas o último de uma lista que já se faz longa de políticos infetados. No Reino Unido, além de Johnson, também o ministro da Saúde, Matt Hancock, confirmou estar infetado. A deputada Nadine Dorries, que já regressou ao Parlamento sob uma salva de palmas, esteve igualmente infetada. E nem a família real escapou: o príncipe Carlos, de 71 anos, encontra-se em isolamento na Escócia depois de ter contraído o vírus, o que inspira cuidados sobre uma possível contaminação à rainha Isabel II ou ao marido, Filipe, ambos nonagenários.

Outra cabeça coroada que a covid-19 atingiu foi o príncipe Alberto II do Mónaco. Tal como Carlos, não é um político ativo, mas ambos fazem parte de uma elite que, pelo constante contacto com outras pessoas, ficou exposta à contaminação.

Em França, o ministro da Cultura, Franck Riester, desenvolveu a doença no início de março, tendo sido o primeiro; a covid-19 também foi diagnosticada ao secretário de Estado da Transição Ambiental, Brune Poirson. A estes nomes juntam-se os de vários parlamentares e ainda o de Michel Barnier, negociador do 'Brexit' pelo lado europeu. O seu homólogo britânico, David Frost, foi igualmente contagiado, possivelmente ao encontrar-se com Barnier na última reunião presencial que ambos mantiveram.

Em Itália, com mais de 9000 mortos, ainda não há muitos políticos oficialmente infetados. O chefe do Partido Democrático, Nicola Zingaretti, membro da coligação

Mais de uma dezena de políticos iranianos morreram de covid-19. É o país mais afetado no Médio Oriente

no Governo, teve um teste positivo no início de março.

Na Alemanha, depois do susto com a chanceler Angela Merkel, que já fez um segundo teste de confirmação de resultado negativo, Friedrich Merz, um dos nomes mais falados para a liderança do partido de Merkel (CDU, União Democrata-Cristã), anunciou no Twitter que está infetado e que os sintomas vão "do leve ao moderado".

Irão é o país mais afetado no Médio Oriente

Em Espanha, que lida com uma situação descontrolada de contágio na comunidade, a vice-primeira-ministra Carmen Calvo foi internada com uma infeção respiratória e teve um diagnóstico positivo no dia 25 de março. Irene Montero, ministra da Igualdade e mulher do vice-primeiro-ministro Pablo Iglesias, está em isolamento. É também há o caso de Begoña Gómez, mulher do primeiro-ministro Pedro Sanchez.

No Canadá, Sophie Gregoire Trudeau, mulher do chefe do Governo, Justin Trudeau, anunciou a infeção no dia 12

de março. Terá sido infetada durante uma viagem ao Reino Unido, dias antes. Quim Torra, líder do Governo catalão, está infetado, tal como Pere Aragonès, seu vice.

A elite política do Irão foi duramente atingida e todo o país está a ter muita dificuldade em controlar a pandemia. Mais de uma dezena de políticos antigos ou atuais morreram de covid-19. A vice-presidente do país para Assuntos Femininos, Masoumeh Ebteka, é a patente mais alta a oficializar a infeção, mas o vice-ministro da Saúde, Iraj Harirchi, que encabeça o esforço de luta contra o vírus, também tem um diagnóstico positivo.

Nos Estados Unidos, que já têm mais doentes do que a China, estão infetados Rand

Boris Johnson é o primeiro chefe de Governo a contrair o novo coronavírus, tal como o seu ministro da Saúde

Paul, senador republicano pelo Kentucky, tal como o presidente da Câmara de Miami, Francis Suárez. Trump esteve com várias pessoas contaminadas, mas não comunicou qualquer doença.

Da delegação brasileira que visitou os Estados Unidos no início de março, são mais de 20 os nomes com covid-19, incluindo o presidente do Congresso Nacional, Davi Alcolumbre; também estão infetados Augusto Heleno, 72 anos, do Gabinete de Segurança Institucional da Presidência; Bento Albuquerque, 61 anos, do Ministério de Minas e Energia; e Fabio Wajngarten, secretário de Comunicação da Presidência da República.

Em África, onde o vírus começa a atacar em força, Abba Kyari, chefe de gabinete do Presidente nigeriano Muhammadu Buhari, foi contagiado. O Burkina Faso é dos países com mais membros da elite política infetados: Oumarou Idani, ministro do Minério, Stanislas Ouaro, da Educação, Simeon Sawadogo, do Interior, e Alpha Barry, dos Negócios Estrangeiros, são confirmações oficiais.

afranca@expresso.imprensa.pt

Guerra e Paz

Miguel Monjardino
miguelmonjardino@gmail.com



O FATOR HUMANO

Uma pandemia pode alterar a trajetória da política internacional?

A resposta dos países da União Europeia à covid-19 começou por ser caótica. Por surpresa e impreparação. Apesar do enorme sofrimento da população de Wuhan, onde apareceram os primeiros casos da doença, e do sacrifício e heroísmo dos médicos e enfermeiros da cidade, ninguém nos países europeus se preparou convenientemente para a sua inevitável chegada.

Nos EUA, a situação poderá ficar pior do que em Itália e Espanha nas próximas semanas. Donald Trump é Presidente há mais de três anos, mas continua a não ter a menor ideia do que é um governo federal, como funciona e para que serve. Governar é liderar, baseado em escolhas e decisões informadas. Trump tem sido incapaz de o fazer.

Para complicar ainda mais o cenário, o confinamento social e a rutura das nossas economias para conter a covid-19 estão a causar um enorme choque na procura e na oferta. Uma recessão profunda é agora inevitável nos países europeus e nos EUA. O medo está instalado e o desemprego aumentará imenso. Isto tem vindo a gerar uma crise de confiança nas democracias liberais euroatlânticas.

Pequim, que sempre pensou que Washington lhe estava a negar o poder e a influência a que tem direito no concerto das nações, olha para o caos e a incerteza causados nos EUA e no Velho Continente como uma oportunidade única de afirmação. Tal é irónico. Se há coisa que a tragédia em Wuhan mostra é o que determina e como funciona realmente o regime do Partido Comunista da China. O seu principal objetivo não é a proteção da população chinesa, mas a preservação do seu poder. Em condições de risco semelhantes, Taiwan, a Coreia do Sul, o Japão e Singapura fizeram melhor.

Convém assinalar que para se afirmar nesta emergência de saúde pública, Pequim tem conduzido uma campanha de desinformação contra os países europeus, a União Europeia e os EUA.

Nem tudo vai mal em Washington e em Bruxelas. Para começar, têm sistemas políticos que apostam na transparência, responsabilidade e liberdade. A isso acresce que os seus sistemas financeiros estão a ser mobilizados para tentar conter o choque criado pela covid-19. O problema é a incerteza em relação ao posicionamento estratégico dos EUA liderados por Trump. A atual trajetória da ordem internacional interessa ou não a Washington? A resposta não é clara. Que compromissos são realmente possíveis entre os países europeus para manter a coesão interna do Velho Continente numa situação em que terão de endividar-se muito? Apesar da forte resposta do Banco Central Europeu, a resposta também não é clara.

A trajetória da política internacional dependerá sobretudo do fator humano e dos recursos. As lideranças políticas serão cruciais em termos de capacidade de negociação, criatividade e negociação de um novo contrato social entre as gerações mais velhas e as mais novas. Precisamos de uma visão partilhada para o nosso futuro. Se tal não for possível, entraremos numa nova trajetória internacional que marginalizará os países europeus em relação aos EUA e à Ásia. Aí, as atuais lideranças serão varridas do mapa e serão feitas novas escolhas políticas.

Mais de 2000 portugueses não conseguem voltar

A situação mais grave é a dos que vivem em Angola e Moçambique, mas há cidadãos nacionais em muitos países do mundo

Ansiedade é o sentimento partilhado por dois a três mil portugueses que estão no estrangeiro, em plena pandemia, e tentam regressar. Ainda não houve qualquer voo de repatriamento patrocinado pelo Governo. Os que conseguiram regressar compraram bilhetes nas companhias aéreas, que operam em espaços aéreos limitados.

O Expresso tem recebido queixas de cidadãos sobre postos consulares em todo o mundo. A situação mais tensa vive-se em Angola, de onde

um português, ali residente há mais de uma década, enviou uma carta ao Presidente da República e ao ministro dos Negócios Estrangeiros — divulgada esta semana pelo Expresso — a acusar o consulado-geral em Angola de sujeitar a comunidade lusa a "condições desumanas".

Em Moçambique circula uma petição, assinada por mais de mil portugueses, pela reposição de voos da TAP entre Maputo e Lisboa. "O consulado enviou um e-mail há dois dias, informando que a Qatar Airways opera a partir de Maputo", disse uma portuguesa que ali vive e é asmática, grupo de risco para a covid-19. "Não quero arriscar uma viagem com escala em Joanes-

burgo, Doha e numa capital europeia."

O Governo disse que não seriam suspensas as ligações entre Portugal e os países africanos lusófonos. Quem vive em Angola e Moçambique — ou São Tomé, Guiné-Bissau e Cabo Verde — queixa-se da quase impossibilidade de contactar a TAP, dos preços, da falta de informação clara dos consulados. "Sentimo-nos abandonados. Há empresas que estão a fazer voos de repatriamento. A quem não trabalha numa delas só resta comprar bilhete, se conseguir o dinheiro. Vão dos €1000 aos €1700", disse um português residente em Luanda.

A TAP explica ao Expresso que estes voos são "missão da

própria TAP, de proteção a todos os que tinham confiado na companhia e comprado bilhetes para voos entretanto cancelados". O Expresso soube que uma portuguesa comprou um bilhete por €1500 para o voo da última terça-feira. Outro cidadão regressou ontem com a TAP, depois de pagar €1300.

Da Austrália ao Peru

Além da TAP, a Euroatlantic opera voos fretados por empresas ou agências de viagens. Um estudante em Sydney está em contacto com um grupo de 100 portugueses. "Na Austrália está tudo fechado e quem estuda e trabalha não tem como sustentar-se. Contactei a embaixada. Dizem sempre

para tentarmos rotas comerciais. Consegui voo na Emirates, mas entretanto os Emirados Árabes Unidos cancelaram as rotas via Dubai."

Estudantes, pessoas em estágios profissionais e viajantes foram apanhados pela pandemia. O ministro dos Negócios Estrangeiros, Augusto Santos Silva, disse esta semana que foi "possível encerrar os processos de repatriamento de vários países", mas não excluiu voos fretados de apoio. Regressaram em voos comerciais portugueses da Argélia, Egito, China, Chipre, Irão, Maldivas, Marrocos, Mongólia, Panamá, Costa Rica e Polónia.

MANUELA GOUCHA SOARES
e ANABELA CAMPOS
mgoucha@expresso.imprensa.pt

Editorial & Opinião

Editorial Vivemos a crise-mãe de todas as crises que conhecemos. Neste momento, mais do que nunca, estar bem informado é essencial

Estar onde temos de estar

Há umas semanas, António Costa dizia que esta é a luta pela nossa sobrevivência. Nesta edição, o 'patrão dos patrões', António Saraiva, acrescenta que esta será a pior crise que já vivemos. De todos exige muito. Do país, das instituições, das empresas, das organizações sociais, das famílias e de cada um de nós individualmente. Em tempos como este, o acesso à melhor informação é fundamental. O Expresso, como marca de informação com décadas de fortíssima implantação na sociedade portuguesa, é um porto de abrigo para quem procura credibilidade, profundidade, análise e respostas. Sem alarmismos, mas também sem nunca esconder a informação mais relevante e impactante para a vida dos portugueses. Continuamos, sem parar, todos os dias, na rua e na redação (em muitos casos montada na casa dos jornalistas em teletrabalho), para lhe trazer o melhor jornalismo. Porque sabemos que a responsabilidade e o dever de informar assumem nestas circunstâncias um relevo ainda maior. Cidadãos mais bem informados são cidadãos que tomam melhores decisões.

Nos últimos 15 dias estivemos em Itália, Espanha, França, Estados Unidos e Brasil, para dar alguns exemplos. Percorremos as ruas de Madrid, as favelas do Rio, os hospitais de Bérgamo. Estivemos no concelho confinado de Ovar para perceber como vive e se comporta a população nesta altura tão exigente. Andámos pelas ruas vazias do país. Visitámos os refúgios dos sem-abrigo em Lisboa. Estivemos com os polícias que nesta altura fiscalizam a normalidade mas que também se dedicam muitas vezes a ajudar quem mais precisa, como os idosos, carregando as suas compras. Olhámos para os lares. E entrámos nas unidades de cuidados intensivos dos maiores hospitais nacionais, onde se tenta desesperadamente salvar vidas — o verdadeiro olho do furacão desta crise, o último reduto da luta.

Muitas destas reportagens já foram publicadas ao longo dos últimos dias no digital do Expresso, outras pode encontrar na edição que já tem na sua posse. Algumas são verdadeiros murros no estômago ou gritos de alerta, por vezes necessários para que não cedamos à tentação de achar que o pior já passou. Não, o pior ainda não passou. P.S. — O que sucedeu na quinta-feira à noite no Conselho Europeu é um sinal terrível de desunião entre os 27. Fazer o que, liderados pela Holanda, alguns países fizeram, traçando um paralelismo com a crise das dívidas como argumento para evitar um grande 'Plano Marshall' de ajuda nesta pandemia, é, como apontou e bem o primeiro-ministro, de uma mesquinhez inaceitável. Admire-se depois pelos britânicos terem optado por sair deste navio.

OU TUDO VAI OU TUDO RACHA



Pedro Santos Guerreiro
cidadeps@gmail.com

Por enquanto, estamos de braços dados, convocados, unidos. Procuramos e encontramos liderança nos políticos, voltamos a confiar nas instituições e profissões que o populismo minava para se alimentar, e há um sonho de reconciliação — das sociedades com os valores humanistas e de solidariedade social, da política de regresso ao multilateralismo, da ligação aos que falam e fazem e não aos que gritam e desfazem. É um sonho bonito, em que os populistas da mera radicalidade do grito se esfumam na sua própria superficialidade. É um ainda sonho, face a uma realidade por controlar e que pode encaminhar-se para o contrário.

Os “comandantes executivos” dos países estão a subir em flecha na popularidade. Mas isso é tão válido para António Costa, que até ultrapassou Marcelo, como para Donald Trump, o egótico inconstante que esta sexta-feira atingiu a taxa de aprovação mais alta da sua presidência. Se tivermos milhões de mortos no mundo, haverá regimes em causa. À medida que a pandemia avança, a erosão dos serviços nacionais de saúde criará contestação social e portanto política. À medida que se percam empregos e rendimentos acelerarão as desigualdades e a insegurança. É do que os populistas radicais temporariamente no armário estão à espera para reativar as máquinas de cuspo.

Se a mortandade for tsunâmica e/ou a recessão se transmutar numa depressão, ficaremos em ruínas. Mesmo antes disso, observaremos vários fenómenos: que alguns países asiáticos contiveram melhor o vírus por aplicarem

métodos de reclusão forçada e de vigilância, por exemplo de 200 milhões de câmaras com capacidade térmica só na China, que seriam instintivamente inaceitáveis na Europa, como escreveu o filósofo Byung-Chul Han esta semana no “El País”; que a deslocalização da produção, para já de equipamento e tecnologia médicos, mais tarde de agropecuária, deixou países sem reservas para emergências; que mesmo em espaços económicos e políticos comuns haverá tendência para o fechamento. Para a autossuficiência. E, pior, talvez para o cada um por si.

A União Europeia está, por enquanto, a mostrar o que verdadeiramente sempre foi e não o que quis (e quer?) ser. A forma como Itália foi deixada à deriva ou os desvios de equipamento são exemplos desse nacionalismo maior que está a emergir nos planos para o financiamento (agora) e para a retoma económica (depois). Quem ainda vê na Holanda,

Finlândia, Áustria ou mesmo Alemanha uma solução para as dívidas semelhante à dos resgates está em negação. Negando que esta crise pouco tem a ver com a de 2008. Que a receita pós-2008 destruiu mais do que construiu. E de que a desunião e o ressentimento são carvão na fornalha que assim destruirá o projeto europeu, garantia de paz neste continente beligerante.

Ainda estamos no princípio do que não conhecemos o meio, quanto mais o fim. Mas a seiva do descontrolo social está alojada na planta que cresce. Não sobrestime a popularidade atual dos líderes ocidentais. Nem subestime a capacidade de autodestruição dos sistemas políticos que temos construído no Ocidente. Podemos aprender tanto e melhorar tanto depois deste tempo de devastação quanto podemos ver dinamite nas pontes de concórdia. Estamos já a tomar as decisões que vão provocar um ou outro rumo. Ou tudo vai ou tudo racha.

DESTA VEZ É DIFERENTE



Pedro Adão e Silva
padaoesilva@gmail.com

No meio de uma pandemia de contornos incertos, tem surgido uma leitura otimista que sugere estarmos numa crise de saúde pública, que toca a todos e que por não ter fundamentos económicos ou políticos não permitirá culpabilizações morais. Desta vez seria diferente: o vírus contagia indiscriminadamente as economias, não escolhe entre países ricos e pobres e até pode ser uma oportunidade para repensar a forma como num mundo global gerimos novos riscos.

Infelizmente, não há memória de uma crise que tenha sido oportunidade para outra coisa

que não empobrecimento assimétrico, afetando mais uns do que outros. Como nos ensina a História, todas as crises são, no essencial, iguais, e dificilmente delas resulta o que quer que seja de positivo. Desta vez não será diferente.

Há já algumas certezas sobre o momento que vivemos: a covid-19 tem uma natureza seletiva, escolhe partes da população como transmissores quase assintomáticos, enquanto reserva a sua eficácia para os grupos de risco; as instituições nacionais e globais não estavam preparadas para reagir a uma ameaça nova e as economias recuarão por tempo indeterminado, a um ritmo sem paralelo nas últimas décadas.

Em Portugal, a crer nos dados da sondagem do ICS/ISCTE para o Expresso, mesmo nos primeiros dias do estado de emergência, um em cada cinco adultos já viu a situação financeira do seu agregado familiar afetada e 12% dos inquiridos

confessaram que, após um mês das atuais restrições, serão incapazes de pagar as suas despesas básicas.

Sabemos também que esta pandemia virá em vagas. Numa visão otimista, daqui a umas semanas a nossa vida poderá voltar em parte ao normal, para, logo depois, regressarmos a um lockdown que, uma vez mais, paralisará a economia. Este

Sem condições políticas para uma resposta europeia, os países que mais vão precisar de recuperar a economia serão também aqueles que menos condições financeiras terão

vaivém pode repetir-se até que a população esteja imunizada ou até que surja uma vacina. Em qualquer dos casos, será um cenário economicamente insustentável e que, pelo caminho, deixará uma mortandade difícil de suportar.

As coisas são de tal forma que o mais crítico pode nem ser gerir o pico da epidemia daqui a um par de semanas ou, até, sustentar os rendimentos das famílias até ao verão. Precisamos de desenhar agora soluções para daqui a um ano, quando for preciso recuperar o mercado de trabalho e recompor as empresas. Infelizmente, quando eram necessárias respostas novas, é sugerido aos Estados que percorram o caminho do passado.

Uma combinação de flexibilidade no crédito, injeção de dinheiros públicos e alívio da pressão sobre os défices, tudo assente num aumento das dívidas soberanas. Não é necessária grande perspicácia para antever que, depois, seguir-se-á um longo período de austeridade. Sem condições políticas para uma resposta europeia, os países que mais vão precisar de recuperar a economia serão também aqueles que menos condições financeiras terão para o fazer. Esta crise, afinal, é igual às outras.

Expresso



Proprietária/Editora: IMPRESA PUBLISHING S.A.
Sede: Rua Calvet de Magalhães, 242, 2770-022 Paço de Arcos, NIPC: 501984046
Administração da IMPRESA PUBLISHING: Francisco Pinto Balsemão, Francisco Maria Balsemão, Francisco Pedro Balsemão, Paulo de Saldanha, Paulo Miguel Reis, Nuno Miguel Conde e Cristina Vaz Tomé
Composição do Capital da Entidade Proprietária: 100.000 euros, 100% propriedade da Impresa - SGPS, SA, NIPC 502437464
Registo da publicação na ERC: 101.101 ISSN-0870-01970

Diretor Geral de Informação IMPRESA
Ricardo Costa

Diretor
João Vieira Pereira

Diretores-Adjuntos
David Dinis,
Martim Silva,
Miguel Cadete
e Paula Santos

Diretor de Arte
Marco Grieco

Editores
Vitor Matos (Política),
Joana Pereira
Bastos (Sociedade),
Pedro Cordeiro (Internacional),
Pedro Candéias (Desporto),
João Silvestre (Economia),
Pedro Lima
(Editor-adjunto Economia),
Jorge Araújo (Revista E)
Filipe Garcia
e Germano Oliveira (Online)
e José Cardoso
(Editor-adjunto
Expresso Diário)

Grande Repórter
Micael Pereira

Coordenadores Gerais de Arte
Jaime Figueiredo (Infografia),
João Carlos Santos (Fotografia),
e Mário Henriques (Desenho)

Coordenadores
Raquel Moleiro (Sociedade),
Elisabete Miranda (Economia),
Vitor Andrade (Economia),
Ricardo Marques (Revista E),
Rui Tentúgal (Fecho),
Tiago Pereira Santos
(Desenho Expresso Diário),
Joana Beleza (Multimédia),
Cristina Pomba e João
Cândido da Silva (Online)

Redação, Administração e Serviços Comerciais
Rua Calvet de Magalhães, 242
2770-022 Paço de Arcos
Tel: 214 544 000
ipublishing@impresa.pt

Documentação (Gesco)
sciente@gesco.impresa.pt
Delegação Norte
Rua Conselheiro Costa Braga,
502: 4450-102 Matosinhos
Tel: 220 437 000

Publicidade
João Paulo Luz (diretor),
Ángela Almeida
(diretora da Delegação Norte);
Hugo Rodrigues
(diretor publicidade agências),
Dinorá Casanova e Nuno
Martins (gestores de conta);
Carlos Lopes (diretor
publicidade diretos),
Miguel Teixeira Diniz e Sérgio
Alves (gestores de conta);
Marta Teixeira e Helena
Almeida (gestores de conta
da Delegação Norte)
Tel: 214 544 073/214 698 798
Fax: 214 698 516

Publicidade On Line
publicidadeonline@impresa.pt

Tratagem média de fevereiro:
73.800 exemplares
Associação Portuguesa
para o Controlo de Tratagem
apct
Associação Portuguesa
de Imprensa

VISAPRESS
Direitos de Autor Protegidos

Assinatura Expresso Digital
Trimestral (12 semanas): 18€
Anual (52 semanas): 76€
8€-Anual (104 semanas): 104€
Ligue 214 698 801 ou vá a lojaimpresa.pt
(horário: 9h às 19h, de seg. a sáb.)

ESTATUTO EDITORIAL DISPONÍVEL EM
www.impresa.pt/Lei78/2015

Marketing, Comunicação e Criatividade
Mónica Balsemão (diretora),
Ana Paula Baltazar (coord.
de marcas de informação),
Susana Freixo (gestora
de marcas) e Carla Martins
(coord. de comunicação
para relações externas)

Produção
Maria João Lopes (diretora),
João Paulo Batlle y Font
(coordenador),
Carlos Morais e Joaquim
Rodrigues (produtores)

Circulação e Assinaturas
Pedro M. Fernandes (diretor),
Milton Silva (responsável
pela circulação) e Rita Silva
(responsável pelo serviço
de apoio ao cliente)
Serviço de Apoio ao Assinante:
Tel: 214 698 801
(dias úteis, das 9h às 19h)
Fax: 214 698 501; e-mail:
apoio.cliente.ip@impresa.pt

Atendimento Ponto de Venda
pontodevenda.ip@impresa.pt

Impressão
Lisgráfica,
Casal de Stª Leopoldina,
2745 Queluz de Baixo

Distribuição
VASP-MLP,
Media Logistics Park
Quinta do Grajal, Venda Seca
2735-511 Aqualva Cacém
Tel: 214 337 000
Pontos de Venda:
contactcenter@vasp.pt
Tel: 808 206 545
Fax: 808 206 133

“A Impresa Publishing não é responsável pelo conteúdo dos anúncios nem pela exatidão das características e propriedades dos produtos e/ou bens anunciados. A respetiva veracidade e conformidade com a realidade são da integral e exclusiva responsabilidade dos anunciantes e agências ou empresas publicitárias”.

MUDAR?



Qualidade Devida
Luísa Schmidt
sociedade@expresso.impresa.pt

Mudar ou ser mudado faz uma grande diferença. Não foi por falta de avisos. Os mesmos erros de um sistema em guerra contra a Natureza geraram a vulnerabilidade em que estamos a viver hoje. O sistema não criou o vírus. Mas criou a exponencial vulnerabilidade que nos coloca nas suas mãos com esta rapidez e com esta envergadura. Aquilo que pode parecer e até ser racional numa dimensão do sistema torna-se facilmente irracional noutra. As razões sociais têm destas coisas. É preciso pensar racionalmente a várias escalas de valores e de propósitos.

Quando há poucos meses, ainda que nos pareçam hoje já

longínquos, vários movimentos sociais, sobretudo juvenis, insistiam para que se fizessem mudanças rápidas para podermos ir a tempo de ter futuro, tudo parecia um exagero de pressas. Havia que mudar, mas muito devagar, de modo a não abalar o sistema que causara os problemas. Tratava-se das alterações climáticas. Mas agora é a sobrevivência. De repente, tudo o que parecia precisar de calma e tempo vê-se obrigado a mudar depressa ou, pior, precipitada e tumultuosamente. Entre a emergência climática e a emergência sanitária a ligação é clara. Perante isto, como mudar depressa, mesmo muito depressa?

A crise viral tem revelado um leque surpreendente de reações: desde as mais patéticas ou patéticas negações, ironias, cinismos e oportunismos, até ao pânico irracional (como o do açambarcamento do papel higiênico!). No meio de tudo isto brilha a lucidez e o heroísmo de quem está a construir decisões, a tomar medidas e ações, a dar informação quotidiana, e sobretudo os que

estão na primeira linha, frente aos doentes, ou seja, a seres humanos na sua mais fragilizada condição.

Um dia, em breve esperamos, quando a pandemia estiver em recuo ou vencida, nada voltará a ser como antes. Nessa altura, quando se voltar a falar de emergência climática, de risco, de necessidade de mudar depressa o nosso viciado sistema de vida no sentido da sustentabilidade, vamos ter todos em mente o que foi preciso fazer para salvar gente da pandemia e o quanto nos custou em sofrimento e em bens não ter mudado no tempo em que era preciso fazê-lo sem os atropelos e as tragédias a que os colapsos sempre levam.

A crise viral e a crise ambiental global não são dois factos alheios um ao outro e ambas deixam totalmente exposta a absoluta insustentabilidade de um sistema que criou problemas de uma escala imensa que já não consegue resolver e que só se agravarão se tudo continuar como antes. Florestas, biodiversidade, oceanos, escassez de água,

pobreza, emissões, migrações, contaminações, lixeiras, eventos extremos... não vale a pena enumerar o que já todos sabemos e lembrar os custos de não agir.

Racionalidade precisa-se. Uma nova economia e uma nova política também. Mais inteligente, mais cooperativa, mais circular, mais partilhada, mais ética e sobretudo mais humana. Agora que sabemos o que é mudar e mudar depressa, mudar até depressa demais, temos à nossa frente outros problemas de mudança que não podem ficar para trás. Vivemos atualmente em sobressalto quotidiano, e por isso é difícil pensar a prazo ou vislumbrar soluções. Mas há que fazê-lo, e já. A sustentabilidade em todas as suas dimensões não é uma opção; é a condição de toda e qualquer opção.

A mesma coisa em ambos os lados da crise global está em causa: a sobrevivência do ser humano e de valores tão básicos como a justiça, o conhecimento científico, a democracia e o reconhecimento de pertencermos todos a todos.



Daniel Oliveira
danieloliveira.lx@gmail.com

FALSOS CONVERTIDOS

Todas as tragédias são uma oportunidade. Ainda mais quando o Estado está demasiado ocupado a apagar o fogo para ver quem rouba a casa. Defendo a urgência das medidas económicas. Mas temos de estar atentos. Atentos a perdões sucessivos de despesa que irão caindo em cascata do inquilino para o senhorio, deste para a loja onde o senhorio deixou de consumir e dele para o funcionário dessa loja que perde o emprego. É garantindo o rendimento de quem trabalha e não isentando-o da despesa que se socorre a economia. Porque não vamos todos viver de borla. Atentos a medidas como o *lay-off* automático, sem qualquer controlo, que até permite que se despeça antes ou quem não esteja por ele abrangido. Será mais um expediente a juntar a todos os abusos que já estão a acontecer em centenas de empresas. Enquanto muitas PME lutam pela sobrevivência, não falta quem aproveite a crise para se livrar de problemas antigos e prever problemas futuros à boleia do estado de exceção económico. É nestes momentos que os honestos se afundam e os oportunistas se safam.

Felizmente, há alguns exibicionistas. A última vez que o sócio-gerente da Padaria Portuguesa apareceu foi para contestar o aumento do salário mínimo. Com um quarto dos seus trabalhadores a receber menos de 557 euros, dizia que “o espírito de equipa vale muito mais do que o salário base”. E que o país precisava de liberalizar os despedimentos e baixar o IRC, não de aumentar o salário mínimo. Nuno Carvalho voltou agora para nos informar que, com faturação anual de 40 milhões e lucro de 2 milhões, já não pode pagar salários. Porque o seu negócio é caminhar sobre a corda, acreditando

Com o medo, os ateus descobrem Deus e os neoliberais o Estado. Só não pensem que se converteram

que o Estado lhe põe a rede por baixo. Liberalismo para os seus trabalhadores, socialismo para ele. Se há sector que já está a viver uma tragédia é o da restauração. Mas a Padaria Portuguesa, cujo contributo para a economia foi dizimar dezenas de pastelarias, é a última das nossas preocupações. Nunca lhe faltou músculo para a sua política de eucalipto, plantando a uma velocidade estonteante um estabelecimento em cada esquina. Também o terá para cumprir os seus deveres. Até porque, ao contrário de muitos, tem as portas abertas. Não estivesse em causa a situação imediata de 1200 trabalhadores, que provavelmente serão despedidos na mesma, aconselharia Nuno Carvalho a pagar as contas com o tal “espírito de equipa”. Mas o padeiro liberal, que nunca foi padeiro e só é liberal quando lhe convém, vai conseguir o que queria. A comporta abriu-se e todo o controlo desapareceu.

Aos oportunistas empresariais juntam-se os oportunistas políticos. E é assim que vemos José Manuel Fernandes, o sargento mediático da campanha pelo Estado mínimo, a pedir apoios públicos para o “Observador”. Ou o Iniciativa Liberal a exigir o Estado em todo o lado. Parafraseando o jornalista Pedro Vallín, do “La Vanguardia”: com o medo, os ateus descobrem Deus e os neoliberais o Estado. Só não pensem que se converteram. Quando chegar a fatura desta despesa voltará a lengalenga sobre o Estado gordo e socialista. E os sacrifícios para os do costume. Estamos todos no mesmo barco, mas há quem vá aproveitar a confusão para açambarcar os coletes salva-vidas.

Se somos solidários no combate à doença, também o deveremos ser no combate aos efeitos da crise

Caíam na real

Devemos discutir quais as melhores políticas para combater a crise económica: subsídios do governo às empresas, aos trabalhadores, garantias de liquidez, etc. Podemos até defender, como defendo, que o Banco Central Europeu imprima notas de euro e as distribua. Mas temos de ter noção do básico: não consumimos moeda, consumimos os bens e serviços que são produzidos e distribuídos. Estando num regime de leve prisão domiciliária e em que muitas lojas estão proibidas de abrir, a produção vai cair. Ora, se a nossa produção cair 10%, então o rendimento real cai 10%. As políticas anunciadas têm dois objetivos: impedir que a queda seja ainda maior (procurando que as empresas estejam intactas no momento de recomeçarem a laborar) e distribuir equitativamente os custos.

Recebi mensagens de leitores com sugestões para mitigar os efeitos da crise. Um contou-me que a mãe tinha baixado significativamente as rendas aos inquilinos de um prédio. Outro falou-me do *e-mail* que recebeu da Casa da Música perguntando-lhe se queria a devolução do dinheiro de vários bilhetes; disse-me que em vez de pedir o dinheiro dos concertos cancelados ia fingir que os ouviu, afinal os músicos e os funcionários que lá trabalham têm de ser pagos. Estas sugestões são formas de partilhar os sacrifícios, mas são insuficientes.

A crise terá impactos assimétricos. Haverá quem fique na miséria, quem perca o emprego e quem veja a sua empresa falir. Ao mesmo tempo, haverá quem mantenha o emprego e o salário e haverá empresas com lucros extraordinários, como as de serviços *online*, de entregas ao domicílio ou fábricas de papel higiénico.

Se somos solidários no combate à doença, também o deveremos ser no combate aos efeitos da crise. Quem não perde com a crise deve contribuir mais. Por isso, atitudes como a da Frente Comum, recusando a suspensão dos aumentos salariais da função pública, são revoltantes. Como é possível saber que o país vai ter uma quebra abrupta no PIB, que o défice vai disparar e defender que os servidores do Estado não participem no esforço nacional?

A falta de noção dos sindicatos da Frente Comum é contagiante. Talvez por estarmos fechados em casa, o vírus ataca as ligações ao mundo real. Por exemplo, nas redes sociais, no Parlamento e nos jornais fizeram tiro ao alvo aos liberais e empresas que pedem apoios do Estado. António Costa acusou mesmo o deputado da



Luís Aguiar-Conraria
Professor de Economia da Univ. do Minho
lfguiar@eeg.uminho.pt

Amigo, seja socialista ou liberal, de esquerda ou de direita, é fácil entender: quando grande parte das atividades económicas está proibida, por definição, os mercados não são livres

Iniciativa Liberal de parecer um representante da Iniciativa Estatal. Sejamos sérios, faz sentido falar em mercados livres quando muitas empresas estão impedidas de abrir? Se se impedem as pessoas de sair à rua para comprar produtos não essenciais, querem o quê? Se é por decisão do Estado que as empresas perderam o negócio, é óbvio que têm legitimidade para pedir apoios.

Noutra onda, muitos liberais tiveram uma reação similar. Face à possibilidade de a crise se prolongar por tempo indefinido, 30 economistas propuseram a criação de um gabinete que monitorizasse as cadeias de produção e distribuição de bens essenciais. Nesse gabinete participariam várias empresas e, claro, representantes governamentais, para evitar e resolver situações de bloqueio na produção e venda destes produtos.

O perigo é real. Há dias, um diretor da Bial avisou que as cadeias de aprovisionamento estavam a falhar e que tinha medo que lhe viessem a faltar matérias-primas para produzir medicamentos. Já há reportagens na “The Economist” a falar do inferno logístico em que se tornaram as cadeias internacionais de distribuição.

Esta semana, no pressuposto de que a crise vírica dura três meses, a Universidade Católica admitiu que o PIB pode cair 20%. Imaginem que em vez de durar três meses dura nove. Falamos de quê? De uma possível quebra de 30% do PIB? Num cenário destes, com empresas impedidas de laborar e com países a bloquear a saída de bens essenciais, o mercado garantirá todos os bens essenciais? Admito que sim, mas ao mesmo tempo que gostava que se concluísse que é tudo fruto de histeria coletiva, prefiro estar precavido.

A proposta está sujeita a críticas. Desde se será possível montar o gabinete em tempo útil a se se justifica a invasão de privacidade que implica — apesar de, por ser uma resposta a uma situação excepcional, ser temporária. Mas o que muitos liberais fizeram foi argumentar que estava provado que o mercado livre é melhor do que o planeamento central. Caramba! Não estamos nos anos 30 do século passado. Caíam na real, nem o que se propôs é planeamento central nem faz sentido apelar à eficiência dos mercados livres quando um terço da população mundial está em quarentena.

Amigo, seja socialista ou liberal, de esquerda ou de direita, é fácil entender: quando grande parte das atividades económicas está proibida, por definição, os mercados não são livres.



Henrique Raposo
henrique.raposo79@gmail.com

CORAGEM

Qual é a grande virtude em tempos de peste? Coragem. Como é que a coragem é derramada no mundo? Através de que portal entra a valentia na nossa dimensão? Deus? Sim e não. Deus pode dar estofos, sim, mas é demasiado pessoal; não é transmissível aos outros num discurso cívico partilhado. É por isso que vos peço uma coisa: olhem pela janela e reparem nos velhotes que estão a desafiar a quarentena como adolescentes rebeldes, jogando bisca lambida num tempo em que nada pode ser lambido. É verdade que ralho com eles, mas também sei que eles têm uma noção de dor e morte diferente da nossa. Têm outro calo, nasceram e cresceram num tempo em que as epidemias e a morte não eram artefactos arqueológicos. E nós precisamos desse calo histórico. Se não desenvolvermos essa pele mais áspera, vamos cair no colo dos paranoicos que exigirão a nossa liberdade.

Vejam o que se esconde atrás da rebeldia que nos deixa perplexos. Olhem para os vossos pais e avós e encontrem neles aquilo de que precisam. A minha mãe tem pulmões de operária oitocentista. Respirou vinte anos de fumo da fábrica onde montou as entranhas de telefones colossais. Lembram-se? Queimávamos três ou quatro calorias quando marcávamos o número. Tem “pulmões de tísica”, dizia um médico. Está na primeira linha de potenciais baixas da covid. Está fechada na quinta, mas, apesar do medo, mantém uma bonomia que me desarma. Teve fome. Teve frio. Malteses, com revólver no cós das calças, roubaram-lhe comida. Auxiliando a mãe tuberculosa, foi várias vezes à secção tísica do Hospital de Santiago, onde viu coisas que não posso aqui expor, visto que o Expresso ainda não tem bolinha vermelha no canto superior direito (o meu canto, curiosamente). A

Tenhamos calma e coragem. Isto não é o fim do mundo nem tem de ser o fim do nosso mundo

sua bonomia não é inconsciência, é a coragem de quem viveu muito, de quem sabe que uma quarentena com supermercados cheios não é o verdadeiro teste da minha geração, de quem conhece a finitude do controlo humano sobre as coisas. Os meus caros amigos aí em casa também têm mães ou avós assim. Destilem a rebeldia até encontrarem a coragem.

Também têm com certeza pais e avós como o meu velho, que aos 12 anos já tinha visto ao vivo e a cores a maior tragédia do século XX português, as cheias de 67, que massacraram os bairros clandestinos às portas de Lisboa. As minhas cheias, as de 83, assustaram-me, lembro-me do sopro atroz do regato do bairro transformado numa monção barrenta. Só morreram, porém, duas ou três pessoas. As cheias do meu pai mataram 500, 700, talvez 1000, ninguém sabe, éramos clandestinos e clandestinos ficámos. Fez-se homem. Levantou a empresa que me permitiu estudar e estar aqui. Em 2012, enfrentou a humilhação da derrota, a falência. Mas, com a calma corajosa de sempre, reagrupou-se e agora vive num idílio campestre onde ancorou uma esperança renovada. Não vai ser esta epidemia historicamente moderada que lhe vai roubar a esperança. Até porque ele sabe como foi a infância do seu pai, o meu avô, que viveu a gripe espanhola. E, agora que penso nisso, o meu avô foi muito provavelmente um dos milhares de órfãos (de pai e mãe) da gripe espanhola.

Tenhamos calma e coragem. Isto não é o fim do mundo nem tem de ser o fim do nosso mundo.

Advogado e antigo deputado do CDS-PP

O momento do bloco central

Diogo Feio

No dia seguinte às eleições de outubro defendi a necessidade de se construir um acordo de oposição ao Governo do PS. Esse acordo simbolizaria a construção de um programa político alternativo, defensor das empresas como motor do crescimento económico e da aposta orçamental em serviços públicos robustos, sobretudo na área da saúde, como forma de proteção dos mais desfavorecidos. Considerava que era essencial abandonar o discurso centrado na disciplina orçamental, de modo a ultrapassar a bandeira que quanto a “contas certas” o PS assumira.

Parecia-me que quatro anos era tempo suficiente para construir um programa que, representando o centro e a direita, pudesse ser apresentado numa lógica comum de frente eleitoral para as próximas eleições. Tal como defendo essa posição, que me parece estrutural em condições de normalidade, entendo que devo defender a necessidade imperiosa de uma outra — a existência de um bloco central — perante a atual situação social, que é, pelo contrário, muito excepcional.

Basta recuarmos um pouco para nos lembrarmos da última situação de urgência que Portugal viveu, por altura da *troika*, e da defesa de um Governo que envolvesse PSD,

PS e CDS, que apenas não sucedeu por hesitações por parte do PS. A gravidade da situação de então era suficientemente indutora de uma solução deste tipo. A emergência atual é — sob qualquer ângulo — incomparável.

Hoje, os cidadãos necessitam, mais que nunca, de um Estado forte para os defender perante uma crise sanitária de escala global e uma recessão que apenas num ano pode ultrapassar o acumulado em todos os anos da crise financeira.

Numa altura em que, genericamente, as opiniões públicas apoiam os seus Governos, é necessário que os mesmos sejam formatados numa lógica de salvação nacional. Em que se junte a experiência na resolução de situações graves, como, por exemplo, a da *troika*, com a necessidade de acautelar os problemas atuais.

Neste preciso momento, as soluções radicais, mais do que nunca, são insustentáveis. As sociedades dispõem fantasias populistas, memorizações de uma situação grave ou o egoísmo perante as necessárias soluções globais.

Somente com uma posição política e partidariamente fortalecida, baseada num amplo apoio político, Portugal conseguirá pressionar a União Europeia para que esta assuma a necessidade de posições comuns, seja na compra de material médico, seja na construção de um sistema de *eurobonds*, ou na determinação

de enorme injeção geral de recursos necessária para a tesouraria das empresas e cidadãos. Só com uma solução de amplo consenso será possível influenciar a União Europeia para que esta dê uma prova de vida.

No plano interno, para além da ordenação do combate à epidemia (sendo de aplaudir as intervenções de Rui Rio na Assembleia da República), será necessário buscar um patamar de ressurgimento da vida comunitária. É vital desenhar, através de um novo desenho orçamental, um plano de recuperação. Esta é uma fase em que naturalmente existirá sofrimento e medidas de relançamento, e não poderá haver atrasos ou negociações demoradas com representantes de políticas mais extremadas.

Espero que as direções do PS e do PSD percebam, independentemente da sua formatação governativa ou meramente parlamentar, a urgência de um bloco central aberto a quem mais nele queira participar. Com todos os riscos que o mesmo encerra, trata-se da melhor solução para Portugal. Não entender isto será um erro grave, que o espaço político da moderação pagará. Ninguém duvida que passada a difícil fase de combate ao vírus e chegado o seu recuo existirão consequências económicas extremas, em que apenas um bloco central conseguirá dar eficácia às medidas necessárias e à construção de um muro que poderá conter os extremismos populistas.

Opinião

Vice-presidente executivo da Comissão Europeia

Firmes na crise

Valdis Dombrovskis

Ao longo da história, as pandemias têm flagelado civilizações. Esta alastrou a uma velocidade estonteante, criando uma grave emergência de saúde pública e abalando as economias da Europa e do mundo.

Mesmo se conseguirmos abrandar a propagação do vírus — é o nosso maior desejo —, a economia vai demorar a recuperar. Tempos excepcionais exigem solidariedade e apoio excepcionais. Estamos a reagir rapidamente para aliviar o golpe.

As nossas prioridades são garantir que os sistemas de saúde dispõem de tudo o que necessitam, que as empresas têm liquidez suficiente e que os trabalhadores mantêm empregos e rendimento.

Estamos a usar plenamente a flexibilidade das regras orçamentais da UE para ajudar os governos nacionais a atuarem decisivamente. Ativámos a cláusula de derrogação de âmbito geral do Pacto de Estabilidade e Crescimento para que as autoridades nacionais possam fazer tudo para apoiar sistemas de saúde, empresas e trabalhadores. E já estão a fazer muito: as medidas de apoio orçamental representam cerca de 2,2% do PIB da UE-27 e o apoio à liquidez 13,7% do PIB da UE.

Na saúde, concentramo-nos em disponibilizar equipamento médico onde é mais necessário, adquirindo-o em conjunto e

mantendo a livre circulação de mercadorias no mercado único. Financiamos investigação para desenvolver uma vacina. Para que as empresas continuem a funcionar, a Comissão Europeia trabalha em todas as frentes para lhes proporcionar um alívio de tesouraria imediato e garantir a manutenção da capacidade produtiva.

Significa isto que o orçamento da UE deve ser usado de forma plena e flexível para apoiar empresas e trabalhadores, dando resposta às dificuldades de liquidez, em particular, das PME.

A nossa iniciativa de investimento de resposta ao coronavírus disponibiliza 37 mil milhões de euros para ajudar sistemas de saúde, PME, trabalhadores e sectores vulneráveis da economia. A este montante podem ainda juntar-se 28 mil milhões de euros em fundos da UE que ainda não estão afetados.

Estamos a alterar as regras relativas aos fundos estruturais, para que os governos nacionais tenham toda a flexibilidade na sua utilização.

O Fundo Europeu de Investimento poderá incentivar os bancos a fornecerem liquidez, o que deve permitir dispor de cerca de 8 mil milhões de euros de financiamento para pelo menos 100 mil PME e empresas de média capitalização. O Banco Europeu de Investimento libertará mais 20 mil milhões de euros em empréstimos de capital de exploração às PME.

No total, o financiamento a nível da UE já ascende a 93 mil

milhões de euros — e trabalhamos para que seja ainda mais.

Os devedores afetados pela pandemia beneficiarão de uma “moratória de crédito” para diferir o pagamento dos empréstimos e reduzir a pressão financeira.

Há mais: ativámos um Quadro Temporário para os auxílios estatais a fim de garantir que as empresas dispõem de liquidez para se manterem em funcionamento e conservarem os seus trabalhadores. Portugal já beneficiou desta medida. A Comissão aprovou quatro regimes, no montante total de 3 mil milhões de euros, sob a forma de garantias para as PME e as empresas de média capitalização portuguesas em sectores como o turismo, a restauração e as indústrias extrativas e transformadoras.

Neste momento, a Europa precisa deste arsenal de medidas financeiras. Embora o seu alcance já seja significativo, iremos mais longe se necessário.

Contribuiremos para o trabalho dos ministros das Finanças da UE sobre novas medidas que vão guiar as nossas economias nestes tempos difíceis. Utilizaremos todos os instrumentos à nossa disposição e careceremos da total aceitação política dessas medidas. Também ajudaremos a desenvolver uma estratégia coordenada para a recuperação económica após o fim da pandemia.

Trata-se, acima de tudo, da solidariedade, da cooperação e da unidade da Europa.

Cartas da semana

Os originais das cartas não devem ter mais de 150 palavras, reservando-se a Redação o direito de as condensar. Os autores devem identificar-se indicando o nº do B.I., a morada e o nº do telefone. Não devolvemos documentos que nos sejam remetidos. As cartas também podem ser publicadas na edição online.

Para contacto:
Cartas@expresso.imprensa.pt

Especulação em tempo de dor e de lágrimas

É um crime o que alguns comerciantes estão a fazer, com aumentos astronómicos de alguns produtos, casos do álcool, do gel para as mãos, das luvas e das máscaras. Em estado de emergência, é obrigação do Governo fazer leis muito duras para punir esses autênticos assassinos numa sociedade em que todos têm o dever de ser solidários e estar unidos no sofrimento de milhares de concidadãos.

MANUEL ALVES, Lisboa

Sondagens são sondagens...

O país atravessa uma gravíssima crise sanitária, mas as sondagens vindas a público dão para refletir. Obviamente que o partido do Governo, o PS, é o que reforça a sua posição de líder (31,4%). Logo a seguir, o PSD baixa para 21,9%, pois o seu líder, Rui Rio, com altos e baixos, mais baixos do que

altos, não consegue subir. Mas o que custa a acreditar e passa a ser um aviso para a esquerda, principalmente a radicalista, é o Chega, de André Ventura, ter tido uma subida de 6,9%, para 8,6%. A CDU, de Jerónimo de Sousa — que me desculpe este carismático líder, que deve urgentemente fazer a sua “Festa de Despedida” —, obtém apenas 6,3%. Outra grande realidade é o CDS, de dia para dia a ‘desaparecer’, a menos que o seu novo líder, Francisco Santos, o renove. Quanto ao Livre e ao Iniciativa Liberal, mais dia menos dia as suas cadeiras da sala da Assembleia da República ficarão vazias.

TOMAZ ALBUQUERQUE, Lisboa

Apoios às empresas

O Governo anunciou a abertura de uma linha de crédito de 3 mil milhões de euros para as empresas e a possibilidade de estas adiarem o pagamento de 2/3 das contribuições para a Segurança Social e o IRC. As medidas pecam por escassas e podem não cobrir os danos causados pela pandemia. Desde logo, só podem recorrer a estes apoios as empresas que registaram no ano passado uma posição líquida positiva, o que pode acabar por excluir algumas organizações, sobretudo aquelas que mais precisam de apoio. Além disso, o processo de adesão é de uma complexidade que exige o recurso a técnicos qualificados,

que não estão disponíveis nas sociedades de menor dimensão. Por outro lado, o próprio adiamento do pagamento dos impostos/contribuições para o segundo semestre pode implicar uma sobrecarga fiscal e tributária no final do ano insuportável para empresas que ainda estarão a recuperar das quebras dos seus negócios. Quanto às moratórias para o pagamento de dívidas bancárias, estas ficam dependentes da arbitrariedade das instituições bancárias, que tenderão a ser mais cooperantes com os clientes mais seguros — e menos precisas — e mais agressivas com os mais débeis. Por último, de referir que o processo burocrático de recurso às linhas de crédito pode durar mais de três meses...

JOÃO ANTÓNIO DO POÇO RAMOS, Póvoa de Varzim

A pandemia e o turismo

Além dos efeitos de ordem sanitária, colocam-se problemas de gravidade ainda incalculável no que respeita às consequências económicas. Neste contexto, choca-me ouvir pessoas que decidiram, já de posse de vasta informação, com toda a leveza, sair de férias por cruzeiro ou outros meios virem exigir que lhes arranjam rápidas soluções que em segurança as conduzam a casa.

MARIA MADALENA MARQUES MARTINS FALCÃO, Cascais

In Memoriam

1921-2020 Viúva do ditador albanês Enver Hoxha, era a última sobrevivente de uma galeria de mulheres de chefes absolutos

Nexhmije Hoxha

José Cutileiro

Nexhmije Xhuglini Hoxha, viúva do ditador albanês Enver Hoxha, do tempo da Guerra Fria, que morreu de velhice na sua casa dos arredores de Tirana há pouco mais de um mês (26 de Fevereiro), anos depois de ter sido libertada de curta pena de prisão por crime menor que provavelmente nem sequer cometera (fazer o Estado pagar por algumas dúzias de copos para a recepção que oferecera), era provavelmente a última sobrevivente de uma galeria de mulheres de chefes absolutos marxisto-leninistas que não só partilharam os destinos ímpares dos seus maridos — idealismo juvenil convicto, determinação e coragem na luta pelo poder, controle absoluto deste uma vez conquistado, tratamento indecente, criminoso mesmo, de adversários políticos primeiro e do público em geral depois, sentido permanente de missão — como muitas vezes os completaram com preferências próprias, no caso de Nexhmije Hoxha um interesse genuíno, embora sempre ligado ao seu prestígio pessoal, pela situação da mulher. (Graças ao celibato de António de Oliveira Salazar, nós, portugueses, escapámos a passagem assim, mas também as houve à direita, sem espírito messiânico comparável — salvo talvez, guardadas as devidas proporções, no caso de D. Cármen Franco —, com Imelda Marcos a provocar os casos predilectos das revistas a cores. Isto sem falar de poder político e sexo na Índia, no Paquistão, no Bangladesh, que nos levaria por outros e bem diversos caminhos.)

Nexhmije nascera de família albanesa muçulmana no que é hoje a República da Macedónia do Norte (Estado que, com a dissolução da Jugoslávia, se quisera chamar Macedónia, mas por oposição grega tivera de procurar alternativa; a busca, por oposições de uns e de outros, acabaria por só encontrar solução quase 20 anos depois. Os Balcãs são os Balcãs.) Desde



muito nova se dedicara à política, com intensidade, inteligência e fins específicos, dentro do paraíso da terra a dar aos seus: chegada ao poder, abolição do véu e promovera mudanças em leis e costumes codificados, libertando a mulher albanesa de pesos e servidões ancestrais. Na luta contra o nazismo e o fascismo dos anos da guerra conheceu Herver Hoxha, chefe dos comunistas albaneses, 13 anos mais velho do que ela, e, quando a guerra acabou, mandavam os dois numa Albânia alinhada com

Na luta contra o nazismo dos anos da guerra conheceu Herver Hoxha, chefe dos comunistas albaneses

Moscovo — ela própria dirigia instituto todo-poderoso e participava na direcção da polícia política. A certa altura, contra um país paupérrimo, ela e o marido tinham várias casas além da residência oficial e, dizia-se, 25 frigoríficos, 28 televisões a cores e 19 linhas telefónicas directas — para não falar de *foie gras*, vinhos e médicos franceses.

As boas relações com Moscovo duraram pouco: ao corte com a URSS seguiu-se o corte com a China, deixando a Albânia em circunstâncias únicas, o seu Governo em permanente es-

tado paranóide (como se sabe, ainda hoje o campo está semeado de microabrigos atómicos obsoletos e de postes armados no topo contra a aterragem de pára-quedistas), com detenções e desaparecimentos constantes de dissidentes, mais por razões pessoais e tribais do que ideológicas, tendo ela própria ditado algumas, mesmo já viúva, pois Hoxha fora sucedido por discípulo solícito. Depois, lutas de palácio levaram-na à cadeia, e não era mostrável quando visitei oficialmente a Albânia, em 1998. O primeiro-ministro, jovem promissor do antigo regime, passara a social-democrata; ficámos na residência oficial de Hoxha e o membro da comitiva que jantara fora no quadro da visita confrontara no regresso armas engatilhadas e exame pidesco do passaporte.

Estima-se que cerca de seis mil pessoas foram eliminadas pelo regime de Hoxha, mas, apesar de a Albânia ter entrado na OTAN em 2009, só desde o ano passado se investiga oficialmente a matéria, tendo-se identificado vítimas e localizações de valas comuns.

Nexhmije, que mandou matar e prender opositores e filhos destes, insistiu até ao fim nada ter feito de indevido ou injusto. Tudo por bem.

José Cutileiro
escreve de acordo
com a antiga ortografia

OBITUÁRIO



Albert Uderzo

1927-2020 Desenhador francês, formou com René Goscinny a dupla mais famosa e talentosa da história da banda desenhada. Os dois conheceram-se no início dos anos 50 e criaram, juntos, a personagem Humpapá, um índio de força hercúlea que lutava contra os cowboys. As histórias deste herói foram publicadas na revista “Tintim”. E em 1959, no primeiro número da “Pilote”, outra revista de BD, a dupla publicou “As Aventuras de Tanguy e Laverdure”, um par de aviadores mais cómicos do que heroicos. Nesse número era

também publicada a primeira aventura de Astérix, o gaulês, a personagem que tornaria imortal a dupla Uderzo-Goscinny. Este guerreiro de bigode amarelo era um dos habitantes da última aldeia que resistia ao invasor romano e tornou-se um incrível sucesso mundial, com milhões de livros vendidos e traduções em mais de cem países. O traço leve e as pranchas mais bem desenhadas de sempre de Uderzo eram o complemento perfeito para o humor inteligente de Goscinny, e a dupla publicaria dezenas de volumes até à morte do argumentista. Uderzo continuaria com a personagem até 2005. Os livros perderam algum brilho, mas nunca se tornaram maus. A partir de 2013, Astérix seria entregue a outra dupla, Ferri-Conrad, que escreveu quatro histórias. Antes de morrer, Uderzo avisou que a personagem morreria consigo. Dia 24, de problemas respiratórios.

● Kenny Rogers (1938-2020), cantor americano, era uma estrela da música country, mas imortalizou-se com o *slow* romântico “We’ve Got Tonight”, em dueto com Sheena Easton. Dia 20, de causas não reveladas. ● Michel Hidalgo (1933-2020), futebolista e treinador francês, destacou-se à frente da seleção capitaneada por Platini. Alcançou as meias-finais do Mundial 82 e o título europeu em 84, depois de eliminar Portugal. Dia 26, de problemas respiratórios. ● João Gomes (1934-2020), político e jornalista, foi um dos fundadores do PS. Dirigiu o “DN” e o “Portugal Hoje” e foi professor universitário. Antes do 25 de Abril, participou na Revolta da Sé e esteve preso no Aljube e em Caxias. Dia 24, de causas não reveladas. ● Roger Mayweather (1961-2020), pugilista e treinador, levou o sobrinho Floyd Mayweather ao título mundial e ao palmarés único de 51 vitórias e zero derrotas. Dia 24, de falência renal.

TRIBUNA CLUBES



As transações entre Benfica SGPS, SAD e Estádio fizeram a CMVM chumbar a OPA FOTO TIAGO MIRANDA

Tensão Mesmo sabendo da intenção de chumbo da OPA, o Benfica avançou para o pedido de retirada da OPA devido à covid-19

BENFICA QUER DECISÃO QUE CMVM NUNCA TOMOU

Textos **DIOGO CAVALEIRO**

O Benfica pediu à Comissão do Mercado de Valores Mobiliários (CMVM) para que a oferta pública de aquisição (OPA) que lançou sobre a sua sociedade anónima desportiva (SAD) caia, não por um chumbo mas sim pela sua retirada voluntária, devido à “alteração das circunstâncias” por conta da covid-19. Só que esta é uma decisão que nunca foi tomada pelo regulador do mercado de capitais. E que, na verdade, obriga a uma análise aprofundada sobre quais os motivos que levaram ao lançamento da OPA.

Neste momento, o clube presidido por Luís Filipe Vieira está nas mãos da CMVM em dois campos: o chumbo da OPA ou a sua eventual revogação a pedido.

No primeiro caso, o regulador, presidido por Gabriela Figueiredo Dias, decidiu que a operação — através da qual a Sport Lisboa e Benfica SGPS iria aumentar a posição na SAD de 67% até 95% — deveria ser chumbada devido à forma como o clube se iria financiar. O Benfica tem espaço para responder a esta posição, e até para resolver os vícios detetados, e já disse que vai contestar o entendimento da autoridade dos mercados financeiros. Só que a decisão final cabe mesmo à CMVM.

O segundo campo é a revogação a pedido do Benfica. Mais uma vez, é ao regulador que cabe a avaliação. Já sabendo da decisão preliminar de chumbo da OPA, as águias fizeram um comunicado em que anunciavam ter entregue um requerimento de autorização para revogação da oferta. Ou seja, querem retirá-la de cima da mesa. A razão passa pela “alteração das circunstâncias determinadas pela pandemia associada ao novo coronavírus covid-19 e os impactos da mesma, diretos e indiretos”.

O Benfica remete para um artigo do Código de Valores Mobiliários (128º)

que rege esta justificação: “Em caso de alteração imprevisível e substancial das circunstâncias que, de modo cognoscível pelos destinatários, hajam fundamento a decisão de lançamento da oferta, excedendo os riscos a esta inerentes, pode o oferente, em prazo razoável e mediante autorização da CMVM, modificar a oferta ou revogá-la.”

Ora, o regulador vai ter agora de olhar para a anunciada “decisão de lançamento da oferta” e verificar se esta pode ser retirada à luz dos efeitos da covid-19. O Benfica foi sempre explicando que a operação servia, entre outros aspetos, para evitar a entrada de investidores hostis que viessem colocar problemas na relação entre o clube e a sua SAD e, quanto aos €5 que eram oferecidos, explicava que permitiam que quem adquiriu os títulos na estreia da SAD conseguisse recuperar o investimento.

O trabalho da CMVM será averiguar se tudo isto se modifica tendo em conta os efeitos da covid-19, também sabendo que, no anúncio preliminar, de novembro, o Benfica tinha já escrito que o lançamento da oferta ocorria caso não houvesse um “qualquer evento ou circunstância” que não fosse por si causado e que tivesse “impacto significativo desfavorável na situação patrimonial, económica e financeira”.

Benfica diz já sentir efeitos

Neste contexto, e num dos comunicados desta semana, o Benfica comunicou publicamente que está já a sentir efeitos

BENFICA JÁ ASSUME QUE VAI TER DE REDUZIR CUSTOS E DE ANALISAR AS TRANSAÇÕES DE ATLETAS DEVIDO À PANDEMIA DE COVID-19

da covid-19, nomeadamente por não receber nem receitas de bilheteira nem de transmissões televisivas. Daí que tenha referido que é “previsível a redução de custos e despesas não indispensáveis ao desenvolvimento” da sua atividade e que os investimentos projetados têm de ser repensados. Além disso, revelou que “as transações de atletas serão analisadas muito cuidadosamente”.

O que é certo é que a revogação de uma OPA à luz da “alteração das circunstâncias” nunca aconteceu, segundo os registos da CMVM.

Há ainda uma incerteza, porque, na autoridade de supervisão, há então dois caminhos a seguir: o chumbo da OPA ou a aceitação da revogação. Ao Expresso, o regulador não quis responder se há prazos que podem obrigar a tomar decisões num dos campos antes do outro. O que se sabe é que o chumbo foi tornado público antes do pedido para a retirada da oferta por parte do Benfica.

Seja como for, o clube da Luz já veio dizer, através de fonte oficial à Lusa, logo no início da semana, que a ida para os tribunais é uma possibilidade neste diferendo com a CMVM.

Mas as consequências podem não ficar por aqui. A suspensão das ações da SAD no início da semana ocorreu porque a CMVM considerou que havia informações que tinham de ser dadas ao mercado sobre as transações entre a SAD, a SGPS e a Benfica Estádio, que serviriam para financiar a OPA. O atraso na divulgação das transações é um dos aspetos que o regulador costuma analisar no âmbito do seu trabalho de supervisão e que poderá levar à abertura de procedimentos contraordenacionais, como noticiou a TVI quando revelou, em primeira mão, o chumbo da OPA.

Este não é o único tema. Os relatórios da SAD nunca mencionaram os negócios entre Luís Filipe Vieira e José António dos Santos, o maior acionista individual. Depois de o Expresso os ter revelado, o relatório do primeiro semestre já tinha essa menção.

dcavaleiro@expresso.imprensa.pt

OS ARGUMENTOS

BENFICA

■ **Informação** Embora não tenha divulgado como iria financiar a OPA em novembro, quando anunciou a intenção da oferta sobre a SAD, o clube revelou o modelo à CMVM em dezembro

Operações

A Benfica SAD passou a Benfica Estádio para a Benfica SGPS, por €99 milhões, a pagar em 25 anos, e a operação foi comunicada publicamente

Irregularidade

As transações dentro do grupo tinham justificação e fundamento económico por si, não tendo como finalidade financiar a OPA

Decisão

Não há assistência financeira. Algumas das operações até têm mais de 15 anos e todas têm sentido de negócio

Consequência

O Benfica pode propor outro modelo de financiamento e fazer a sua defesa, contestando o entendimento da CMVM. Entregará esta última posição

Revogação

Porém, independentemente do chumbo, o clube apresentou um pedido para que a OPA caia por “alteração das circunstâncias” devido à covid-19

Circunstâncias

O Benfica revelou esta semana que a sua atividade já sente consequências da pandemia e que terá de cortar custos e de pôr um travão à transação de atletas

CMVM

Informação

O Benfica não divulgou ao mercado atempadamente o modelo definido para financiar a OPA, tendo sido obrigado a que essa comunicação tenha acontecido esta semana

Operações

As transações dentro do Grupo Benfica, como a revisão das rendas a pagar pela SAD à Benfica Estádio, não foram divulgadas publicamente

Irregularidade

As operações feitas visavam assegurar que a SAD pagasse à Benfica Estádio para esta pagar à Benfica SGPS, que, com esse dinheiro, iria financiar a OPA sobre a SAD

Decisão

Havendo esta assistência financeira (o alvo da OPA estar a financiar quem está a lançar a oferta), o chumbo é a decisão a tomar

Consequência

Recebendo a posição do Benfica, a CMVM tem de analisar os seus argumentos e decidir se há ou não motivos para a sua decisão inicial

Revogação

O regulador recebeu este pedido — na mesma semana em que a Cofina também o fez em relação à OPA sobre a Media Capital —, mas nunca houve decisão favorável

Circunstâncias

A CMVM terá de verificar se essa “alteração das circunstâncias” referida pelo Benfica se justifica e se tem impacto nos motivos que levaram à oferta



VAI FICAR TUDO BEM Uma corrente telefónica diária com histórias, conselhos e desejos para ajudar a suportar esta quarentena



EIXO DO MAL “António Costa está a trabalhar para a História e não para a reeleição.” Daniel Oliveira considera que o primeiro-ministro cometeu um erro inicial, ao mostrar o seu “otimismo irritante”, mas depois corrigiu. Análise às mais recentes notícias relacionadas com a covid-19 e à prestação dos políticos portugueses em tempos de pandemia



MONEY MONEY MONEY #26: Até onde pode ir e quanto tempo durará esta crise? Numa semana, 3,3 milhões de pedidos de desemprego nos EUA. Por cá, o Banco de Portugal reviu os valores do crescimento colocando em cima da mesa dois cenários para a evolução da economia portuguesa. Até onde pode ir e quanto tempo durará esta crise?



POSTO EMISSOR #10: Blitz convida Miguel Araújo. Das neuras da quarentena ao novo álbum dos Pearl Jam. Como entreter a prole durante o isolamento em casa, das perdas brutais dos artistas em tempos de covid-19, mas também de canções capazes de mudar a forma como olhamos para o mundo



GOVERNO SOMBRA Em tempos excepcionais, medidas excepcionais. O Governo Sombra apresenta um Diário da Emergência para analisar as notícias do dia sobre a covid-19. Um gabinete de crise constituído por Ricardo A. Pereira, Pedro Mexia, João M. Tavares e Carlos Vaz Marques, que à sexta-feira à noite se encontram na SIC

PODCASTS EXPRESSO

Manuel Lemos Peixoto Terapeuta familiar



FOTO GETTY IMAGES

BERNARDO MENDONÇA

Com o seu humor particular, o terapeuta familiar Manuel Lemos Peixoto, que foi durante anos presidente da Sociedade Portuguesa de Terapia Familiar, apresenta-se como alguém que, pessoalmente, é “um especialista... em relações fracassadas”. Logo, garante saber bem o que não se deve fazer numa relação amorosa. Em tempos de guerra contra o vírus da covid-19, em tempos de estado de emergência, em que os contactos físicos com os outros são para evitar ao máximo e em que as recomendações das autoridades de saúde e as ordens do Governo obrigam a que as pessoas adotem rigorosas medidas de higiene e só saiam de casa em situações excepcionais, como fica o desejo e a intimidade entre casais, ou solteiros em busca de parceiro ou parceira, quando o medo da doença e da morte anda por aí no meio de todos nós? Este é um terreno fértil para a crise no amor, na paixão e sexualidade? Eis parte da conversa que pode ouvir por inteiro no *podcast* “A Beleza das Pequenas Coisas”.

A maioria dos portugueses está confinada em casa. Vão sair daqui muitas crises e divórcios?

Divórcios, não sei. Crises, seguramente muitas. A crise é prenúncio de qualquer coisa. Ou parte, ou racha, ou se cura. A palavra crise em chinês escreve-se com dois subsímbolos, um representa “perigo” e outro representa “oportunidade”. Temos uma civilização já milenar que entende a crise como oportunidade para a mudança.

A mudança de rotinas pode ser um rastilho para discussões, afastamentos?

Esta simples situação de confinamento obriga a uma alteração total das

“Depois do isolamento, será a grande festa”

tarefas domésticas, das rotinas e do papel de cada um. Só isso já é motivo de conflito e mudança. Há casais que estão a viver grandes oportunidades, estão a partilhar momentos que não partilhavam há muito, estão com os filhos como não estavam antes, e isto até está a fazê-los pensar no estilo de vida que querem daqui para a frente. E depois há os outros casais que tendencialmente já estão numa situação mais tensa e nestes momentos sentem grande dificuldade em partilhar todo o dia um com o outro.

É um teste para os casais?

Seguramente. Se a estrutura é boa, aguenta-se. Se a estrutura não é assim tão boa, vão ter dificuldades.

O medo da doença pode mexer com as dinâmicas dos casais. Chegou a contar-me que na sua consulta tem seguido um casal em que, neste contexto da pandemia, o homem andava a evitar a parceira...

Sim. Ele estava preocupado com a situação [da pandemia] e não estava para aí virado, não queria muito cuidar da relação e acabou por criar uma distância sobre ela. Curiosamente, já contactei esse casal e, passado um tempo, tomaram outro rumo mais favorável, porque ele pôde finalmente dedicar-se mais à vida de casal.

Ele estava com medo de ter contacto físico com a parceira — por razões

de prevenção de contágio do novo coronavírus, apesar de nenhum dos dois apresentar sintomas — e ela chegou mesmo a verbalizar o seu desejo: “Vamos fazer amor.” Foi assim?

Exatamente. Não era uma questão de ele ter medo, tinha mais a ver com a [sua] angústia da morte. Que é uma coisa mais destrutiva que aparece nestas alturas, compensada pela parte rica da relação e da dimensão sexual e erótica do casal.

Que conselhos daria aos casais nestes tempos de “guerra”?

As tensões são muitas. Há que ter calma. Aconselho os casais a respeitarem o facto de estarem num espaço confinado e terem cuidado com as palavras. Depois de uma dificuldade ou discussão, reservem um espaço de tempo e de distância, entre 20 minutos e uma hora ou duas. Quando estamos demasiado quentes emocionalmente, pensamos mal. Saem-nos coisas pela boca que não diríamos noutra altura.

É o clássico ‘contar até 10’?

É. Um exercício interessante que gosto de propor aos casais é contro-

larem a respiração e abraçarem-se. Uma das coisas que está a preocupar as pessoas é estarmos em privação sensorial, as pessoas estão habituadas a abraçarem-se e a beijarem-se e, de repente, estão privadas disso. Só o fazem em casal ou entre a família. Mas isto é complicado por duas razões. Quando se pode dar um abraço prolongado e sincronizar respirações, o efeito calmante é extraordinário. Um abraço profundo de 20 segundos pode ser um bom ansiolítico. Há estudos que o dizem.

Os abraços e beijos estão em crise para os solteiros, por exemplo?

Sim, e é complicado. Há pessoas já a queixarem-se disso, que se sentem privadas desse toque. É uma espécie de síndrome hospitalar. Quando apareceram os primeiros casos de sida, os médicos não tocavam naqueles doentes, que começaram a criar alucinações e perturbações da percepção porque não aguentavam não serem tocados e diziam: “Por favor, toquem-me. Preciso de ser tocado.” Todos precisamos do toque e do abraço.

As relações humanas irão alterar-se?

Esta obrigação de as pessoas viverem agora de outra forma, terem um estilo de vida um bocadinho mais calmo e estarem a dedicar [mais] tempo às suas famílias [em teletrabalho] vai com certeza trazer consequências que espero duradouras. Muitos estão

a funcionar num regime ligeiramente mais lento e poderão querer continuar assim.

Depois de semanas ou meses de isolamento social, é possível acontecer uma espécie de “apocalypse now” do desejo, das relações, do sexo? Surgirá uma libertação ou até excesso depois do confinamento?

Vejamos como foi na 2ª Guerra Mundial e o *boom* do pós-guerra, que foi muito interessante. Antes havia a clandestinidade, não se podia conviver normalmente. Tal como foi a seguir à 1ª Guerra Mundial, com os loucos anos 20, que foram a grande festa e um grande *boom*. Um rebotar de coisas novas, uma certa liberalização dos costumes. E agora fala-se de uma guerra, porque a situação é semelhante em termos da vivência. Algo que nos perturba, incomoda e obriga a estar alerta. E cria uma grande tensão e ansiedade nas pessoas.

E quando as pessoas se virem livres disto? Haverá muitas novas paixões, amores e sexo?

Sim. As pessoas vão gritar por todo o lado. Chamar-lhe-ia a grande festa. Haverá um *boom* a todos os níveis. Já se fala de [um novo] *baby boom*...

Se depois da pandemia vão nascer mais bebés, serão os ‘coronials’?

[Risos] É inevitável. A teoria e a História mostram-nos isso. Depois de momentos de caos, há uma reorganização, transformação e grande criatividade. O que já se nota na nossa sociedade. No outro dia fiquei fascinado com um vídeo que explicava como fazer uma máscara com as cuecas do marido. O povo português tem essa qualidade, sabe brincar com aquilo que é sério, que é um sinal de grande saúde mental. O humor salva.

bmendonca@expresso.imprensa.pt



OUÇA A ENTREVISTA COMPLETA NO PODCAST “A BELEZA DAS PEQUENAS COISAS” EM EXPRESSO.PT



Henrique Monteiro

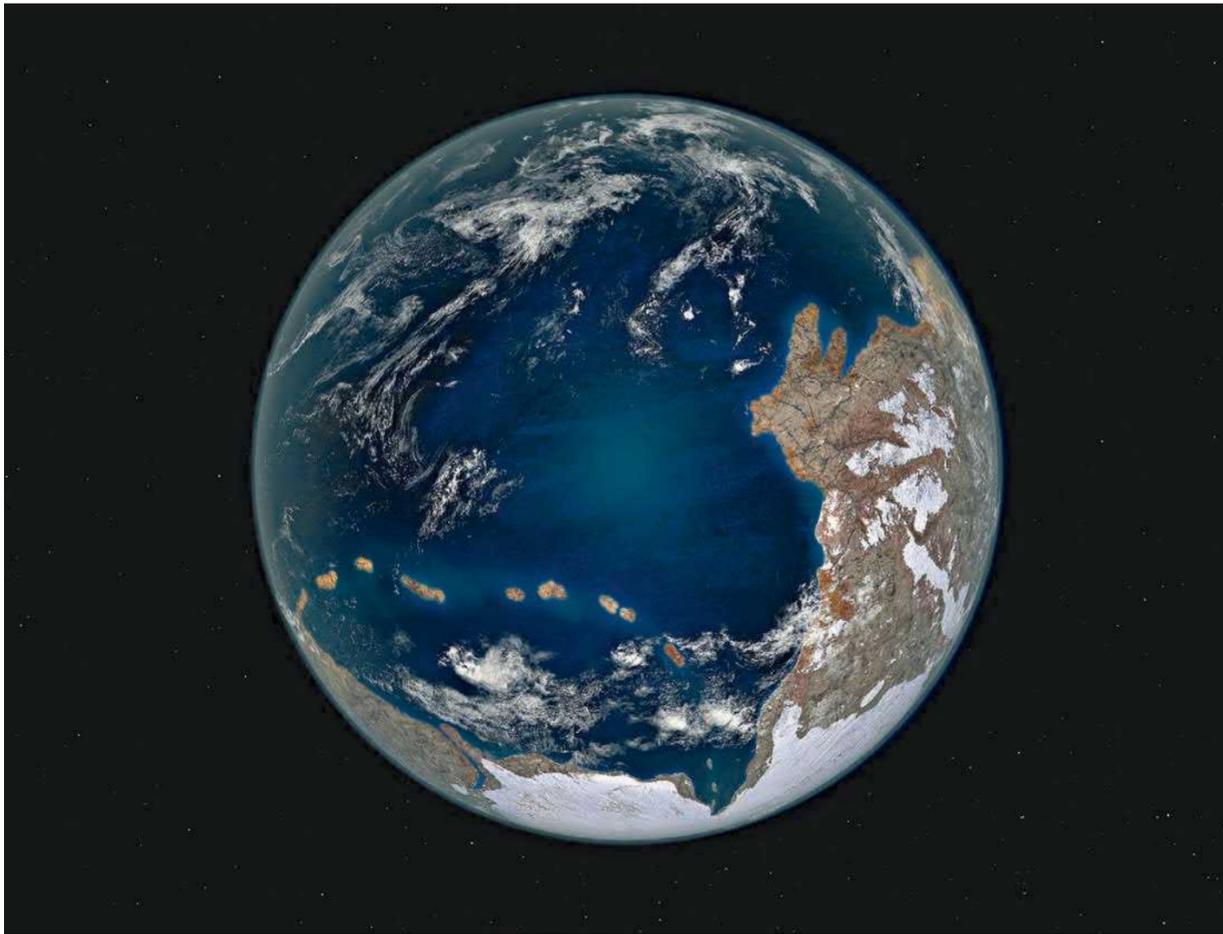


FOTO GETTY IMAGES

REFLEXÕES VIRAIS



PEQUENOS É POUCO

Os vírus medem-se em angström, a unidade de medida comumente utilizada na Física para lidar com grandezas da ordem do átomo. Um angström (nome que homenageia o físico sueco Anders Jonas Angström) equivale a 10 elevado a menos 10 metros, ou seja, 0,000.000.000.1 metros. Pode medir-se em microns, que corresponde a 0,000.001 metros. Ora, um vírus tem, normalmente, entre 0,005 e 0,3 microns (são tamanhos descomunalmente diferentes). Enfim, se supusermos que o coronavírus é de um tamanho médio para vírus, podemos dizer que, na mesma proporção, caso ele tivesse o tamanho de uma bola de ténis, um homem de 1,70 m teria 800 quilómetros, o mesmo que ter os pés em minha casa e a cabeça no Guggenheim de Bilbao.



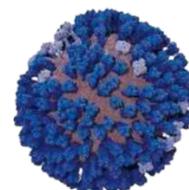
VELHOS E MUITO

Sir David Attenborough tem uma escala própria de idades que ajuda muito a compreender há quanto tempo andam os vírus na Terra. O nosso planeta tem 4,54 mil milhões de anos. É um número que não compreendemos, nem vale a pena escrevê-lo. Por isso, imaginemos que a Terra tinha começado há um ano, o tempo decorrido desde o seu surgimento até agora seria de 365 dias. O primeiro humano (não o *Sapiens*) tinha aparecido às 23h30 do último dia. As plantas existiram desde novembro. Os seres multicelulares desde outubro. E os vírus? Oh! Esses andavam por cá desde março. Ou seja, as plantas, os seres multicelulares, os animais e, finalmente, nós viemos ocupar o espaço deles.



EM TODO O LADO

Num edifício de escritórios dos EUA colocou-se um corante invisível (detetável apenas com laser) na maçaneta de uma porta. A experiência, antes do atual surto de coronavírus, pretendia ver a difusão do influenza (vírus da gripe). Quatro horas após a colocação do corante, verificou-se que este se tinha espalhado por todo o edifício, marcando a maioria dos seus utilizadores, sobretudo os que tinham usado espaços comuns.



MESTRES MUTANTES

Como toda a gente sabe, depois de Darwin o ter demonstrado, os seres vivos vão evoluindo. O homem, desde as versões mais remotas até ao *Sapiens*, foi-se modificando. Mas o que é o tempo para nós e para um vírus? Coisas substancialmente diferentes. Ora acontece que uma geração num vírus pode ter seis ou sete segundos. Isso significa que em muito pouco tempo nosso existe uma variabilidade enorme. As mutações são constantes e dificultam o combate.

ESTAR VIVO NÃO É O CONTRÁRIO DE ESTAR MORTO

Em 2014, um grupo de cientistas franceses encontrou e fez 'renascer' um vírus que estava há 30 mil anos enterrado no *permafrost* (conjunto de terra, gelo e rochas) siberiano. Tinha estado à temperatura média de menos 13,4 graus e, em contacto com um ser vivo, voltou a multiplicar-se. Chamaram-lhe *Pithovirus sibericum*. O mesmo se passou com um vírus encontrado num sarcófago em Alexandria e que se presume ser do período ptolemaico (de há 2000 a 2300 anos).

Os vírus não estão vivos nem mortos, o que contradiz a célebre frase de Lili Caneças. A comunidade científica discute se aquilo é ou não vida — pedaços de ácido nucleico cercado por uma ou mais proteínas; não têm metabolismo, não respiram, não se movem; são inertes como um grão de areia (mas infinitamente mais pequenos). Porém, mesmo 30 mil anos depois, se encontram uma célula, parasitam-na e põem-na a fabricar os seus clones.

Há centenas de milhares de espécies de vírus; até agora

pensa-se que 'apenas' 586 conseguem parasitar mamíferos (os vírus foram descobertos numa planta) e, destes, 'só' 236 parasitam humanos. Em média, uma pessoa vive com 174 espécies de vírus nos seus mais de 30 biliões de células. E tem no organismo 39 biliões de micróbios, ou seja, bactérias, vírus ou fungos.

Em qualquer guerra é importante conhecer o inimigo. E o problema é que deste SARS CoV-2, vulgo coronavírus, não conhecemos quase nada. Exceto os do costume — como Bolsonaro —, sensatamente houve, mais ou menos, a mesma reação em todo o mundo: fugir de um inimigo que não se sabe onde está. A fuga fez-se para as trincheiras, que no essencial são as nossas casas, e aqueles que não obstante

têm de continuar a trabalhar adquiriram proteções, como máscaras, luvas, viseiras, fatos, desinfetantes ou o que for (desde que existam).

Utilizámos aquele que é, na moral de Kant, o primeiro dos imperativos categóricos: agir como se a nossa ação pudesse ser erigida em lei universal. Mais de 1500 milhões de pessoas, um quinto de todas as que há no mundo, estão em casa. Numa espécie de contradição, isolam-se da sociedade para que a sociedade possa sobreviver à ameaça. Todos os dias chegam notícias da frente: mais infetados, mais mortos e, felizmente, mais recuperados. Todos os dias, em manifestações à janela, orações religiosas ou meros pensamentos próprios, agradece-se aos que estão na frente de combate:

médicos, enfermeiros, todo o pessoal de hospitais e centros de saúde; investigadores e cientistas; forças de segurança, condutores de transportes públicos; jornalistas (aqueles que vão aos locais e aos que não dão informação pertinente); tantos que é impossível enumerar...

Numa sociedade em que os valores pareciam perdidos, eis que ressurgem, como o vírus adormecido. Os valores não vivem, a não ser que 'parasitem' o pensamento, as nossas convicções. Hoje, há um consenso sobre algo importante que andava perdido: vale a pena um sacrifício atual em nome do futuro. Com o vírus não há crédito malparado (vives já, infetas depois) ou *offshores*. Ele infeta o príncipe Carlos e o mais desgraçado mendigo. Eis, pois, um desafio para quem está confinado: enquanto os cientistas tentam conhecer o vírus, tentemos nós conhecermo-nos a nós próprios; pensar nas nossas prioridades, na importância que temos para os outros e os outros para nós.

hmonteiroexpresso@gmail.com

Em média, uma pessoa vive com 174 espécies de vírus nos seus mais de 30 biliões de células. E tem no organismo 39 biliões de micróbios, ou seja, bactérias, vírus ou fungos

OS DIAS DA QUARENTENA

GUERRA E PESTE

Albert Camus utilizou "A Peste", um livro de 1947, como metáfora da guerra, o que levou Sartre a achar que tratava os alemães como micróbios. Hoje, usamos a guerra como metáfora da peste, tratando os vírus como exércitos. "Nihil sub sole novum" (nada de novo debaixo do Sol). Já na Bíblia se escreveu esta frase em hebraico — Eclesiastes 1:9 — para completar outra: "O que foi é o que há de ser. E o que foi feito há de ser feito novamente." A nossa sociedade, tão segura de si e da sua tecnologia, aí está refém de um vírus.

NÃO É A ECONOMIA! Diz-se que Deus fez a Economia

para transformar a Meteorologia numa ciência exata. Sim, podemos fazer análises brilhantes, e algumas parecem-no, sobre como vamos superar a crise económica provocada pela pandemia. Mas, até lá, ainda temos de superar a pandemia, que pode ter mais do que uma vaga.

O MAO DA CHINA

Aviso que não acredito nos números fornecidos pelas autoridades chinesas. Bem sei que numa ditadura o confinamento se faz à bala. Mas porque hei de confiar no país que prendeu (se não matou) os primeiros médicos a dar o alerta? Porque não hei de desconfiar quando

o todo-poderoso Xi Jinping fala com Trump para uma unidade no combate à pandemia? Não sou muito pessimista, mas algo me diz que teremos, em breve e de novo, más notícias da China sobre o coronavírus.

OS POBRES

Diz a revista "The Economist" de ontem que a próxima calamidade vai ser quando a pandemia chegar em força a África e à Índia e a outros países em dificuldades. A mesma revista que chama BolsoNero ao Presidente brasileiro, tendo em conta a sua inacreditável atuação, diz que vai ser do interesse dos mais ricos serem generosos na

ajuda aos mais pobres. E recorda que a China (que até já a Itália ajudou) vai seguramente entrar nessa ajuda com grandes recursos. É preciso pensar global e localmente ao mesmo tempo, diz a "The Economist". E, já agora, a revista podia fazer uma edição especial para holandeses e outros que na UE não percebem que (na devida proporção) também há ricos e pobres.

AJUDA FALSIFICADA

Não aproveito para dizer que vai tudo mal nas terras do Império do Meio. Mas manda a verdade dizer que os testes para a covid-19 que a Espanha comprou à China

funcionavam mal, segundo informaram tanto o madrilenho "El País" como o catalão "La Vanguardia". Ontem mesmo, os responsáveis da Saúde de Madrid devolveram à chinesa Bioeasy o primeiro lote de testes rápidos, já que os 9000 até agora usados eram pouco fiáveis. Sim, também há negócios obscuros com a pandemia.

O PARLAMENTO

Ao contrário do futebol, o Parlamento ainda funciona. Podemos perguntar para quê? Mas o certo é que as melhores intervenções políticas do PS e do PSD foram feitas nesta altura de crise. Costa e Rio estiveram bem. E isto é raro, digo eu.



Não há nada tão paciente neste mundo como um vírus à espera de um hospedeiro

Seanan McGuire (nome literário Mira Grant), nascida em 1978 e autora da premiada trilogia "Parasitologia"

Ricardo Costa



UM PEQUENO CONTO HOLANDÊS

1 Quando a epidemia alastrou no continente europeu, o primeiro-ministro holandês foi dos poucos que continuaram a apertar a mão a quem estava com ele. As imagens de um cumprimento forçado numa cerimónia pública ficaram célebres. Tal como a permissão das autoridades holandesas para as viagens de finalistas, que continuaram a rumar aos Alpes, quando quase todos os países já as proibiam ou desaconselhavam.

2. No fim de semana, as autoridades belgas, sobretudo as dos municípios fronteiriços, queixaram-se do comportamento holandês, pela gestão permissiva das regras de circulação pública e confinamento social. Ir passear em grupo e atestar o depósito à Bélgica foi um desporto popular.

3. Na semana passada, o ministro da Saúde holandês demitiu-se, horas depois de ter desmaiado durante um debate parlamentar. A política em Haia obriga a compromissos entre partidos, que estão sob fogo de forças populistas em ascensão. Muito do

Depois da saúde e da economia, chegarão as crises políticas. A Europa deve perceber isso para não entrar noutra ciclo infernal

discurso de partidos do centro deve ser visto nesta perspetiva. A demissão não foi apenas uma derrota pessoal. Foi um falhanço da política de saúde pública adotada. Ontem, os Países Baixos registavam 434 mortos e já tinham pedido ajuda à Bélgica para receber alguns doentes.

4. Mesmo num momento de crise conjunta, os governantes dos Países Baixos continuam a ser contra a emissão de dívida comum, as chamadas *coronabonds*, com risco mutualizado. Ter esta posição numa pandemia é um erro grave. Nesta crise não há qualquer risco moral assacável aos países do Sul.

É verdade que o Mecanismo Europeu de Estabilidade (MEE) pode ser usado em vez das *coronabonds* e de forma imediata. Nisso os holandeses têm razão. Mas o mecanismo de resgate foi criado para outros fins e deveria ser guardado para isso. Se não houver outra solução, então que se use o MEE. Mas esta era a oportunidade certa para Bruxelas e em particular a zona euro darem respostas rápidas a um desafio sem precedentes. O BCE deu o passo que tinha de dar, mas ficou a falar sozinho.

5. É inevitável que depois de uma crise de saúde e de uma brutal crise económica, cheguem as crises políticas. Serão diferentes de país para país, mas inescapáveis. Com populistas como Geert Wilders e Thierry Baudet, treinados a explorar os males que chegam de fora, a Holanda é um dos palcos preferenciais para mudanças preferenciais. Até por isso, ganhava muito em perceber o que é um problema europeu. Ainda não foi desta.

rcosta@expresso.imprensa.pt

e ainda...



Benfica
Multas e OPA nas mãos da CMVM P37 e E2



Malcolm Gladwell
Entrevista ao autor de "Falar com Desconhecidos" R16



Reportagem
Ser homem em Portugal, hoje R42

Matemático diz que há 47 mil infetados

Segundo cálculos de Jorge Buescu, número de casos "invisíveis" é dez vezes maior do que os já confirmados

Sexta-feira, a Direção-Geral da Saúde (DGS) divulgou um total de 4268 infetados pelo novo coronavírus em Portugal, mas o professor de Matemática da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa Jorge Buescu estima que, na realidade, haja pelo menos 47 mil pessoas com covid-19 no país. O cálculo foi feito depois de analisar os dados em conjunto com António Duran Gardeño, professor de Análise Matemática da Universidade de Sevilha. Há um mês que o académico espanhol se dedica a trabalhar sobre o complexo caso das pessoas que, estando infetadas, não apresentam sintomas da doença, continuando a transmitir-lha àqueles com quem contactam. Os especialistas afirmam que 80% dos

infetados não têm sintomas ou têm sintomas ligeiros.

Também esta sexta-feira, o jornal espanhol "El País" publicou um artigo intitulado "Os dados estão mal", que apresenta o trabalho de António Duran Gardeño, segundo o qual o número real de infetados no país vizinho não é de 64 mil, mas sim de mais

Académicos de Portugal e Espanha trocaram experiências e métodos de cálculo

de meio milhão de pessoas. Os métodos de cálculo usados pelo professor espanhol baseiam-se na diferenciação das mortes por faixas etárias e estão expostos no blogue do Instituto de Matemática da Universidade de Sevilha, onde Gardeño leciona. A divulgação destes dados provocou

divergências junto do Governo regional da Andaluzia, que deixou de divulgar os dados segmentados por idades.

Um amigo comum colocou Jorge Buescu e Gardeño em diálogo e, a partir daí, o português começou a avaliar aquela que acredita ser a real dimensão da pandemia de covid-19 no território nacional. Aplicando o mesmo raciocínio, o professor da Faculdade de Ciências calcula entre 47 mil e 90 mil o universo total de infetados. No primeiro caso, é tida em conta a eficácia das medidas de contenção em vigor e, no segundo, mais pessimista, considera-se o incumprimento do isolamento.

Perante estes cálculos, Buescu defende uma realização ampla de testes de diagnóstico: "Seguindo a orientação da Organização Mundial da Saúde, devemos promover um rastreio da população. Não podemos continuar só a testar as pessoas que têm sintomas e que se apresentam a exame."

A PARTIR DA PRÓXIMA EDIÇÃO

EXPRESSINHO

O Expresso oferece a toda a família, já a partir do próximo sábado, semanalmente, um suplemento nas páginas centrais da Revista E. O Expressinho traz muitas sugestões de atividades para fazer com os mais novos. São passatempos, desafios, notícias explicadas às crianças, para que consiga viver melhor nesta fase difícil e para que possa, de alguma forma, aproveitar os momentos em família da melhor forma, em casa.



EDP avança liquidez aos fornecedores

Elétrica decidiu antecipar pagamentos de mais de €30 milhões a cerca de 1200 PME

A EDP decidiu, no âmbito da crise económica provocada pela pandemia de covid-19, adiantar os pagamentos a fornecedores, antecipando para abril a liquidação de faturas que estava prevista apenas para maio. Em causa, explicou ao Expresso fonte oficial da empresa, está uma antecipação de pagamentos de mais de €30 milhões, que reforçarão a tesouraria de várias pequenas e médias empresas (PME) que trabalham com o grupo. Serão beneficiadas cerca de 1200 PME que prestam serviços à EDP.

No ano passado a elétrica contabilizou €757 milhões de compras a fornecedores em Portugal, mercado que fica apenas atrás dos Estados Unidos da América (onde a EDP regis-

tou compras a fornecedores de €1,18 mil milhões em 2019), de acordo com o último relatório anual de sustentabilidade do grupo.

A decisão desta semana vem somar-se a outras medidas que a EDP adotou no quadro da pandemia, que incluíram a suspensão de cortes de energia e o pagamento faseado de faturas, quer no segmento residencial quer no segmento de pequenos negócios.

Na semana passada, a elétrica anunciara ainda um investimento de €4 milhões, em conjunto com a China Three Gorges (sua maior acionista) na aquisição de equipamento médico (incluindo 50 ventiladores e 200 monitores) para doar a hospitais públicos portugueses. Também no Brasil a EDP avançou com um donativo superior a €1 milhão para financiar a compra de ventiladores hospitalares para a região de São Paulo.

Investigação capta €34 milhões

Duas dezenas de projetos vão receber fundos europeus do Horizonte 2020. Região Norte é a mais beneficiada

Das 69 propostas apresentadas por investigadores nacionais, 22 foram aprovadas para financiamento no âmbito do programa europeu Spreading Excellence and Widening Participation. A taxa de sucesso de 32% é superior à média da União Europeia, que se ficou nos 18%. Ao todo são €34 milhões, com a Região Norte a obter a maior fatia e o I3S, centro de investigação e inovação em saúde liderado pela Universidade do Porto, a alcançar o maior financiamento: quase €6 milhões para três projetos aprovados.

De acordo com o Ministério do Ensino Superior, as áreas da saúde e engenharia representam 77% dos projetos aprovados.

EXPRESSO

Sábado
28 de março
de 2020

28 03

#2474
expresso.pt

Últimas

Expresso/Escola Nacional de Saúde Pública Uma parceria do Expresso com a ENSP desenvolveu um inquérito *online* (já com 100 mil respostas) que tentará medir como os portugueses estão a sentir e a viver as medidas impostas.

Holanda analisa palavras "repugnantes" O Governo holandês vai analisar as palavras exatas que foram proferidas pelo seu ministro das Finanças no Conselho Europeu, para avaliar se foram, ou não, "repugnantes", tal como referiu António Costa. Wopke Hoekstra terá pedido que Espanha seja investigada por não ter capacidade orçamental para fazer face à pandemia.

Autarcas recebem O Governo vai acelerar os pagamentos de fundos europeus aos municípios, IPSS, instituições de ensino superior e outras entidades que estão a investir no quadro de apoio comunitário Portugal 2020.

E | Expresso
DIÁRIO

Use o código que está na capa da Revista E para ler o Expresso Diário de segunda a sábado no seu *smartphone*, *tablet* ou computador sem pagar mais por isso.

FMI fala em recessão A diretora-geral do FMI, Kristalina Georgieva, afirmou ontem que é claro que a economia mundial entrou "numa recessão igual ou pior do que a de 2009" devido à covid-19.

PSP prende, juiz liberta O juiz Bruno Lopes, do Tribunal de Instrução de Santarém, mandou libertar dois jovens detidos pela PSP depois de se terem recusado a voltar para casa. Magistrado alega que os polícias deviam ter acompanhado os dois às respetivas habitações.

Uber entrega compras A Uber está a desenvolver o Uber Drop-Off, para ajudar grandes retalhistas e pequenos comerciantes a entregarem, de forma mais rápida e eficaz, os seus produtos em casa dos portugueses.

Hospitais de Paris lotados Os hospitais de Paris e subúrbios estão à beira de esgotar as suas capacidades. O país tem 29 mil casos, 1300 doentes em cuidados intensivos e só espera o pico do contágio em abril.

TEMPO FIM DE SEMANA

	SÁBADO	DOMINGO
Bragança	☀️ 17° 1°	☀️ 18° 2°
Porto	☀️ 18° 7°	☀️ 19° 8°
Guarda	☀️ 13° 3°	☁️ 14° 8°
Lisboa	☀️ 20° 9°	☀️ 19° 10°
Évora	☀️ 18° 6°	☀️ 18° 7°
Faro	☀️ 19° 9°	☀️ 18° 12°
P. Delgada	☁️ 17° 12°	☁️ 16° 12°
Funchal	☀️ 19° 14°	☁️ 21° 15°
MARÉS	SÁBADO	DOMINGO
	Alta Baixa	Alta Baixa
Porto	17:12 23:19	18:46 00:55
Lisboa	17:35 23:22	19:09 00:57
Faro	16:54 22:44	18:28 00:21

FONTES: IPMA E INSTITUTO HIDROGRÁFICO

Cinzento "Nunca se é tão vencedor nem tão vencido como imaginamos", escreveu Charles de Montalembert. Céu nublado, para ver da janela.